

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula**  
**Programa de Pós-Graduação em Lingüística**  
**Doutorado em Lingüística**

**ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DAS ORAÇÕES**  
**COM ORDEM VERBO-SUJEITO**  
**NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**

**Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Lucia Maria Pinheiro Lobato**

**Brasília, 18 de abril de 2006**

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula**  
**Programa de Pós-Graduação em Lingüística**  
**Doutorado em Lingüística**

**ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DAS ORAÇÕES**

**COM ORDEM VERBO-SUJEITO**

**NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

**Doutoranda: Mestre Eloisa Silva Pilati**

**Comissão examinadora:**

**Dr.<sup>a</sup>. Daniele Marcelle Grannier (UnB) – Presidente**

**Dr.<sup>a</sup>. Charlotte C. Galves (UNICAMP)**

**Dr. Sérgio Menuzzi (UFRGS)**

**Dr.<sup>a</sup>. Maria Marta P. Scherre (UnB)**

**Dr.<sup>a</sup>. Orlene de Sabóia Carvalho (UnB)**

**Dr.<sup>a</sup>. Denize Elena Garcia da Silva (UnB) - Suplente**

**Brasília, 18 de abril de 2006**

*À memória de Lúcia Lobato,  
pela Luz intensa  
que sua existência  
trouxe a este mundo*

## **Agradecimentos**

À minha querida orientadora Dra. Lucia Maria Pinheiro Lobato (*in memoriam*) por todo aprendizado que me proporcionou desde o mestrado, além das palavras ficaram os exemplos.

Aos meus queridos orientadores *ad hoc* Dra. Heloisa Salles e Dr. Acrísio Pires pela ajuda *fun-da-men-tal* para a conclusão desta tese. Além dos agradecimentos, ficam registradas aqui minha grande admiração e gratidão pela generosidade de vocês.

Aos membros da Comissão examinadora, Dra. Daniele Marcelle Grannier, Dra. Charlotte C. Galves, Dr. Sérgio Menuzzi, Dra. Maria Marta P. Scherre, Dra. Orlene de Sabóia Carvalho e Dra. Denise Elena Garcia da Silva.

Aos Professores do Departamento de Lingüística Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília, Marta Scherre, Lurdes Jorge, Daniele Marcele Granier, Denise Helena, Luciana Dourado, Vânia Aragão, Aryon Rodrigues, e àqueles que por aqui passaram, em especial, à Cilene Rodrigues, Soledad Rojas e Francisco Queixalós.

Aos Professores de outras instituições, com que também tive o privilégio de aprender: Esmeralda Negrão, Evani Viotti, Ana Muller, Sérgio Menuzzi, Charlote Galves, Mary Kato, Ruth Lopes, Carlos Mioto, Ilza Ribeiro, Marcus Maia, Eva Fernandes, Eduardo Raposo.

Aos meus colegas da UnB, pelo prazer de tê-los por perto.... Marina Magalhães, Rozana Naves, Poliana Rabelo, Adriana Chan, Aroldo Andrade, Alexandre Muniz, Marcus Lunguinho, Walquíria Neiva Praça, Paulo Medeiros, Léia Silva e Déborah Oliveira e Adriana Vianna (*in memoriam*).

À querida funcionária da Pós-graduação em Lingüística da UnB Jacinta Fontenele

À minha grande amiga e companheira de *todas* as horas Helena Guerra Vicente

Aos meus amados pais – Sônia & Márcio –, irmãos – Paulo, Dani, Rê, David e Marquinhos e à minha querida Vovó Gessy.

Aos grandes amores da minha vida: Alexandre e Bruninha ♥

## RESUMO

Esta tese estuda as propriedades semânticas e sintáticas das orações declarativas com ordem Verbo-(Objeto)-Sujeito (VS) do português do Brasil (PB), atestadas em Pilati (2002), e faz uma proposta teórica para explicar tais propriedades. Também estabelece uma comparação entre as orações com ordem VS do PB e as do francês e do italiano. As conclusões da comparação são i) que as orações com ordem VS do PB não apresentam as mesmas características sintáticas que as orações do francês denominadas Inversões Estilísticas, e ii) que existem semelhanças entre as orações com ordem VS do PB do italiano, quando proferidas em orações declarativas que não são respostas a perguntas QU-. A semelhança mais importante é que as orações VS das duas línguas podem ser classificadas como Inversões Locativas (cf. Pinto, 1997). Quanto ao foco, a tese propõe que orações com ordem VS no PB contêm foco identificacional, com os traços de [+ exaustividade, -contrastividade] (cf. Kiss, 1998), daí serem interpretadas como portadoras de “interpretação de lista” (cf. Nascimento (1984). A leitura de foco de uma oração é *um fenômeno configuracional*, nas línguas. Foco é uma configuração determinada pelas propriedades morfossintáticas da língua (tais como: seleção semântica do predicado, possibilidades de movimento do verbo, categorização sintática de informações lexicais e formas de atribuição de Caso) em articulação com os princípios da gramática universal, que presidem as operações do sistema computacional. Em relação aos fatos de VS do PB, a conclusão foi a de que os fatores que licenciam ou que restringem as orações com ordem VS no PB são o resultado da confluência de fatores sintáticos e semânticos do PB atual, e que são esses mesmos fatores que fazem emergir a interpretação de foco identificacional das orações com ordem VS na língua.

## **Abstract**

This dissertation studies both syntactic and semantic properties of Verb-(Object)-Subject (VS) declarative sentences in Brazilian Portuguese (BP), attested in Pilati (2002), and it aims to explain such properties. It also presents a comparison between BP VS sentences and those from French and Italian. The conclusions that follow such analysis are: (i) that BP VS sentences do not display the same syntactic characteristics of a phenomenon known as Stylistic Inversion, present in French, and (ii) that there are similarities between BP and Italian VS sentences when they are produced as declarative sentences which are not answers to Wh- questions. The most important similarity concerns the hypothesis that VS sentences in both BP and Italian constitute cases of Locative Inversion (c.f. Pinto, 1997). As far as focus is concerned, this dissertation proposes that BP VS sentences have identificational focus, bearing [+ exhaustiveness, - contrastiveness] features (c.f. Kiss, 1998), therefore being interpreted as having a “list reading” (c.f. Nascimento, 1984). The interpretation of focus in a sentence is a configurational phenomena in all languages. Focus is a morphosyntactically-driven configuration (here are at stake notions such as predicate semantic selection, verb movement and Case assignment) in articulation with UG principles that are responsible for the computational system. Regarding the VS facts in BP, our conclusion is that the factors that license or constrain the generation of this kind of construction are the result of a confluence of syntactic and semantic characteristics of contemporary BP, and that it is these very characteristics which lead us to interpret BP VS sentences as bearing identificational focus.

**INTRODUÇÃO** - 10 -

---

**CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DOS PROBLEMAS** - 17 -

---

1.0	INTRODUÇÃO	- 17 -
1.1	ANÁLISES VARIACIONISTAS SOBRE A ORDEM VS NO PB E CARACTERIZAÇÃO DESCRITIVA	- 18 -
1.2	ANÁLISES GERATIVISTAS SOBRE A ORDEM VS NO PB	- 25 -
1.2.1	Ordem VS como configuração de ‘interpretação de lista’	- 26 -
1.2.1.1	Questões respondidas pela proposta de ordem VS como “interpretação de lista”	- 27 -
1.2.2	Ordem VS como resultado de diferentes estruturas	- 28 -
1.2.2.1	Questões levantadas pela proposta sobre a ordem VS como resultado de diferentes estruturas	- 33 -
1.2.3	O licenciamento da ordem VS e a presença de elementos em CP	- 35 -
1.2.3.1	Questões levantadas pela proposta do licenciamento da ordem VS e a presença de elementos em CP	- 36 -
1.2.4	A perda do movimento do verbo de I para C	- 37 -
1.2.4.1	Questões levantadas pela proposta da perda do movimento do verbo de I para C	- 39 -
1.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 39 -
1.4	ARCABOUÇO TEÓRICO: O PROGRAMA MINIMALISTA	- 42 -

**CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DE PROPOSTAS APRESENTADAS PARA A DERIVAÇÃO DE ORAÇÕES COM ORDEM VS EM OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS** - 51 -

---

2.0	INTRODUÇÃO	- 51 -
2.1	PROPOSTA DE MOVIMENTO DO IP PARA O ‘CAMPO’ DO CP	- 52 -
2.1.1	Características sintáticas das orações com SI do francês	- 54 -
2.1.2	Características apontadas como evidências de movimento de IP para o CP	- 56 -
2.1.3	A derivação de uma oração com SI	- 66 -
2.1.4	Comparação das características sintáticas das orações com SI no francês com as das orações com ordem VS no PB	- 67 -
2.1.5	Problemas para adoção da proposta de Kayne & Pollock (2001) para o PB	- 70 -
2.1.6	Considerações finais	- 71 -
2.2	PROPOSTA DA PERIFERIA DO VP	- 72 -
2.2.1	Contextos de utilização da ordem VS em italiano e comparação com os dados do PB	- 72 -
2.2.1.1	Síntese da comparação das orações com ordem VS no italiano com as do PB	- 79 -
2.2.2	A proposta da Periferia do VP	- 81 -
2.2.1	A atribuição de Caso nominativo ao sujeito: a proposta do Grande DP	- 86 -
2.2.3	Proposta de Belletti (2003) para as orações com ordem VS	- 91 -
2.2.4	Conseqüências e previsões da proposta da periferia do VP	- 93 -
2.2.5	Análise da proposta de Belletti (2003)	- 102 -
2.3	A PROPOSTA DAS INVERSÕES LOCATIVAS	- 106 -
2.3.1	Descrição e análise e orações com ordem VS no italiano	- 106 -
2.3.2	Proposta teórica para orações com ordem VS em italiano	- 119 -
2.3.3	Implicações da proposta para orações com outros tipos de foco	- 130 -
2.3.4	Comparação dos dados do italiano com os do PB )	- 137 -
2.3.5	Análise da proposta de Pinto (1997)	- 140 -



2.4	A PROPOSTA DE BISSEL (2004)	- 145 -
2.4.1	Críticas à proposta de Bissel (2004)	- 148 -
2.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 149 -

**CAPÍTULO 3 – EXPLICAÇÃO DOS FATOS E APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA TEÓRICA DA TESE** - 151 -

3.0	INTRODUÇÃO	- 151 -
3.1	O TIPO DE FOCO DAS ORAÇÕES COM ORDEM VS	- 155 -
3.1.2	Tipos de foco segundo Zubizarreta (1998)	- 156 -
3.1.2	Tipos de foco segundo Kiss (1998)	- 158 -
3.1.3	Análise das orações com ordem VS no PB quanto ao traço de foco	- 161 -
3.1.4	O foco de orações com ordem VS no italiano	- 167 -
3.2	EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO ALTERNATIVA PARA EXPLICAR AS CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DAS ORAÇÕES COM ORDEM VS DO PB	- 171 -
3.2.1	Descrição das características sintáticas e semânticas das inversões locativas	- 173 -
3.3	DERIVANDO AS ORAÇÕES COM ORDEM VS DO PB	- 202 -
3.3.1	Levantamento de características sintáticas do PB	- 204 -
3.3.2	Derivações de orações com ordem PPV(O)S	- 212 -
3.3.3	Estudos sobre a posição de sujeito no português do Brasil	- 216 -
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 230 -

**Capítulo 4 – CONCLUSÕES** - 232 -

**Referências bibliográficas** - 237 -

## Introdução

A presente pesquisa tem dois objetivos principais: (i) estudar as propriedades semânticas e sintáticas das orações declarativas com ordem Verbo-(Objeto)-Sujeito (V(O)S ou VS) no português do Brasil (PB) e (ii) fazer uma proposta teórica que consiga explicar as características sintáticas e semânticas encontradas. O trabalho que ora se apresenta teve seu início na pesquisa que fiz durante o mestrado (Pilati, 2002). Naquele trabalho, apesar de adotar as hipóteses da Gramática Gerativa, as orações com ordem VS do português do Brasil foram estudadas sob uma perspectiva analítico-descritiva. Isso porque, na época em que o estudo foi feito, observei que não havia consenso na literatura sobre o tema em relação às possibilidades de ocorrência das orações com ordem VS. Mais precisamente, não havia consenso sobre a possibilidade de ocorrência de ordem VS com verbos diferentes dos inacusativos, como os verbos inergativos e transitivos. Por esse motivo, antes de prosseguir pesquisando as orações com ordem VS no PB, era necessário responder a três questões: (i) Há no português a possibilidade de se formar orações com ordem VS com verbos diferentes dos inacusativos? (ii) Se houver essa possibilidade, como podem ser caracterizadas as orações com ordem VS formadas por verbos inergativos e transitivos? e (iii) Em que contextos são licenciadas as orações de ordem VS com verbos inergativos e transitivos no PB?

Os resultados daquela pesquisa, apesar de não terem sido quantificados, mostraram que, apesar de verbos inacusativos serem os mais frequentes em orações com ordem VS no PB, há realmente contextos em que orações com ordem VS e verbos inergativos e transitivos são licenciadas na língua. Por exemplo, as orações com verbos inergativos ocorrem em dois contextos principais: (i) descrições do falante sobre “O que

aconteceu?” como em (1a); e (ii) orações com ordem XP (adverbial ou dêitico) VS, as denominadas inversões locativas, como em (1b):

- (1) a. Ligou a Maria.
- b. Ali brincam as crianças.

Já as orações com ordem VS e verbos transitivos foram encontradas em dois contextos principais: (i) em contextos em que o predicado é previsível, como em narrações concomitantes de eventos esportivos, (2a) ou como em contextos instrucionais (2b), e (ii) em orações em que o predicado contém uma expressão idiomática, que também ocorrem em contextos em que o falante está a descrever um acontecimento, como em (2c):

- (2) a. Pega a bola o árbitro.
- b. Ganha o jogo quem completar o tabuleiro.
- c. Tomou posse o novo ministro da educação.

A conclusão da pesquisa de Pilati (2002) foi a de que há no PB orações em que a ordem VS ocorre com verbos inergativos e transitivos e que tais orações são produtivas na língua, apesar de ocorrerem em contextos específicos.

Certos estudos classificam os sujeitos de orações com ordem VS como tópicos deslocados à esquerda. Para esse tipo de análise, geralmente há uma pausa entre o verbo e o sujeito e há um pronome (fonologicamente nulo ou manifesto) no início da oração, como em (3a). Esse tipo de oração não será estudado na tese e sim as orações em que o sujeito à esquerda não tem pronome nem pausa (3b). Pilati (2002) analisou esses dois

tipos de oração e mostrou a diferença semântica ente elas. Vejamos a análise dos exemplos a seguir:

- (3) a. (Ele) tá pronto, o vestido azul.
- b. Tá pronto o vestido azul

Pilati (2002) sugere uma situação como a seguinte, para ilustrar as diferenças semânticas entre (3a) e (3b) e, conseqüentemente, para argumentar a favor da existência de diferentes estruturas sintáticas para orações com ordem VS. O contexto é o seguinte: uma jovem pergunta a sua costureira se as roupas que ela havia encomendado já estão prontas. A pergunta seria (4b):

- (4) Quais as minhas roupas que estão prontas?

Uma possível resposta seria (3b), com a oração entre parênteses subentendida:

- (3) b. Tá pronto o vestido azul (os outros vestidos não estão prontos).

Sabendo que uma das peças já estaria pronta, a jovem pergunta:

- (4) Já posso levá-lo?

E ouve a seguinte reposta (3a), com uma oração diferente da de (3b), como parte subentendida:

(3a) (Ele) tá pronto, o vestido azul (mas ainda não está passado).

Pelo fato de as orações em (3a) e (3b) apresentarem diferentes idéias subentendidas, infere-se que são orações que também apresentam diferentes estruturas sintáticas. Com esse tipo de comparação, Pilati (2002) mostra que é possível haver dois tipos diferentes de orações com ordem VS: uma em que o sujeito é um tópico deslocado à esquerda e outra em que o sujeito não pode ser interpretado com um tópico. A presente tese aceita a análise feita por Pilati (2002) e irá se deter no estudo de orações como (3b), em que o sujeito não é um tópico deslocado.

Como dito acima, a pesquisa do mestrado foi de caráter eminentemente descritivo. Numa teoria como a da Gramática Gerativa é necessário que, além de descrever os fatos, se encontre uma explicação para eles. A presente pesquisa, portanto, pretende considerar as conclusões da pesquisa anterior e responder a várias perguntas que se colocam, dada a conclusão de que a ordem VS no PB pode ser licenciada com verbos inacusativos, inergativos e transitivos. Entre as perguntas que se apresentam e que tentarei responder no presente trabalho estão:

1) Quais os fatores sintáticos responsáveis pelo licenciamento de orações com ordem VS no PB com verbos inacusativos, inergativos e transitivos?

2) Que tipo de informação semântica pode ser codificada numa oração com ordem VS no PB?

3) Em orações com sujeitos pós-verbais com os três tipos de verbos veiculam o mesmo tipo de informação semântica?

4) Por que no PB uma oração com ordem VS é licenciada com menos restrições quando o verbo é inacusativo, do que orações com verbos inergativos e transitivos?

5) As orações com ordem VS do PB se assemelham a orações com essa mesma ordem em línguas classificadas como pertencentes ao parâmetro do Sujeito Nulo como o italiano, ou as orações do PB se assemelham a construções presentes em línguas de Sujeito não Nulo como o francês?

6) Que contribuições uma pesquisa sobre orações com ordem VS no PB pode dar para a compreensão da gramática do PB, das gramáticas das línguas da questão (5) e sobre a gramática universal?

Para tentar responder a essas questões a presente pesquisa adota os pressupostos teóricos defendidos inicialmente no Programa Minimalista de Chomsky (1995) e em trabalhos posteriores.

Esta tese está organizada em quatro Capítulos. O Capítulo 1 apresenta uma caracterização geral das orações com ordem VS no PB e traz o arcabouço teórico que embasa a pesquisa, que é a Teoria Gerativa, em sua versão denominada Programa Minimalista. A primeira seção apresenta os resultados de estudos variacionistas sobre o tema (Lira, 1986, Pezatti, 1993, Coelho, 2000 e Alberton, 2001) e também traz a análise descritiva das orações com ordem V(O)S do PB. A segunda seção apresenta diferentes estudos, elaborados no âmbito da teoria da Gramática Gerativa, sobre a ordem VS no PB (Nascimento, 1984, Lobato, 1989, Kato & Tarallo, 1993/2003 e Figueiredo Silva, 1996). Nenhum dos estudos apresentados analisa as orações com ordem VS e verbos transitivos. Por esse motivo, considero que nenhum traz uma explicação completa sobre os aspectos sintáticos e/ou semânticos das orações com ordem VS. Os estudos são analisados com o objetivo de identificar as contribuições de cada um sobre as características das orações com ordem VS apresentadas e as perguntas por eles respondidas ou lançadas. A terceira seção traz uma revisão dos pressupostos teóricos adotados.

No Capítulo 2 são apresentadas e analisadas propostas explicativas sobre a ordem VS em outras línguas românicas, especificamente no francês e no italiano. Os objetivos gerais do capítulo são: (a) verificar semelhanças e diferenças entre as orações com ordem VS do PB e as de outras línguas românicas e (b) verificar a possibilidade de adoção das propostas teóricas apresentadas, como mecanismos sintáticos para explicar as orações com ordem VS no PB. O Capítulo traz as seguintes propostas: a de Kayne & Pollock (2001) sobre a periferia do CP, posição onde elementos com traço de foco e tópicos checariam seus traços, a de Belletti (2001, 2002, 2003) sobre a periferia do VP – local em que também são checados traços relativos a tópico e foco – a proposta de Pinto (1997) para as orações com ordem VS do italiano, em que a autora defende que em orações declarativas proferidas em contextos *out of the blue* são orações do tipo ‘Inversões Locativas’, para explicar sintaxe dessas orações é postulada a existência de um argumento clítico locativo/ temporal, nas orações com ordem VS. A última seção do Capítulo traz a proposta de Bissel (2004). Esse autor segue os aspectos descritivos das orações com ordem VS do italiano, propostos por Pinto (1997), mas elabora uma proposta teórica alternativa, baseando-se na postulação de um traço de foco, inserido na numeração e checado por elementos em *vP*.

O Capítulo 3 traz a proposta da tese para as orações com ordem VS no PB e tenta responder às questões de (1) a (5) propostas nessa introdução. A seção 3.1 se inicia com a análise sobre tipo de foco das orações com ordem VS. Nessa análise dou prosseguimento à proposta de Nascimento (1994), segundo a qual as orações com ordem VS do PB codificam “interpretação de lista”. Com base nessa generalização descritiva, elaboro uma argumentação a favor da classificação das orações com ordem VS no PB como orações contendo um tipo especial de foco, denominado foco identificacional, com os traços de [+ exaustividade, -contrastividade]. Mais

precisamente, proponho que as orações com ordem VS têm como característica principal a interpretação do sujeito como o constituinte que traz informação semântica de exaustividade, em relação aos membros de um dado conjunto. Uma consequência dessa proposta é a desvinculação da análise da ordem VS como sendo a estrutura que codifica o foco da informação nova, no PB. A bibliografia adotada para a análise apresentada se baseia basicamente em Kiss (1998) e Zubizarreta (1998). Na seção 3.2, é analisada a possibilidade de classificação das orações com ordem VS no PB como inversões locativas. Seguindo a descrição dos dados feita por Pilati (2004) e fazendo um paralelismo com a análise descritiva de Pinto (1997), a conclusão que se chega é que é possível analisar as orações com ordem VS do PB como Inversões Locativas. A seção 3.3 une os resultados obtidos nas seções 3.1.e.3.2 e mostra como é possível explicar as características sintáticas e semânticas das orações com ordem VS. A conclusão a que se chega é que os fatores que licenciam ou que restringem as orações com ordem VS no PB são o resultado da confluência de fatores sintáticos e semânticos, e que são esses mesmo fatores que fazem emergir a interpretação de foco identificacional das orações com ordem VS no PB. Ou seja, a tese propõe explicitamente que a leitura de foco de uma dada oração é *um fenômeno configuracional*, nas línguas. Quanto aos fatores sintáticos em jogo, influenciam o licenciamento dessa ordem o tipo de movimento do verbo no PB, a forma de categorização sintática de elementos com interpretação locativa e a forma com que a língua atribui Caso aos argumentos verbais. Em relação aos aspectos semânticos envolvidos estão os traços lexicais dos verbos e dos elementos selecionados. A última seção desse capítulo, 3.4, estabelece uma comparação entre a proposta apresentada e algumas análises sobre as características sintáticas do PB. O Capítulo 4 traz as conclusões finais da tese.



## **CAPÍTULO 1**

### **APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DOS PROBLEMAS**

#### **1.0 Introdução**

O presente Capítulo apresenta um panorama dos estudos elaborados sobre a ordem VS no PB e coloca questões a serem respondidas pela tese. A seção 1.1 traz os resultados de algumas análises variacionistas elaboradas sobre o tema como as de Lira, (1986), Pezatti (1993), Coelho (2000) e Alberton (2001) e faz uma caracterização descritiva dos tipos de orações com ordem VS constatados na língua. Essa caracterização leva em consideração o tipo de verbo da oração e os contextos em que as orações são licenciadas. A segunda seção, 1.2, traz algumas análises feitas sobre a ordem VS do PB dentro da teoria gerativista (Nascimento, 1984, Lobato, 1989, Kato & Tarallo, 1993/2003 e Figueiredo Silva, 1996). Essa revisão teórica tem dois objetivos principais: o primeiro é o de mostrar as contribuições de cada um dos trabalhos para a descrição e a análise das propriedades sintáticas e/ ou semânticas da ordem VS na língua, e o segundo é o de levantar questões que ainda não foram respondidas por esses estudos, para que o presente trabalho possa desenvolvê-las ou mesmo respondê-las.

## 1.1 Análises variacionistas sobre a ordem VS no PB e caracterização descritiva

A ordem VS do PB tem sido estudada sob os enfoques variacionista, funcionalista e gerativista. Estudos variacionistas atestam que, em situações de fala, a ordem VS (i) apresenta uma ocorrência bem mais baixa que a ordem SV e ii) é mais freqüente com verbos que selecionam apenas um argumento, os intransitivos (cf. Lira, 1986, Berlinck, 1989, Pezatti,1993, Coelho, 2000 e Alberton, 2001). A seguir, apresentamos os resultados quantitativos de alguns desses estudos, o que permitirá a ampla visualização das generalizações descritivas neles encontradas.

Tabela 1A: A ocorrência de sujeito pós-verbal, segundo Lira (1986: 19):

	N	%
Depois do verbo	367	20%
Antes do verbo	1469	80%
Total	1836	

Tabela 1B: A ocorrência de sujeito pós-verbal, segundo Lira (1986: 19):

Tipo de verbo	Posposto	Preposto	total	% dos pospostos
Intransitivo	302	1129	1431	21%
Transitivo	5	641	646	0.8%
Cópula	65	693	758	8%
Total	372	2463	2835	

Tabela 2: Ordens possíveis no PB para verbos de dois lugares, segundo Pezzatti (1993: 161):

	N	%
SVO	275	61,3
VOS	5	1,1
OSV	16	3,5
SUJ. NULO	152	33,9
<i>Total</i>	<i>448</i>	

Tabela 3: Ocorrência da ordem VS, segundo Alberton (2001: 69):

	Dados	Aplicação	%	Peso relativo
Transitivos	202	8	4	.08
De ligação	163	60	37	.35
Intransitivos	415	290	70	.80
Total	780	358	46	

Ainda de acordo com a maioria desses estudos, os verbos intransitivos que mais ocorrem na ordem VS são os com sentido apresentativo, verbos como *acontecer*, *aparecer*, *vir*. Ou seja, orações como (1a) são mais frequentes do que as orações como (1b). Já orações com verbos transitivos, do tipo de (1c) ou não são atestadas nesses estudos, ou são consideradas raras.

- (1) a. Chegaram as cartas.  
 b. Telefonou um cliente.  
 c. \*Comeu o bolo o João.

Em relação a fatores sintáticos fonologicamente manifestos e necessários para a ocorrência de orações como as em (1a, b), estudos (cf. Kato & Nascimento, 1996, Coelho, 2001) mostram que em muitos casos de orações com ordem VS há elementos adverbiais, em posição inicial da sentença como no exemplo em (2) (retirado de Coelho 2001:191):

- (2) Ali funcionava um local chamado Miramar.

Em relação à ocorrência de verbos transitivos em orações com sujeito pós-verbal, apesar de as pesquisas variacionistas constatarem que, estatisticamente, são construções raras no PB, há estudos funcionalistas como o de Naro & Votre (1999) que mostram em mais detalhe alguns contextos em que ocorre ordem VS com verbos transitivos, como se vê em (3):

- (3) a. Se você chegar em Pernambuco, ele não fala a mesma coisa que fala baiano.  
b. Nem sempre ganha o favorito.  
c. Cem mil cruzeiros faturou a nossa barraca.

Além dos exemplos acima retratados, em que o objeto direto não é realizado foneticamente por um DP, o estudo de Pilati (2002) constatou novos contextos sintáticos em que ocorrem sujeitos pós-verbais em sentenças com verbos transitivos e com objetos manifestos foneticamente, como os em (4):

- (4) a. *Participa do programa* o cantor Leonardo.  
b. Hoje *tomou posse* o novo Ministro da Cultura.  
c. *Arriscou o chute* Diego Tardelli.

De acordo com Pilati (2002), orações com ordem VOS ocorrem em contextos pragmáticos mais restritos do que os de ordem VS com verbos inacusativos. Esses contextos podem ser tanto de língua escrita, como em textos de jornais e revistas, quanto de língua falada, por exemplo, em sessões de debates e em narrações concomitantes. Exemplos típicos de narrações concomitantes são as narrações de

eventos esportivos, como partidas de futebol, corridas de Fórmula 1 e provas de ciclismo. Nesse tipo de evento geralmente há um locutor a descrever os fatos quase ao mesmo tempo em que estes ocorrem.

As orações com verbos transitivos e sujeitos pós-verbais podem ser separadas em três grupos: I) orações com predicados contendo verbos semanticamente leves (5a) e orações em que o verbo é transitivo, mas o objeto não é um DP (5b) e (5c) II) orações com predicados previsíveis<sup>1</sup> (6):

- (5) a. *Chama atenção especial* o elevado número de ocorrências do verbo existencial existir.  
b. *Tomou posse* o novo ministro.
- (6) *Pega a bola* o goleiro do Flamengo.

As orações com predicados contendo verbos semanticamente leves, ilustradas também em (7) abaixo, foram assim denominadas porque ou formam expressões idiomáticas como *pegar fogo*, ou contêm predicados em que: (i) o objeto é um elemento abstrato, (ii) geralmente, com baixa referencialidade (o seja, com referência ligada a um conceito abstrato, como *atenção*, ou a um evento, como *posse*) e (iii) pelos dois motivos anteriores, o predicado formado por verbo e objeto não tem interpretação semântica a não ser em conjunto.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Pilati (2002) nomeou as orações com ordem VOS proferidas em narrações de jogos de futebol como “narrações concomitantes”. No presente trabalho essas orações serão denominadas orações com “predicados previsíveis”, seguindo a descrição atribuída por Belletti (2001), para as orações do italiano. Isso porque a nova nomenclatura inclui outros tipos de construções com ordem VOS e capta a intuição de que o predicado (VO) das orações com ordem VOS é previsível no contexto pragmático.

<sup>2</sup> Chomsky (1981) denomina esse tipo de elemento de *quase-argumento*. Tal nomenclatura se justifica porque ora tais elementos se comportam como verdadeiros argumentos ora não. Por exemplo, por um lado esses argumentos verbais não podem ser interrogados sob a forma de elementos QU- (i), mas, por outro, podem controlar elementos em construções encaixadas (ii):

- (7) a. Tomou posse o novo presidente dos Estados Unidos.
- b. Hoje participará do debate o senador Cristóvam Buarque.
- c. Pega fogo a disputa eleitoral na cidade de São Paulo.
- d. Merece destaque o item (d).
- e. Também faz parte do CD o cantor Leonardo.
- f. Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena.
- g. Se o governador for cassado, assume automaticamente o governo o senador Benício Tavares.
- h. Pela primeira vez, assume a presidência um operário.

As orações com verbos-leves geralmente, mas não necessariamente, são licenciadas em contextos em que há um elemento adverbial, palavra QU- ou operador de foco à esquerda da oração, tais como nos exemplos (7b, e, h) descritos acima.

Predicados com verbos semanticamente leves são os mais frequentes em orações com ordem VOS em contextos de fala. Esse fato poderia levar a pensar que o licenciamento da ordem VOS estaria diretamente ligado a predicados com expressões já cristalizadas na língua ou com expressões idiomáticas. No entanto, há contextos em que verbos transitivos com DPs são licenciados com a ordem VOS, como no caso das construções orações contendo predicados previsíveis, proferidas contextos em narrações concomitantes (8):

- (8) Pega a bola o goleiro do flamengo.

- 
- (i) \*O que Lula tomou? (O que = posse)
- (ii) Lula tomou posse em Brasília e todo mundo parou para assisti-la.

Se a ordem VOS pode ser licenciada tanto com predicado contendo objetos com baixa referencialidade quanto com DPs, a explicação sobre o licenciamento de orações com ordem VOS e verbos transitivos parece não estar relacionada ao tipo sintagmático do objeto selecionado pelo verbo (a explicação sobre o licenciamento dessas orações será desenvolvida no Capítulo 03 desta tese).

As orações com predicados previsíveis geralmente são proferidas em contextos de narração concomitante. Nesses contextos, o narrador lista o fato ocorrido, que é considerado previsível por haver um número relativamente restrito de possibilidades de atos dentro de uma partida de futebol, e o relaciona ao praticante da ação, ao sujeito, como em (9).

- (9) a. Chuta a bola o jogador do flamengo.  
b. Abre o placar o time do Palmeiras.

Mas as orações com predicados previsíveis também ocorrem em contextos em que o conteúdo do VP já foi mencionado, é retomado no contexto e tem o sujeito modificado por uma oração relativa<sup>3</sup>, como em instruções de jogos (10a,b) ou ainda em textos que passam algum tipo de instrução, como em (11a,b):

- (10) a. Vence a partida o jogador que obtiver mais pontos.  
b. Ganha o jogo a equipe que fizer mais pontos.

---

<sup>3</sup> No presente trabalho, não considero relevante para a inversão do sujeito no PB o fato de o sujeito ser pesado (*heavy NP*) por ser modificado por uma oração relativa. Isso porque uma oração como (i) nunca será licenciada na ordem VS em PB, num contexto neutro, apesar de ser uma oração com sujeito pesado. Esse tipo de comportamento mostra que não é o fato de o sujeito estar sendo modificado por uma oração relativa o fator que licencia a inversão:

- (i) O menino que estava ao meu lado comeu o bolo.  
(ii) \*Comeu o bolo o menino que estava ao meu lado.

- (11) a. Podem fazer o saque pessoas com mais de 60 anos.  
b. Podem participar do concurso candidatos com mais de 18 anos.

Em relação a orações com verbos transitivos que não apresentam DPs como objetos diretos, o principal contexto em que esse tipo de oração foi atestado foi o de orações parentéticas. Nessas construções o complemento do verbo é apresentado como o relato de uma fala. Tal complemento é a asserção principal da sentença e por isso a estrutura apresenta a estrutura *[[complemento] + verbo + sujeito]* Essas orações são encontradas em contextos de citações de discurso direto, como em (12a,b) (exemplos retirado de Pilati 2002:71):

- (12) a. “De nada adianta a competência se você é uma desconhecida”, afirma o consultor.  
b. “... temos que nos preparar sempre para o mercado de trabalho” defende José Minarelli.

Em resumo, acrescentando os dados trazidos por Pilati (2002) aos contextos em que são possíveis sujeitos pós-verbais no PB apresentados e analisados em trabalhos anteriores, é possível elaborar a seguinte tabela sobre as ocorrências de orações com ordem VS no PB:



Tabela 4: Possibilidades de ordem VS no PB

Tipo de verbo	Exemplo
Inacusativo	<b>a) Chegaram as cartas.</b>
Inergativo	<b>b) Ligou a Maria.</b> <b>c) Ali moram os índios.</b>
Transitivo	<b>d) Tomou posse o novo ministro.</b> <b>e) Pega a bola o goleiro do Vasco.</b> <b>f) Ganha o jogo o participante que fizer mais pontos.</b> <b>g) “Você tem de estudar” disse o professor.</b>

Com base nas descrições estatísticas apresentadas nas Tabelas (1) a (3) e na descrição dos contextos de ocorrência atestados por Votre & Naro (1999) e por Pilati (2002) pode-se afirmar que as orações declarativas do PB com ordem VS apresentam dois padrões de comportamento: (i) inversão menos restrita, para orações com verbos inacusativos, (ii) inversão mais restrita se o verbo for inergativo ou transitivo.

## 1.2 Análises gerativistas sobre a ordem VS no PB

As análises gerativistas elaboradas anteriormente a Pilati (2002), como as de Nascimento (1984), Kato & Tarallo (1993/2003) e Figueiredo Silva (1996), analisam dados da ordem VS com verbos inergativos e inacusativos. Não consideraram como possíveis na língua as ocorrências com verbos transitivos com argumentos internos (objetos diretos ou indiretos) foneticamente realizados. Por esse motivo, nesses estudos não há uma análise que abarque as orações com verbos transitivos como as descritas por Pilati (2002) e que possa explicar as características gerais da sintaxe da ordem VS no PB. Apesar disso, cada uma das propostas contribui com aspectos importantes

relacionados a propriedades e características sintáticas e/ou semânticas das configurações que licenciam a ordem VS no PB. Essas contribuições serão apresentadas nas seções a seguir, na ordem cronológica em que os trabalhos foram desenvolvidos.

### 1.2.1 Ordem VS como configuração de ‘interpretação de lista’

Nascimento (1984), ao examinar a questão da posposição do sujeito no PB, defende a hipótese de que não há inversão livre do sujeito. Para o autor, são possíveis na língua orações com ordem VS com verbos inergativos e inacusativos, como em (13):

- (13) a. Viajou um professor de literatura. (inergativo)  
b. Chegou petróleo ontem. (inacusativo)

Para o autor, todas as frases com sujeito posposto no PB devem ser consideradas frases existenciais,<sup>4</sup> ou apresentativas, como prefere denominá-las. Sob o rótulo de frases apresentativas estão orações que possuem as seguintes características: i) expressam afirmação ou negação de existência; ii) a noção de existência pode estar relacionada ao quadro de referência de alguém; iii) geralmente podem ser expressas em inglês por sentenças com *there be*.

Ainda de acordo com Nascimento, além das características supra-citadas, as orações com ordem VS no PB recebem *sempre* “interpretação de lista”. Ou seja, contêm um NP sujeito, que, num certo nível de representação, é interpretado como em (14):

---

<sup>4</sup> Para uma discussão sobre as diferenças sintáticas e semânticas entre as orações existenciais e orações com verbos inacusativos e inergativos, ver Pilati (2002).

(14) NPs:...(x) e  $x \in Z$  (x) é o elemento denotado

Z é o conjunto de referência do qual (x) faz parte

Viajou a moça. ( e não o rapaz)

Viajou x e  $x \in Z$

x = a moça

Z = grupo das pessoas susceptíveis de viajar

De acordo com a análise do autor, numa oração como *Viajou a moça*, o DP *a moça* pode ser licenciado nessa posição porque preenche a posição de um elemento de um dado conjunto (o de pessoas com a possibilidade de viajar), presente na mente do falante.

Em relação à restrição a sujeitos pós-verbais a verbos transitivos, Nascimento considera que são orações agramaticais no PB. Em relação à estrutura sintática proposta para as orações com ordem VS, o autor afirma que sujeitos pós-verbais estão numa posição de objeto, à direita do verbo, seja inacusativo seja inergativo.

### **1.2.1.1 Questões respondidas pela proposta de ordem VS como “interpretação de lista”**

Ao interpretar as orações com ordem VS como orações que recebem “interpretação de lista”, Nascimento (1984) inicia uma importante discussão sobre as propriedades “semânticas” das orações com ordem VS. A discussão parece ir na direção das respostas para as perguntas (2) e (3) apresentada na introdução do presente trabalho e repetidas abaixo:

2) Que tipo de informação semântica pode ser codificada numa oração com ordem VS no PB?

3) Em orações com sujeitos pós-verbais com os três tipos de verbos veiculam o mesmo tipo de informação semântica?

Em direção às respostas dessas perguntas, há a proposta de Nascimento de que as orações com ordem VS ocorrem quando os falantes desejam expressar um dado tipo de informação, que é denominada interpretação de lista.

No Capítulo 3, seção 3.1, veremos como é possível relacionar a proposta de interpretação de lista ao tipo de foco codificado nas orações com ordem VS. Com essa relação será proposto que as orações com ordem VS do PB, independentemente do tipo de verbo que contenham apresentam o mesmo tipo de informação semântica, no sentido em que todas são interpretadas como orações que apresentam Foco Identificacional (cf. Kiss, 1998).

### **1.2.2 Ordem VS como resultado de diferentes estruturas**

Kato & Tarallo (1993/2003) discutem vários aspectos relativos à questão da configuração sintática das orações com ordem VS no PB. Entre as discussões levantadas há três pontos importantes: a) os autores elaboram uma hipótese para explicar os motivos que levaram o PB a apresentar uma sintaxe de inversão mais restrita do que em outras línguas de sujeito nulo, como, por exemplo, o português europeu; b) argumentam a favor da análise de orações com ordem VS como um fenômeno sintático que não possui uma única estrutura e c) propõem a restrição de mono-argumentalidade – uma

restrição sintático-fonológica que se aplicaria às orações com ordem VS no PB, impedindo a ocorrência dessa ordem com verbos transitivos, com objetos (DPs) manifestos.

Em relação à questão da mudança sintática por que passa o PB, os autores argumentam que a sintaxe restritiva de VS no PB se dá devido a dois processos de mudança no sistema: a) desaparecimento de pronomes clíticos de 3ª pessoa, os quais foram substituídos ou por pronomes lexicais nominativos, ou por categorias nulas e b) mudança gradual de língua de sujeito nulo para língua de sujeito não nulo. A análise proposta argumenta a favor da interação de duas grandes propriedades do parâmetro pro-drop – sujeito nulo e inversão livre. Os autores fundamentam sua proposta em análises que atestam uma redução na produtividade de VS, como a de Lira (1986), e na análise de Tarallo (1983), que atesta o aumento das orações com sujeito manifesto e, conseqüentemente, o decréscimo no uso de sujeito nulo. Frente a esses dois fenômenos de mudança, os autores elaboram a hipótese de que, se a inversão do sujeito é previsível pela possibilidade de sujeitos nulos, o aumento de sujeitos pronominais levará o PB à perda da propriedade da inversão.

Além dessa previsão, os autores tentam relacionar a interação do fenômeno da inversão com outras partes da gramática. Isto é, tentam estabelecer uma correlação entre a ordem VS e a existência de um sistema de clíticos rico. Baseando-se novamente em estudos variacionistas (Omena, 1978, Pereira, 1982 e Duarte, 1986), os autores afirmam que há no PB um gradual desaparecimento de objetos clíticos. A hipótese é a seguinte: a inversão no PB é restrita porque o desaparecimento de clíticos e o conseqüente uso de pronomes lexicais em contextos não anafóricos deixa os objetos visíveis como argumentos,<sup>5</sup> como em (15):

---

<sup>5</sup> Segundo Acrísio Pires (c.p. 2005) hipótese de que o desaparecimento de clíticos leva necessariamente ao uso de pronomes lexicais plenos foi contestada por Cyrino (1994) e por Pires (2001).

- (15) a. Maria deu o brinquedo a/para o João.  
b. ??Maria deu-o ao João.  
c. Maria deu ele pro João.

A interpretação dos dados em (15) é a seguinte: para substituir o objeto direto, como o constituinte *o brinquedo* em (15a), em vez de usar um clítico nominativo, como em (15b), o PB está usando um pronome lexical nominativo, como em (15c).

A mudança causada pela substituição dos clíticos pelos pronomes (nominativos-objeto) faz com que o PB perca também a propriedade de inversão. Isso porque, ao mesmo tempo, a língua está sujeita ao filtro de mono-argumentalidade – restrição sintático-fonológica que não licencia construções em que ocorram dois argumentos DPs em posição pós-verbal. Ou seja, o PB perde os clíticos de terceira pessoa, que poderiam se mover junto com o verbo, e em seu lugar passa a usar pronomes lexicais plenos, que não sofrem o mesmo tipo de movimento e que ficam na posição pós-verbal. Se houvesse, por exemplo, o movimento do verbo para a esquerda numa oração com dois argumentos, seria construída ou a ordem VOS, ou a ordem VSO. Ambas as ordens são barradas pelo filtro de mono-argumentalidade. Para deixar mais clara a correlação que os autores pretendem estabelecer, usarei as palavras de Kato (2000:99) para explicar a proposta:

A existência de clíticos permite a redução fonológica dos argumentos de um verbo, uma vez que clíticos permitem esvaziar a posição do complemento. Se a língua é sujeita à restrição de mono-argumentalidade, então a entrada de pronomes nominativos na posição de complementos impede que a posição dos argumentos complementos seja esvaziada.

Um argumento citado pelos autores para confirmar esta hipótese é o de que, em línguas de sujeito nulo, como o italiano e o espanhol, orações com sujeitos pós-verbais a verbos transitivos são encontradas principalmente quando os objetos são clíticos, como se pode ver nos exemplos em (15a) e (16a):

(15) a. L'ha mangiata la mamma.  
“A comeu a mãe”

b. ?Ha mangiato la torta la mamma.  
“Comeu a torta a mãe”

(16) a. L'ha letto mio fratello.  
“O leu meu irmão”

b. ?Ha letto il libro mio fratello.  
“Leu o livro meu irmão”

Contextos em que há ordem VOS, porque o objeto não é um clítico (15a) (16a) recebem julgamento de orações de ocorrência marginal.

Quanto às diferentes estruturas possíveis, os autores mostram que há dois tipos de construções com ordem VS: *antitopic* (antitópico) e *V-fronting* (fronteamento de V). Para os autores, as construções com antitópico são parecidas com as inversões livres das línguas de sujeito nulo. A interpretação atribuída por Kato & Tarallo a essas sentenças é a de que o NP sujeito está numa posição não argumental, simétrica ao tópico da sentença, e que possui um sujeito pronominal correferencial a ele dentro do IP. Ainda em relação às orações com antitópico, os autores propõem que essas orações são sensíveis à restrição de mono-argumentalidade. Em (17B) há um exemplo de oração com anti-tópico:

(17) A: Onde será que anda o Pedro?

B: (Ele) está AQUI, o Pedro.

Em relação às orações com V-fronting os autores propõem que essas são orações em que há o fronteamento do verbo para uma posição acima da do sujeito. Segundo os autores, possivelmente o verbo vai para o núcleo I, e o sujeito fica no especificador de VP, como representado em (18):

(18) A: Quem telefonou esta manhã?

B: Telefonou<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> O NOVO NAMORADO DA XUXA t<sub>v</sub>]

[<sub>IP</sub> \_\_\_ [<sub>I</sub> telefonou<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> O NOVO NAMORADO DA XUXA [<sub>tv</sub>]]]

Do ponto de vista funcional, orações com antitópico e orações com fronteamento de V são construções complementares. Oações com *V-fronting* ocorrem quando o sujeito é o foco da oração, por exemplo, em (19B):

(19) A: Quem chegou?

B: Chegou a Maria.

Como se nota nos exemplos acima, o verbo só seleciona um argumento. Nesse caso pode haver o movimento do verbo para a esquerda, e o constituinte com a informação de foco fica à direita.



As orações com antitópico, por sua vez, ocorrem em contextos em que um constituinte diferente do sujeito é o foco e o sujeito, por ser uma informação velha no discurso, ocorre numa posição de tópico, como em (20B''):

(20) A:QUANDO o cowboy telefonou?

B: Telefonou ESTA MANHÃ.

B': Ele telefonou ESTA MANHÃ

B'': (Ele) Telefonou ESTA MANHÃ, o novo namorado da Xuxa.

Para os autores, em construções de antitópico, a realização do sujeito pode ser nula (20B) ou pronominal (20B'), e em ambos os casos o sujeito pré-verbal (quando pronominal) pode ser predicado pelo antitópico.

### **1.2.2.1 Questões levantadas pela proposta sobre a ordem VS como resultado de diferentes estruturas**

A análise dos autores defende uma hipótese sobre as mudanças na gramática do PB e uma hipótese sobre as estruturas da língua. O presente trabalho não se deterá em questões relacionadas à mudança por que passou o PB. Em relação às estruturas apresentadas as orações com ordem VS, a proposta traz contribuições importantes na busca de uma resposta para a questão 1), formulada na introdução e repetida abaixo:

1) Quais os fatores sintáticos responsáveis pelo licenciamento de orações com ordem VS no PB com verbos inacusativos, inergativos e transitivos?

Em relação às estruturas sintáticas em que uma oração com ordem VS pode ocorrer, a análise dos autores mostra que orações com ordem VS pode ser o resultado de diferentes configurações sintáticas: v-fronting e construção de antitópico.

Apesar de contribuir para a explicação sobre os fenômenos envolvidos no licenciamento de orações com ordem VS no PB, a proposta dos autores é problemática porque:

a) A estrutura de frenteamento de V proposta pelos autores considera que verbos inacusativos e verbos inergativos compartilham a mesma estrutura quando em VS. Uma questão que a análise feita nesses moldes deixa sem responder é: Por que os verbos inacusativos são mais frequentes em construções com a ordem VS e os inergativos nem tanto? Ou seja, se os dois tipos de verbos fossem licenciados na mesma estrutura sintática, seria de se esperar que ambos licenciassem sempre orações com VS. Mas uma oração como *?Correu o João* o verbo é inergativo e a oração apresenta restrições à ordem VS.

b) Outra questão problemática da proposta é a restrição de mono-argumentalidade, pois, como visto na seção 1.1, em certos contextos, o português pode licenciar a ordem VS em orações com mais de um argumento fonologicamente realizado, o que contraria a restrição de mono-argumentalidade. Além desse aspecto, a ordem atestada é sempre VOS e nunca VSO (que não foi atestada nos contextos discursivos estudados na presentes pesquisa).

Dadas essas questões quanto ao número de argumentos realizado e às posições ocupadas por esses argumentos, há várias perguntas que ainda precisam ser respondidas, tais como:

i) Por que existe no PB e no italiano, segundo a autora, a restrição de mono-argumentalidade em orações com ordem VS? Em outras palavras, por que, quando

sujeitos estão em posição pós-verbal, os objetos fonologicamente realizados são tão raros nessas línguas?

ii) Por que, tanto no italiano (cf. Kato) quanto no PB (cf. Pilati, 2002), as orações com ordem VOS são mais frequentes que as orações com ordem VSO?

iii) Como são licenciadas as orações com ordem VOS no PB?

Retomaremos essas questões no Capítulo 3, seção 3.3.

### 1.2.3 O licenciamento da ordem VS e a presença de elementos em CP

A análise de Lobato (1989) contribui com uma interessante questão a ser investigada em relação à estrutura sintática de orações com a ordem VS. Para a autora, o movimento de V para C que influencia o preenchimento de Especificador do CP. A autora analisa as seguintes orações em (22) para chegar a tal constatação:

- (22) a. Onde moram os meninos? (com deslocamento de sintagma QU- e *V-front*)  
b. Onde os meninos moram? (com deslocamento de sintagma QU-)  
c. Os meninos moram onde? (sem deslocamento de sintagma QU- e sem *V-front*)  
d. Moram os meninos, onde? (sem deslocamento de sintagma QU- e com *V-front*)

Em (22a) ocorre deslocamento de sintagma QU- e *V-front*, em (22b) ocorre somente o deslocamento QU-, em (22c) não ocorre nenhum deslocamento, no entanto, apesar de apresentarem estruturas diferentes, as três orações podem ser usadas como perguntas referentes a um novo tópico no discurso. Porém, em (22d), em que só houve *V-front*, a

construção não pode ser usada para introduzir uma pergunta referente a um novo tópico do discurso, o mais natural seria usar (22d) como pergunta eco. Devido aos comportamentos da oração em (22d), a autora conclui que "desde que escolhida a anteposição do verbo, [...], parece que o natural é também deslocar o sintagma QU-" (p.129).

### **1.2.3.1 Questões levantadas pela proposta do licenciamento da ordem VS e a presença de elementos em CP**

A questão sobre o preenchimento de C levantada pela autora é relevante para o estudo dos mecanismos que licenciam a ordem VS, principalmente porque há orações com ordem VS que só são licenciadas nessa ordem se apresentarem um elemento à esquerda (possivelmente em CP), como as do exemplo (2) e (3) repetidas abaixo como (23) e (24):

(23) a. \*Brincam as crianças.  
b. Ali brincam as crianças.

(24) a. \*Moram os índios.  
b. Ali moram os índios.

Frente aos dados como em (23) e (24) e à análise das orações em (22) ficam questões a serem investigadas: a) Por que motivo certas orações com ordem VS geralmente são licenciadas quando há elemento lexical à esquerda? b) O elemento no CP é responsável por alguma informação semântica, isto é, pode ser considerado um operador semântico?

#### 1.2.4 A perda do movimento do verbo de I para C

Em seu estudo sobre as posições possíveis para os sujeitos no PB, Figueiredo Silva (1996) faz uma comparação entre o PB e o italiano para mostrar que no PB não é possível que o verbo atribua Caso nominativo sob regência.<sup>6</sup> Com essa análise, a autora mostra também que o PB perdeu o movimento do verbo de I para C e que é a perda desse movimento o fator que impede a atribuição de Caso nominativo sob regência. Os exemplos analisados por Figueiredo Silva são:

I) Construção condicional, onde, em italiano, o verbo auxiliar pode substituir o complementador *se*:

(25) a. Se lui avesse capito al volo, tuttu sarebbe andato benne.

b. \*Lui avesse capito al volo, ...

c. \*Se avesse lui capito al volo,...

d. Avesse lui capito al volo,...

(26) a. Se ele tivesse compreendido rápido, tudo teria dado certo.

b. \*Ele tivesse compreendido rápido,...

c. \*Se tivesse ele compreendido rápido,...

d. \*Tivesse ele compreendido rápido,...

---

<sup>6</sup> Nessa época a teoria considerava que havia duas formas de o verbo atribuir Caso nominativo ao sujeito: sob concordância como em (i) ou por regência como em (ii):



O que as orações em (25) revelam é que em italiano, em uma oração condicional, o verbo auxiliar pode subir para C, ocupando o lugar do complementador *se*, e atribuir Caso nominativo ao sujeito pós-verbal. Isso ocorre porque, da posição C, o verbo auxiliar é capaz de reger o sujeito em Especificador de IP. Essa configuração ocorre em (25d). As orações (25b) e (25c) são agramaticais porque, em (25b), apesar de o complementador *se* não estar manifesto, o verbo não subiu para C e não pode reger o sujeito. Já (25c) é agramatical porque o verbo *avesse* e o complementador *se* não podem ocorrer concomitantemente em C, porque ambos disputam essa posição, e mantêm entre si uma relação de distribuição complementar.

Quanto aos exemplos do PB, a autora julga (26d) agramatical e daí conclui que no PB não há atribuição de Caso sob regência. Além dessa conclusão, constatamos que não há movimento do verbo de I para C.

II) Construção no subjuntivo, que em italiano admite opcionalmente o apagamento do complementador (27a). Tal apagamento se torna obrigatório se o auxiliar precede o sujeito (27b):

(27) a. Speravo (che) tu fossi disposto ad aiutarci.

b. Speravo (\*che) fossi tu disposto ad aiutarci.

(28) a. Eu esperava \*(que) você tivesse disposto a ajudar a gente.

b. \*Eu esperava (que) estivesse você disposto a ajudar a gente.

A oração do exemplo (27b) é agramatical no italiano porque, quando o verbo auxiliar precede o sujeito da oração encaixada, deve ocorrer obrigatoriamente o apagamento do complementador C. Esse apagamento se explica porque o verbo sobe exatamente para a posição C e é de lá que atribui Caso nominativo ao sujeito, numa relação de regência. Dado o julgamento de agramaticalidade de (28b), a conclusão da autora para o PB é que não há atribuição de Caso sob regência e tampouco movimento do verbo de I para C.

#### **1.2.4.1 Questões levantadas pela proposta da perda do movimento do verbo de I para C**

A análise da autora parte da comparação de algumas orações do PB e do italiano para argumentar a favor da hipótese de que o PB não atribui mais Caso nominativo sob regência, pelo menos de C para I. Esses mesmos dados mostram que a língua perdeu o movimento do verbo de I para C. Levando em consideração esses fatos, a questão básica que se coloca para o estudo das orações com ordem VS no PB é:

i) Visto que o português perdeu o movimento de V para I e de I para C, como são licenciadas as orações com ordem VS na língua?

### **1.3 Considerações finais**

Como visto na seção 1.1, o presente estudo parte do pressuposto de que no PB a ordem VS é mais freqüente com verbos inacusativos e ocorre com restrições quando o

verbo é inergativo e transitivo. Análises variacionistas revelam que houve um decréscimo no uso de orações com ordem VS na língua. Os verbos mais freqüentes em construções com ordem VS são os inacusativos, mas ainda há contextos em que ocorrem verbos inergativos e transitivos. As análises gerativistas elaboradas sobre a ordem VS não levavam em consideração a possibilidade de ordem VS com verbos transitivos, quando os objetos estão fonologicamente manifestos, e por isso não podem explicar todas as características sintáticas do licenciamento dessa ordem no PB. Porém, como visto na seção 1.2, os vários trabalhos que já foram realizados sobre a ordem VS no PB deram contribuições significativas para explicar esse fenômeno sintático. No entanto, ainda restam questões a serem respondidas sobre vários aspectos da sintaxe e da semântica dessas orações. A seguir são rerepresentadas as questões formuladas durante a revisão dessa literatura, as quais serão acrescentadas às questões de número 1 a 6 apresentadas na introdução para serem respondidas no Capítulo 3 desta tese.

- a) Por que motivo certas orações com ordem VS geralmente são licenciadas quando há elemento lexical à esquerda?
- b) O elemento no CP é responsável por alguma informação semântica, isto é, pode ser considerado um operador semântico?
- c) Por que existe no PB e no italiano, segundo a autora, a restrição de monargumentalidade em orações com ordem VS? Em outras palavras, por que, quando sujeitos estão em posição pós-verbal, os objetos fonologicamente realizados são tão raros nessas línguas?
- d) Por que, tanto no italiano (cf. Kato, 2000) quanto no PB (cf. Pilati, 2002), as orações com ordem VOS são mais freqüentes que as orações com ordem VSO?
- e) Como são licenciadas as orações com ordem VOS no PB?



- f) Visto que o português perdeu o movimento de V para I e de I para C, como são licenciadas as orações com ordem VS na língua?

#### 1.4 Arcabouço teórico: o Programa Minimalista

A presente tese usa como pressupostos teóricos o Programa Minimalista de Chomsky (1995) e algumas implementações feitas em trabalhos posteriores como em Chomsky (2000) e (2001). A seguir serão apresentadas as linhas gerais desse Programa de pesquisa e os principais conceitos que estarão presentes na tese.

A hipótese de trabalho do Programa Minimalista é a de que a faculdade de linguagem, ou Gramática Universal (GU) é perfeita quanto à sua arquitetura. Uma dada língua L é uma realização particular do estado inicial do sistema cognitivo da faculdade da linguagem, com opções especificadas por meio do processo de aquisição da linguagem (considerando um modelo de aquisição da linguagem uma função que mapeia o Estado Inicial  $S_0$  para uma língua particular, fazendo uso da experiência lingüística primária).

Uma língua particular L consiste de um Léxico e de um Sistema Computacional ( $C_{HL}$ ). Além disso, uma língua particular é vista como um procedimento gerativo (ou um sistema computacional) que constrói pares  $(\pi, \lambda)$  os quais são interpretados respectivamente nas interfaces articulatório-perceptual (A-P) e conceptual-intencional (C-I) como instruções para os sistemas de performance. Esses dois sistemas lidam com a propriedade das línguas naturais de serem combinações entre som e significado.  $\pi$  é uma representação do componente fonológico da língua (Forma Fonética – FF) e  $\lambda$  do componente semântico, lógico, (Forma Lógica – FL).

O procedimento gerativo funciona da seguinte forma: uma língua L constrói pares  $(\pi, \lambda)$  que são interpretados pelas interfaces FF e FL como “instruções” para os sistemas de desempenho. Nesse sentido, uma expressão lingüística é um objeto formal que satisfaz as condições de interface de maneira ótima.

Numa linha teórica como a do Minimalismo, em que se procura o *design* mais simples para a linguagem, há apenas esses dois níveis de interfaces: FF e FL. Esses níveis de interfaces são propostos porque a informação fornecida por L tem de se acomodar ao aparato sensorial e ao aparato motor dos seres humanos. Sendo assim, a gramática universal tem de providenciar uma componente fonológica para converter os objetos gerados pela língua L numa forma que esses sistemas externos possam usar e que ao mesmo tempo ofereça informações semânticas serem interpretadas. Em outras palavras, para que essas interfaces sejam alimentadas os objetos sintáticos têm de receber interpretações em cada um dos dois níveis. Essa obrigatoriedade de satisfazer as interfaces é denominada Interpretação plena (*Full Interpretation* — FI). Uma derivação convergirá se satisfizer FI em ambos os níveis de interface.

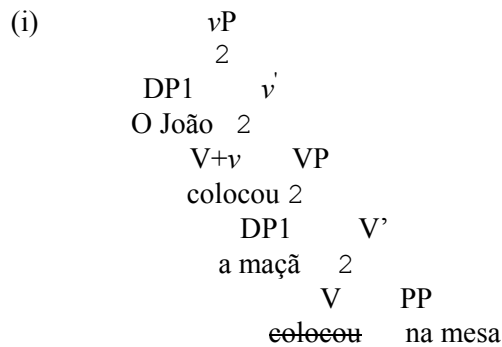
Uma dada língua, então, funciona como um conjunto de *derivações*. A derivação de uma expressão lingüística ocorre a partir da escolha dos itens do léxico – selecionar (*select*) e segue até a construção de um par de representações de interface ( $\pi$ ,  $\lambda$ ). Depois o sistema computacional da língua  $C_{HL}$  faz o mapeamento de uma série (*array*) de escolhas lexicais para o par ( $\pi$ ,  $\lambda$ ) que devem ser compatíveis, ou seja, devem ser baseados nas mesmas escolhas lexicais. Em seguida ocorre o *Spell-out*, operação que separa a sintaxe ou componente manifesto da sintaxe ou componente coberto.

O léxico de uma língua contém categorias com três tipos de traços: traços formais, traços semânticos e traços fonológicos. São traços formais traços  $\phi$  (de gênero, número e pessoa), traços de Caso e traços categoriais [+ - N] e [+ - V]. Os traços fonológicos são os que servirão de entrada para o sistema articulatório-perceptual. Os traços semânticos são aqueles relevantes para o sistema conceito-intencional e os traços formais são aqueles acessíveis apenas ao sistema computacional. Entre os traços formais há os traços interpretáveis e os traços não interpretáveis. Traços interpretáveis

são traços que recebem interpretação na interface com o sistema conceitual-intencional. São traços interpretáveis traços de gênero, pessoa e número, os chamados traços  $\phi$ . Entre os traços não interpretáveis estão: (a) os traços de Caso dos DPs, (b) os traços  $\phi$  associados a categorias funcionais e (c) o traço EPP (*Extended Projection Principle*). Esses traços são assim denominados por não receberem interpretação na interface conceito-intencional.

Entre as categorias que compõem o léxico de uma língua há as categorias funcionais e as categorias lexicais. As categorias lexicais são Verbo, Preposição, Nome e Adjetivo. As categorias funcionais são Complementador (que é o núcleo do sintagma complementador – CP), Determinante, (núcleo do sintagma determinante – DP), Verbo leve (núcleo do sintagma verbal do tipo –  $v$ P) e Tempo (núcleo do sintagma temporal – TP). As categorias funcionais são elementos cuja existência na teoria é motivada pelo fato de terem conteúdo semântico. Por exemplo, o Complementador é responsável pelo tipo da sentença: afirmativa, interrogativa..., o verbo leve é responsável pela saturação argumental de um predicado transitivo.

É sob o domínio da categoria verbo-leve ( $v$ P) que as relações temáticas entre os elementos da oração irão se estabelecer. Numa oração como *João colocou a maçã na mesa* será na posição de Especificador de  $v$  que o argumento externo do verbo (*João*) será inserido e receberá seu papel temático. Os argumentos internos dos verbos são inseridos dentro da projeção VP. O elemento que receberá Caso acusativo estará no especificador de VP e elemento oblíquo (PP) na posição de complemento de V. Após a explicação de mais alguns conceitos da teoria representaremos passo a passo a derivação da oração *João colocou a maçã na mesa*



O Princípio de Interpretação Plena estabelece que traços formais e traços semânticos não estejam presentes em FF e traços fonológicos e traços não interpretáveis não estejam presente em FL. É a operação denominada *Spell-out* a responsável pela remoção de traços fonológicos numa dada derivação. Os demais traços não são atingidos por *Spell-out*, e podem continuar a ser acessados pela computação em direção à FL.

Uma observação em relação ao funcionamento do sistema computacional é que a computação deve ser feita em passos simples, expressos em termos de propriedades e relações naturais. O contexto que torna essas relações naturais é muitas vezes eliminado por operações subseqüentes ficando invisível nas representações em que a derivação converge. Assim na sintaxe as relações são tipicamente locais, mas uma seqüência de operações pode derivar uma representação na qual essa localidade fica obscurecida.

As operações gramaticais ocorrem devido à necessidade dos elementos sintáticos de checarem seus traços formais. A eliminação dos traços não interpretáveis se dá por meio de relações de checagem entre um núcleo funcional e os traços formais de um outro elemento. A checagem de traços se dá por meio de *Agree* (concordância), num sistema de sonda-alvo – *probe-goal* – (cf. Chomsky, 2000). Nesse sistema a sonda (*probe*), que é o conjunto de traços formais não interpretáveis de um núcleo funcional,

concorda com um alvo (*goal*), elemento com traços formais interpretáveis do mesmo tipo dos apresentados pelo núcleo funcional da sonda. Após a verificação entre os valores dos traços do *probe* e do *goal* os traços não interpretáveis são eliminados. Para que um elemento seja um *goal* para um *probe*, ele deve estar sob o domínio do *probe*. Ou seja, o *probe* deve c-comandar o *goal*. Além disso, a relação entre *probe* e *goal* deverá respeitar duas condições:

- 1) Condição de Elo Mínimo (MLC): o *goal* deve ser o primeiro elemento contendo traços interpretáveis capazes de checar os traços do *probe*.
- 2) Condição de Intervenção Defectiva: não deve haver entre o *probe* e o *goal* um alvo inativo (que já tiver checado seus traços) mais próximo do *probe* que o *goal*, porque a presença desse elemento inativo bloqueia a combinação entre o *probe* e o *goal*. Numa configuração do tipo  $\alpha > \beta > \gamma$ . Se  $\alpha$  é um *probe* que precisa checar seus traços com  $\gamma$ , e um  $\beta$  inativo estiver entre os dois, a concordância entre  $\alpha$  e  $\gamma$  não será possível.

Se o *probe* tiver um traço não interpretável denominado EPP, além da checagem de traços haverá movimento do *goal* para a posição de especificador do *probe*.

De acordo com Chomsky (2000), as categorias atribuidoras de Caso são T finito e  $v$ . T finito atribui Caso nominativo ao argumento externo do verbo da oração, por meio de uma operação de checagem de traços  $\phi$  não interpretáveis e  $v$  atribui Caso

Acusativo ao elemento selecionado por V, pelo fato de também ser uma categoria portadora de traços  $\phi$  não interpretáveis.

Um exemplo de uma derivação dentro do modelo teórico adotado e da relação entre *probe-goal* pode ser ilustrado com a oração: *O João colocou a maçã na mesa*. A derivação a seguir ilustrará o funcionamento dos mecanismos do sistema computacional descritos acima. No entanto, serão descritas apenas algumas das operações envolvidas para evitar repetições excessivas.

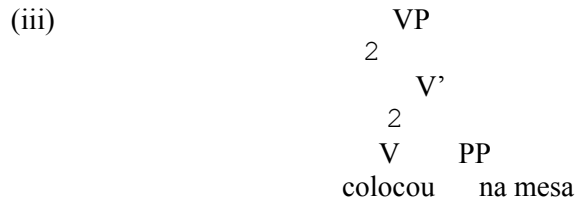
Inicialmente o verbo *colocar* seleciona o sintagma preposicionado (PP) *na mesa* e se concatena (*merge*) com ele. Nesse caso, o verbo seleciona o PP como um argumento, mas não será necessário que o verbo atribua Caso ao PP, pois por ser uma forma preposicionada é a preposição *em* que atribui Caso ao NP *mesa* [quando um elemento é selecionado tematicamente por um núcleo, mas recebe Caso por meio de uma preposição, a teoria afirma que esse elemento recebeu Caso Inerente]. Nas representações a seguir, quando um dado elemento sofrer movimento (para a checagem de traço EPP diante de uma dada categoria funcional) ele será marcado da seguinte forma: ~~traced~~. A adoção dessa sinalização segue somente objetivos de clareza na exposição.

(ii)

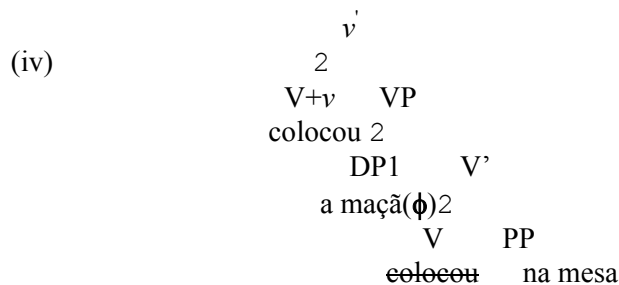
$$\begin{array}{cc} & 2 \\ & V \quad PP \\ colocou & na mesa \end{array}$$

Depois da operação *merge* entre *colocou* e *na mesa*, se dá a formação de um terceiro objeto sintático, representado por *V'*. Em seguida, *V'* é *merged* com o DP *a maçã* e o Especificador de V é projetado. Como se pode ver, em (ii), a operação *merge* é uma operação assimétrica, pois dos dois objetos sintáticos somente um irá se projetar e

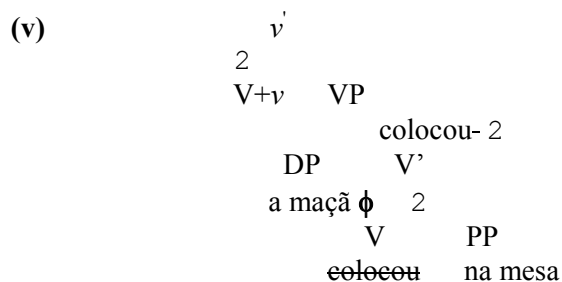
será o núcleo do objeto sintático. A representação em (iii) ilustra a derivação descrita até o ponto em que o especificador de V é projetado.



O próximo passo é a inserção do DP *a maçã*, com traços  $\phi$  ativos, na posição de especificador de VP. Em seguida a categoria funcional *v* é inserida e o verbo *colocou* se adjunge a *v*.



A categoria funcional *v* ainda tem traços não-interpretáveis de Caso a atribuir e traço EPP. A presença desses traços qualifica *v* como um *probe*. Esse *probe* procura em seu domínio um DP com traços interpretáveis para checar seus traços. Sob o domínio de *v* há o DP *a maçã*. Como *v* não tem traços EPP, a relação de *agree* entre o *probe* e o *goal* é suficiente para a atribuição de Caso Acusativo para o DP *a maçã*

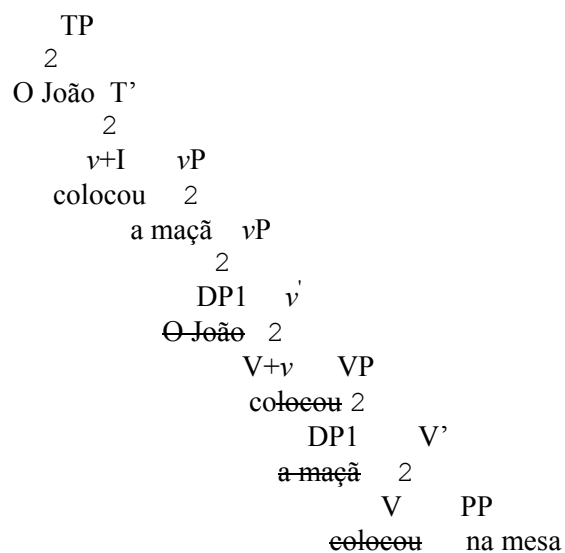






de traços, os traços  $\phi$  não interpretáveis de  $v$  são deletados com os traços  $\phi$  interpretáveis do DP *a maçã*. O mesmo tipo de fenômeno de concordância entre sonda e alvo ocorrerá entre a categoria T e o DP *O João*. A diferença nesse caso será que pelo fato de T conter um traço EPP, o DP será movido para o especificador de T.

(vii)



Por fim, com todos os traços não-interpretáveis checados a oração poderá ser interpretada como instrução para os sistemas de performance: a interface articulatório-perceptual (A-P) e a conceptual-intencional (C-I).

## **Capítulo 2 – Análise de propostas apresentadas para a derivação de orações com ordem VS em outras línguas românicas**

### **2.0 Introdução**

O presente Capítulo descreve e analisa a possibilidade de adoção de quatro propostas teóricas que tentam explicar as características sintáticas de construções com ordem VS no francês e no italiano. São as propostas de Kayne & Pollock (2001), para o francês, e de Belletti (2001, 2002 e 2003) e de Pinto (1997) e Bissel (2004), para o italiano. O objetivo é verificar se as propostas apresentadas podem explicar as características sintáticas e semânticas das orações com ordem VS do PB. A seção 2.1 traz a primeira proposta, formulada por Kayne & Pollock (2001), a qual prevê a possibilidade de haver movimento dos elementos em IP para o campo do CP. De acordo com essa proposta o campo do CP seria o domínio sintático em que seriam checados traços como tópico e foco na oração. A seção 2.2 traz a segunda proposta, de Belletti (2001, 2002, 2003). A autora defende a existência de um local de checagem de traços, de foco e tópico, interno à oração, na periferia do VP. De acordo com essa proposta, haveria núcleos funcionais acima do VP onde esses traços seriam checados. A seção 2.3 traz a proposta de Pinto (1997) para orações com ordem VS no italiano, que não são respostas a perguntas QU- (segundo a autora, orações proferidas em contexto *out of the blue*). As diferenças principais da proposta de Pinto em relação à de Belletti são: (i) a autora diferencia as orações com ordem VS de acordo com o contexto em que são proferidas, ou seja, se são respostas a perguntas QU- ou não e a (ii) a autora classifica as

orações dos contextos *out of the blue* como inversões locativas. A última seção, 2.4, traz a análise de Bissel (2004) para as orações com ordem VS do italiano, classificadas por Pinto (1997) como inversões locativas. A diferença da análise de Bissel (2004) em relação à de Pinto (1997) está na proposta implementada por cada autor para a explicação das características sintáticas das orações com inversão locativa. Ao final de cada seção do Capítulo, a proposta é analisada com o objetivo principal de verificar as semelhanças ou diferenças sintáticas e semânticas das orações com ordem VS analisadas com as orações VS do PB para que se possam ter elementos tanto de caráter descritivo quanto teórico para a análise das orações com ordem VS do português do Brasil.

## **2.1 Proposta de movimento do IP para o ‘campo’ do CP**

A proposta de movimento do IP para o ‘campo’ do CP foi inicialmente apresentada em Kayne & Pollock (2001) e posteriormente desenvolvida em trabalhos como os de Pollock (2000) e Poletto & Pollock (2000). Um dos objetivos da proposta era explicar as características sintáticas e semânticas de certas orações com ordem VS no francês (1), que ocorrem somente em contextos específicos. Essas orações são conhecidas como contendo uma estrutura em que ocorreria a operação de inversão estilística (*Stylistic Inversion* – SI).

- (1) a. A qui a téléphoné ton ami?  
‘A quem telefonou seu amigo?’
- b. L’homme à qui a téléphoné ton ami.  
‘O homem a quem telefonou seu amigo’
- c. Quel beau visage a cette personne!  
‘Que belo visual tem aquela pessoa!’

A hipótese dos autores é a de que o CP das línguas românicas é dividido em vários núcleos funcionais, motivados semanticamente, e que em orações, como as em (1), houve movimento de todos os elementos para alguma posição no CP.<sup>7</sup> O CP, que os autores consideram como tendo uma estrutura complexa e invariável, estaria dividido em cinco posições (2):

(2) [Op2P Op20 [ForceP Force0] [GroundP G0 [TopP Top0 [ Op1P Op10 [IP]]]]]]

As funções de cada núcleo funcional são:

- Op2P e Op1P são as posições para onde se movem os operadores das construções, como elementos QU-;
- Op1 ou *ExistencialP* é a posição onde checam traços elementos com função de operadores existenciais;
- Op2 ou *DisjuntorP* é a posição de checagem de traços de elementos com função de operador disjuntor;
- *ForceP* é o núcleo onde são checados os traços relacionados ao tipo estrutural da oração;

---

<sup>7</sup> Os autores, numa interpretação radical de Chomsky (1995), parem do pressuposto de que a Gramática Universal não permite movimento sintático encoberto, ou seja, todo movimento deve ser visível. Além disso, seguindo Kayne (1994), pressupõem que não há adjunção à esquerda de um constituinte, nem Especificador à direita de núcleos.

- *Ground P* e *TopP* são as posições onde checam traços elementos lexicais, como o sujeito e o IP remanescente;

### **2.1.1 Características sintáticas das orações com SI do francês (Kayne & Pollock, 2001)**

As orações com SI no francês são estruturas sintáticas especiais na língua, porque o francês, por não ser mais língua de sujeito nulo, não deveria apresentar contextos com inversão do sujeito. Isso porque considera-se que a inversão do sujeito é uma propriedade típica de línguas de sujeito nulo (cf. Jaeggli & Safir, 1989). Como o francês perdeu a possibilidade de licenciar sujeito nulo, perdeu a opção de licenciar a ordem VS. No entanto, o trabalho de Kayne & Pollock mostra contextos em que essa ordem ainda é licenciada no francês. Os autores ressaltam que as orações com SI são encontradas em variedades do francês padrão e são adquiridas com a escolarização.

A caracterização das orações com SI é a seguinte:

A: Sempre ocorrem em sentenças que apresentam sintagmas QU- à esquerda. A SI pode ocorrer em orações interrogativas (3a), relativas (3b), exclamativas (3c), clivadas (3d) e em orações encaixadas complementos de verbo no subjuntivo (3e):

(3) a. A qui a téléphoné ton ami?

'Pra quem telefonou seu amigo'

b. L'homme à qui a téléphoné ton ami.

'O homem pra quem telefonou seu amigo'

c. Quel beau visage a cette personne!

'Que belo visual tem aquela pessoa!'

d. C'est à Jean qu'a téléphoné ton ami.

'Foi para o João que telefonou seu amigo'

e. Je souhaiterais que téléphone ton ami.

'Eu desejo que telefone seu amigo'

**B)** Não são licenciadas com certos tipos de sujeitos, como elementos pronominais clíticos (4a), com pronomes fortes que não sejam de 3ª pessoa (4b) e com sujeitos indefinidos (4c):

(4) a. \*Qu'a mangé il?

'O que comeu ele?'

b. \*Qu'a mangé VOUS?

'O que comestes vós?'

c. ??Qu'a mangé quelqu'un?

'O que comeu alguém?'

**C)** Não são licenciadas com verbos que apresentam objeto direto referencial (5):

- (5) a. \*A qui a montré mon article ton ami?  
'A quem mostrou meu artigo seu amigo?'

No entanto, se o predicado da oração for uma expressão idiomática, como em (6a-c), a oração é gramatical:

- (6) a. Depuis quelle heure ont faim les enfants?  
'Depois de que hora tiveram fome as crianças'
- b. A quelle pièce donne accès cette clé?  
'A que quarto dá acesso aquela chave'
- c. Quand ont pris langue Paul et Marie?  
'Quando bateram boca Paulo e Maria'

**D)** Não são licenciadas em orações sem elemento QU- à esquerda (7a,b):

- (7) a. \*A téléphoné ton ami.  
'Telefonou seu amigo'.
- b. \*J'ignore si a téléphoné ton ami.  
'Eu não sei se telefonou seu amigo.'

### **2.1.2 Características apontadas como evidências de movimento de IP para o CP**

Um dos argumentos de Kayne & Pollock (2001) a favor da existência de movimento para o CP é o relativo à posição de sujeito das orações com SI do francês. Os autores fazem vários testes com os sujeitos das SI para mostrar que, apesar de estes serem manifestos em uma posição pós-verbal, não ocupam a posição de objeto nem estão na mesma posição dos sujeitos pré-verbais. Para os autores, os sujeitos das orações com SI estão numa posição de tópico, dentro do CP.



### 2.1.2.1 Os sujeitos de orações com SI não estão na posição de objeto

A agramaticalidade de uma oração com SI e com verbo transitivo, como em (5), *\*A qui a montré mon article ton ami?*, poderia levar a pensar que os sujeitos pós-verbais das SIs estariam ocupando a posição de objeto. Isso porque a ordem dos termos das SI – QU- VAux V S – pode levar a pensar que, quando o sujeito se move para a posição pós-verbal, ele vai para a posição de objeto. Em uma análise alternativa, o raciocínio poderia ser o seguinte: a impossibilidade de ocorrerem sujeitos pós-verbais a verbos transitivos se dá porque esses verbos apresentam um objeto na posição pós-verbal, que é a mesma posição para onde vão os sujeitos de SI. Para argumentar contra essa possível suposição, os autores mostram que há certos tipos de orações com SI que podem ocorrer com verbos transitivos. Nesses casos, ou o verbo transitivo seleciona um objeto idiomático (8a,b), ou seleciona como objeto um quantificador nu (8c).

(8) a. *\*A qui a montré mon article ton ami?*

‘Para quem mostrou meu artigo teu amigo?’

b. *Cela fera avoir faim \*(à) Marie.*

‘Aquilo fará ter fome Maria’

c. *La fille à qui a tout dit Jean-Jacques*

‘A garota a quem tudo disse Jean-Jacques’

A gramaticalidade de certos tipos de orações com verbos transitivos mostra que o sujeito pós-verbal não está na posição de objeto.<sup>8</sup>

Ainda em relação à comprovação de que sujeitos pós-verbais não estão na posição de objetos de verbos transitivos, os autores afirmam que, se a oração apresenta um objeto direto em forma de elemento QU- (9), a SI também é possível.

(9) Qu'a dit Jean?

O exemplo em (9) mostra que pode haver objetos de verbos em orações com SI e que, por isso, não se pode considerar que o sujeito pós-verbal esteja na posição de objeto. Devido às evidências apresentadas os autores concluem que os sujeitos das inversões estilísticas não estão na posição de objeto.

### **2.1.2.2 Os sujeitos de orações com SI estão dentro do CP**

#### **A) Teste com o clítico partitivo *en***

No francês, segundo K&P, a cliticização do *en* quantitativo é possível a partir da posição de objeto (10):

(10) a. le jour où le juge en a condamné trois  
‘o dia em que o juiz deles condenou três’

---

<sup>8</sup> Kayne & Pollock (2001) não explicam por que SI não pode ocorrer com a maioria dos verbos transitivos, já que o sujeito não ocupa a posição de objeto. A única referência dos autores a esse fato é a postulação de que verbos transitivos não licenciam inversões estilísticas porque não pode haver elemento lexical (no caso, objeto direto) dentro do IP remanescente.

No entanto, o *en* quantitativo não pode ser extraído de sujeitos pré-verbais (11) nem de sujeitos pós-verbais em inversões estilísticas (12)

(11) \***Trois<sub>i</sub> en<sub>i</sub>** sont partis.

‘três deles partiram’

(12) \*Le jour où **en<sub>i</sub>** ont téléphoné **trois<sub>i</sub>**.

‘o dia em que deles telefonaram três’

Para os autores as diferenças de gramaticalidade entre (10) – que apresenta um objeto na posição pó-verbal – e (12) – com o sujeito na posição pós-verbal – podem ser analisadas em termos de c-comando. Ou seja, o clítico *en* deve ser extraído de uma posição que c-comande sua posição original. Esse requisito ocorre em (10), mas não em (12), em que a agramaticalidade mostra que o quantificador *en* não pode c-comandar o sujeito pós-verbal. O raciocínio dos autores é o seguinte: a ordem dos elementos é a mesma em (10) e (12) – quantificador-verbo-objeto em (10) e em (12) quantificador-verbo-sujeito; em (10) o quantificador pode c-comandar o objeto, mas em (12) não pode c-comandar o sujeito, que aparentemente ocupa a mesma posição. Como os autores trabalham com a hipótese de que o sujeito não pode estar num especificador à direita de um núcleo, eles concluem que na SI o constituinte sintagmático que contém o *en* se moveu todo para a esquerda do sujeito da SI. O constituinte c-comanda o sujeito, mas seus constituintes internos – como o *en* – não c-comandam e é por esse motivo que (12) é agramatical.

Os autores trazem um argumento adicional a favor da hipótese de que os elementos internos ao constituinte frasal movido não c-comandam o sujeito pós-verbal. Trata-se do comportamento dos clíticos nas inversões estilísticas.

(13) a. A qui l'a montré Jean-Jacques?

'a quem o mostrou J-J'

b. Que lui a dit Marie?

'o que lhe falou Maria'

Para os autores, em (13a,b) os clíticos *l'* e *lui*, apesar de estarem manifestos acima dos sujeitos, não os c-comandam. Se isso ocorre, eles devem ter sido movidos para uma posição acima do sujeito, de forma que não podem c-comandá-lo. A proposta dos autores é a de que ocorre movimento de todo o IP, com exceção do sujeito, e que as subpartes do IP remanescente não podem c-comandar o sujeito pós-verbal.

O movimento de um constituinte igual ao IP sem o sujeito poderia parecer movimento de uma categoria não máxima, o que não é permitido na teoria. A hipótese dos autores é que na SI o sujeito se move do Especificador de IP para uma posição mais alta, deixando uma categoria nula em Especificador IP. Isso permite que o movimento do IP seja o movimento de uma categoria máxima, contendo uma posição de sujeito vazia. (Mais adiante, quando a argumentação a favor do movimento do IP remanescente estiver concluída e a teoria mais elaborada, o ponto de vista dos autores sobre esse ponto será abordado novamente e ficará mais claro).

### **B) Testes com *peu de NP*, extração de *combien* e extração de *beaucoup de***

Em francês um quantificador como *peu* pode ocorrer entre um auxiliar e um particípio passado e licenciar um objeto do tipo *de NP* (14a). Sem esse quantificador e só com o sintagma *de NP* a sentença é mal-formada (14b).

(14) a. Jean a **peu** vu **de linguistes**.

b. \*Jean a vu **de linguistes**.

No entanto, sujeitos pré-verbais (15a) e sujeitos de SIs (15b) não podem ser licenciados da mesma forma que os objetos:

(15) a. \***De linguistes** ont **peu** vu Jean

b. \*Le jour où ont **peu** téléphoné **de linguistes**.

A agramaticalidade da oração (15b) mostra que o sujeito pós-verbal não é c-comandado por nenhum material entre ele e o sintagma QU-. Para os autores, a explicação para essa impossibilidade de c-comando é que há nas orações com SI movimento de todo o IP para uma posição acima da ocupada pelo sujeito. Isso ocorre na seguinte ordem: primeiro o sujeito é movido para fora do IP; depois os elementos do IP, e o próprio IP, vão se movendo para posições do CP.

Os autores mostram também que, se o elemento c-comandante for um elemento QU-, como *combien*, a oração é gramatical (16).

(16) **Combien** ont téléphoné **de linguistes**?

A explicação dos autores para (16) é que o elemento QU-, por ser um operador, não está contido no IP que se deslocou e que por isso pode c-comandar o sintagma *de linguistes*.

Outro argumento dos autores no sentido de demonstrar que nas orações com SI há movimento do IP para uma posição acima da dos sujeitos comuns e que, por esse motivo, os elementos contidos nesse constituinte não podem c-comandar o sujeito pós-verbal, é o comportamento dos pronomes reflexivos. Compare (17) e (18):

(17) Jean-Jacques s'est insulté.

(18) Le jour où s'est insulté Jean-Jacques.

Reflexivos devem ser c-comandados por seus antecedentes, como ocorre em (17). No entanto a SI em (18) é gramatical, apesar de o clítico ficar antes do nome que deveria c-comandá-lo. Para os autores o fato de o pronome reflexivo, na SI, poder ficar à esquerda do nome a que ele se liga favorece a hipótese que os elementos internos ao IP se movem para a esquerda, junto com o IP remanescente, e que não podem c-comandar o sujeito da SI.

**C) Argumentação a favor de o sujeito da SI não estar no Especificador de IP e sim dentro do CP**

De acordo com os autores, as orações com SI só licenciam como sujeitos pronomes fortes de 3ª pessoa (19a-b). Isso implica dizer que apresentam restrições à 1ª e 2ª pessoa (20a-b).

(19) a. Qu'a mangé LUI?

b. Quand ont téléphoné EUX?

(20) a. \*Quand ai téléphoné MOI?

b. \*Quand avez téléphoné VOUS

Essa mesma restrição vale para sujeitos pré-verbais. Comparemos (21) e (22):

(21) a. LUI a téléphoné.

‘ele telefonou’

b. EUX ont téléphoné.

‘eles telefonaram’

(22) a. \*MOI ai téléphoné hier.

‘eu telefonei ontem’

b. \*TOI as mangé un gâteau.

‘Você comeu um bolo’

Os pronomes fortes restritos nas posições pré-verbais, como ilustrado em (22), podem ocorrer na posição de tópico deslocado à esquerda, com um sujeito clítico nominativo manifesto na posição pré-verbal, como em (23):

(23) a. Moi, j'ai téléphoné hier.

b. Toi, tu as mangé un gâteau.

Os pronomes fortes de terceira pessoa também podem ocorrer na posição de tópico (24):

(24) a. Lui, il a téléphoné.

b. Eux, ils ont téléphoné.

A comparação estabelecida pelos autores é a seguinte: orações como as em (21), apesar de serem consideradas como pertencentes à gramática do uso mais elaborado da língua (classificadas pelos autores como *standard, somewhat recherché*), são gramaticais no francês, assim como as em (24), consideradas mais coloquiais. Os socioletos que licenciam orações como (21) também licenciam as inversões estilísticas. Sendo assim, a proposta é que as orações em (21) contêm um sujeito clítico, assim como as em (24). A diferença entre elas é que nas orações em (24) há um sujeito clítico manifesto e nas orações em (21) o clítico não está realizado foneticamente. Para os autores, a explicação desses fatos está relacionada às seguintes assunções:

(25) em francês, os clíticos nulos estão restritos à 3ª pessoa;

(26) as sentenças com SI necessariamente contêm um clítico nulo na posição pré-verbal.

As orações com pronomes fortes de 1ª e 2ª pessoas em posição pré-verbal, como as em (22), são agramaticais, porque essas pessoas gramaticais não possuem pronomes clíticos nulos correspondentes. Também é de (25) e (26) que os autores tiram a explicação para a agramaticalidade de orações com SI e pronomes de 1ª e 2ª pessoas, como (27):

(27) a. Qu'a mangé LUI?

'O que comeu ele?'

b. \*Qu'as mangé TOI?

'O que comeste tu?'

Os autores propõem que o sujeito pós-verbal da SI ocupa a posição de especificador de um de um sujeito clítico nulo que é o núcleo de um DP maior. Uma



vez que esse DP maior vai para Especificador de IP, seu DP especificador se move para o Especificador de FP. Em seguida, o IP se move para uma posição funcional acima do Especificador de FP, denominada GP. Ambas as posições estão no campo do CP<sup>9</sup>. Um exemplo do que foi dito acima está em (28b-d):

- (28) a. le jour où a téléphoné Jean  
 ‘o dia em que telefonou Jean’  
 b. [IP Jean-SCL a téléphoné]  
 c. [FP Jean<sub>i</sub> F<sup>0</sup> [ IP <sub>ti</sub>-SCL a téléphoné]]  
 d. [GP [ IP <sub>ti</sub>-SCL a téléphoné]<sub>j</sub> G<sup>0</sup> [FP Jean<sub>i</sub> F<sup>0</sup> [<sub>ij</sub>]]]

Outra restrição apresentada pelos sujeitos das orações com SI que foi utilizada como argumento a favor de eles não ocuparem uma posição comum de sujeito e estarem numa posição acima do IP é o fato de não poderem ser indefinidos, como em (29). Ou seja, apresentam o mesmo tipo de restrição que tópicos deslocados à esquerda (cf. (30)).

- (29) \*Que gâteau a mangé **quelqu'un**?  
 ‘Que bolo comeu alguém?’  
 (30) \***Quelqu'un**, il mangera ce gâteau.  
 ‘Alguém, ele comerá esse bolo’

---

<sup>9</sup> “[W]e propose that the postverbal SI subject starts out as the DP specifier (cf. Uriagereka, 1995, p.81) of a silent subject clitic that heads a larger DP. Once that larger DP reaches Spec-IP, its DP specifier moves out into the Spec of FP. Subsequent to that, IP itself moves past Spec-FP to a still higher Spec (of another functional category (call it GP) in the Comp area, in Rizzi’s (1997) sense)” K&P, 2001: 118.

### 2.1.3 A derivação de uma oração com SI (cf. Pollock, 2000)

Como visto na seção 3.1, a proposta dos autores é que exista no CP das línguas românicas uma estrutura invariável, como (31)

(31) [Op2P [ForceP ] [GroundP [TopP [ Op1P [IP]]]]]]

Uma oração como *Où est allé Jean?* seria derivada da seguinte forma (32):

(32) Input [IP Jean est allé où]

(a) Merge Op1<sup>0</sup> e IP , *où* se move para Op1P

[Op1P où<sub>i</sub> Op1<sup>0</sup> [IP Jean est allé t<sub>i</sub>]]

(b) Merge Top<sup>0</sup> e Op1P e *Jean* é atraído para Top P

[TopP [Jean]<sub>j</sub> Top<sup>0</sup> [Op1P où<sub>i</sub> Op1<sup>0</sup> [IP t<sub>j</sub> est allé t<sub>i</sub>]]]

(c) Merge Ground<sup>0</sup> e Top P e atrai IP remanescente para Ground P

[GroundP [IP t<sub>j</sub> est allé t<sub>i</sub>] k G<sup>0</sup> [TopP [jean]<sub>j</sub> Top<sup>0</sup> [Op1P où<sub>i</sub> Op1<sup>0</sup> [IP t<sub>k</sub>]]]]

(d) Merge Force<sup>0</sup> e Ground P e atrai *où* para Spec Force

[ForceP où<sub>i</sub> Force<sup>0</sup>] [GroundP [IP t<sub>j</sub> est allé t<sub>i</sub>] k G<sup>0</sup> [TopP [jean]<sub>j</sub> Top<sup>0</sup> [Op1P t<sub>i</sub> Op1<sup>0</sup> [IP t<sub>k</sub>]]]]]

(e) Merge Op2 e Force<sup>0</sup> e atrai *où* para Spec Op2P

[Op2P où<sub>i</sub> Op2<sup>0</sup> [ForceP t<sub>i</sub> Force<sup>0</sup>] [GroundP [IP t<sub>j</sub> est allé t<sub>i</sub>] k G<sup>0</sup> [TopP [jean]<sub>j</sub> Top<sup>0</sup> [Op1P t<sub>i</sub> Op1<sup>0</sup> [IP t<sub>k</sub>]]]]]

#### **2.1.4 Comparação das características sintáticas das orações com SI no francês com as das orações com ordem VS no PB**

O PB e o francês parecem compartilhar propriedades em relação aos contextos em que a ordem VS ocorre nas duas línguas. Entre essas características, verifica-se:

- A) licenciamento preferencial com a presença elemento lexical à esquerda,
- B) licenciamento preferencial com verbos inacusativos e inergativos,
- C) impossibilidade de ocorrência com verbos transitivos e objetos referenciais,
- D) possibilidade de ocorrência com verbos que tenham como complementos expressões não referenciais.

Dadas essas semelhanças, a presente pesquisa estabelece uma comparação entre as características sintáticas que parecem existir entre as orações com ordem VS nessas duas línguas, para verificar se a proposta de Kayne & Pollock pode ser útil para explicar as características sintáticas das orações do PB.

Orações com SI no francês sempre ocorrem em contextos em que há uma palavra QU- à esquerda da oração (33).

- (33) a. A qui a téléphoné ton ami?  
'Pra quem telefonou seu amigo'
- b. L'homme à qui a téléphoné ton ami.  
'O homem pra quem telefonou seu amigo'
- c. \*A téléphoné ton ami.  
'Telefonou seu amigo!'

No PB, a existência de uma palavra QU- à esquerda pode facilitar a ocorrência da ordem VS (como já discutido por Kato & Tarallo 1989, 2003), como parece ser o caso da oração interrogativa em (34a). No entanto, em orações declarativas, como as em (34b-c) observa-se que a presença de um elemento QU- não é requisito obrigatório para o licenciamento da ordem VS no português.

- (34) a. O que querem os radicais do PT?  
b. Chegou um menininho.  
c. Ligou a sua mãe.

As sentenças com SI do francês não são licenciadas com certos tipos de sujeitos, como elementos pronominais clíticos, pronomes fortes que não sejam de terceira pessoa e com sujeitos indefinidos, como em (35a,b,c) respectivamente:

- (35) a. \*Qu'a mangé il?  
b. \*Qu'as mangé TOI?  
c. ??Qu'a mangé quelqu'un?

As orações com VS do PB podem ocorrer com pronomes (cf. (36a-b)) e também com sujeitos indefinidos, se o elemento à esquerda não for uma palavra QU-. Compare (36c,d):

- (36) a. ?O que disse ela?  
b. Primeiro falo eu.  
c. \*O que comeu alguém?  
d. Ali mora alguém?

As orações com SI do francês, assim como a maioria das orações com ordem VOS do PB, não ocorrem com verbos que apresentem objeto direto referencial, como na oração (5), repetida abaixo como (37), e a oração (38) do PB:

(37) \*A qui a montré mon article ton ami?

(38) \*A quem mostrou meu artigo seu amigo?

No entanto, no português há contextos em que são possíveis orações com verbos transitivos e objetos referenciais, como é o caso das orações formadas por predicados previsíveis que ocorrem em contextos de narrações concomitantes.

Em suma, as orações com SI no francês e as com ordem VS no português apresentam semelhanças e diferenças. Entre as semelhanças, estão:

- (39) a. licenciamento preferencial com verbos inacusativos e inergativos;  
b. restrições a verbos transitivos com objetos referenciais;  
c. possibilidades de ocorrência com verbos que tenham como complementos expressões não referenciais.

Entre as diferenças entre essas orações com sujeitos pós-verbais nas duas línguas, estão:

- (40) a. As orações com SI, para serem gramaticais, devem apresentar sempre um elemento QU- à esquerda da oração no francês. As orações com ordem VS do PB não dependem desse elemento sintático para serem licenciadas.  
b. No francês, orações com SI não podem ocorrer com certas formas pronominais na posição de sujeito. As orações VS do PB, apesar de não serem

freqüentes com sujeitos pronominais, não apresentam restrições a certas pessoas do discurso, como o francês.

c. As orações com SI não podem ocorrer com indefinidos na posição de sujeito, no francês. As orações com ordem VS sem elemento QU- à esquerda podem.

d. Em contextos específicos, o português licencia a ordem verbo sujeito, com verbos transitivos e objetos referenciais.

### **2.1.5 Conseqüências da comparação: problemas para adoção da proposta de Kayne & Pollock (2001) para o PB**

A presente seção analisa a possibilidade de adoção da proposta de Kayne & Pollock (2001), e Pollock (2000) para explicar as características sintáticas de orações com ordem VS no português, levando em consideração as diferenças apontadas em (40).

Um dos argumentos a favor de as orações com SI estarem no campo do CP é o comportamento do sujeito dessas orações. De acordo com os julgamentos de Kayne & Pollock, oração com SI não pode apresentar como sujeito pronomes que não sejam de terceira pessoa nem pronomes indefinidos. Para os autores esse comportamento comprova: (i) que os sujeitos não estão numa posição comum de sujeito, como a de orações com ordem SV, dadas as restrições às demais pessoas do discurso e (ii) os sujeitos estão no campo do CP, por terem comportamento semelhante ao de elementos deslocados à direita, como os tópicos. O argumento utilizado nesse último caso é a agramaticalidade das sentenças quando há um pronome indefinido na posição de sujeito. Como na comparação estabelecida na seção acima, constatou-se que as orações declarativas do português não apresentam nenhuma dessas restrições, a conclusão a que

se chega é a de que não há evidências de que os sujeitos das orações com ordem VS do português estejam em alguma posição no CP.

Outro problema relacionado à adoção da proposta de Kayne & Pollock para explicar as orações do PB é a constatação, feita por vários estudos (cf. Figueiredo Silva, 1996, Lightfoot & Rodrigues, 2003, Pires, 2001), de que o PB perdeu o movimento do verbo de I para C. Se esses estudos estiverem corretos, a adoção de uma proposta em que os elementos do IP se movem para o CP na sintaxe aberta é problemática para o PB.

#### **2.1.6 Considerações finais**

A seção acima estabeleceu uma comparação entre as características sintáticas de orações com ordem VS no PB e no francês. O objetivo da comparação era verificar a possibilidade de adoção da proposta de Kayne & Pollock (2001) para as orações do francês ao português. O resultado da comparação foi o de que as orações com ordem VS do português possuem características sintáticas diferentes das do francês e que essas diferenças impossibilitam a adoção da proposta de Kayne & Pollock (2001) para explicar os mecanismos sintáticos que licenciam as orações com ordem VS do PB.

## **2.2 Proposta da periferia do VP**

Nesta seção será apresentada a proposta de Belletti (2001, 2002, 2003), em que a autora faz uma argumentação a favor da existência de uma periferia do VP – posição em que seriam checados traços como os de tópico e foco. A proposta da autora será examinada em detalhe porque, como veremos na seção 2.2.1, as orações com ordem VS no italiano são licenciadas em contextos pragmáticos semelhantes aos das orações VS do PB. A seção se divide em três partes. Na parte 2.2.1, é feita uma comparação entre os contextos de licenciamento das orações com ordem VS no PB e no italiano. Na parte 2.2.2, a proposta de Belletti (2001, 2002, 2003) é apresentada. Na parte 2.2.3, são feitas algumas observações sobre a possibilidade de adoção da proposta para explicar as características das orações do português.

### **2.2.1 Contextos de utilização da ordem VS em italiano (cf. Belletti, 2001) e comparação com os dados do PB**

#### **A) A posição do sujeito na sentença**

As orações declarativas do italiano apresentam sujeitos pós-verbais em posições funcionais baixas. Tal afirmação é feita por Belletti (2001) após a comparação entre a posição dos sujeitos e a colocação de advérbios, como *completamente*, *bene*. De acordo com Cinque (1998), esses advérbios ocupam Especificadores das projeções funcionais mais baixas na oração. Os exemplos abaixo mostram que sujeitos pós-verbais podem vir depois desses advérbios mais baixos (41), mas não podem ocorrer acima deles (42):



(41) a. ?Capirà completamente Maria.

‘Entenderá completamente Maria’

b. ?Capirà bene Maria.

‘Entenderá bem Maria’

c. Capirà tutto Maria.

‘Entenderá tudo Maria’

(42) a. \*Capirà Maria completamente

‘Entenderá Maria completamente’

b. \*Capirà Maria bene.

‘Entenderá Maria bem’

c. \*Capirà Maria tutto.

‘Entenderá Maria tudo’

Os julgamentos das orações em (41) e (42) estão sendo atribuídos para contextos em que as orações são pronunciadas com entoação normal, sem interrupções e sem nenhum tipo de estratégia de salvamento pela entoação.

No PB parece que, quando há um adverbial entre o V e o S, o S parece vir precedido de uma leve pausa (43)<sup>10</sup>. No entanto, assim como no italiano, o sujeito não pode vir antes do advérbio (44).

(43) a. Falou bem / a Maria.

b. Comeu bem / a Bruna.

---

<sup>10</sup> Nem todos os falantes consideram haver pausa entre o V e o S numa oração como (43), segundo Charlotte Galves (c.p.).

- (44) a. \*Falou a Maria bem.  
b. \*Comeu a Bruna bem.

**B) Configurações VS como codificações de informação de foco**

Em italiano, o sujeito em VS recebe sempre interpretação de informação nova, e por isso, Belletti conclui que a focalização exerce o papel principal no licenciamento de sujeitos pós-verbais.

- (45) a. Chi è partito/ha parlato?  
b. È partito/ha parlato Gianni.  
c. # Gianni è partito/ha parlato.

Em português o licenciamento da ordem VS também está relacionado a focalização do sujeito.

- (46) A. Alguém ligou?  
B. Ligou a Maria.

Mas é necessário notar que nem sempre o foco da informação nova ocorre na posição da extrema direita no PB (47B):

- (47) A. Quem comeu o bolo?  
B. \*Comeu o bolo o Pedro.

### **C) Concordância com o sujeito**

Nas orações VS do italiano padrão, o verbo concorda com o sujeito pós-verbal (48), que carrega o traço de nominativo.

(48) Sono arrivata io.

No português padrão, o verbo também concorda com o sujeito pós-verbal (49).

(49) a. Cheguei eu.

b. Primeiro chegamos nós.

### **D) Ordens VOS e VSO**

Assim como no PB, as orações com ordem VSO são agramaticais no italiano (50a) e as orações com VOS (50b) são possíveis em contextos específicos.

(50) a. \*Capirà Gianni il problema.

b. ?? Capirà il problema Gianni.

Os contextos em que a ordem VOS ocorre no italiano são os seguintes – D1, D2 e D3:

**DI.** Resposta a pergunta *QU-* em que o predicado – VO – faz parte da informação dada:

(51) A: Chi ha capito il problema?

‘Quem entendeu o problema?’

B: Ha capito il problema Gianni.

‘Entendeu o problema Gianni’

Para responder a uma pergunta como (51A), também são possíveis as respostas em que o objeto é um clítico (52):

(52) L’ha capito Gianni.

‘O entendeu Gianni’

**D2.** Contextos especiais que pertencem a um registro particular, como rádio ao vivo e relatos de TV, como partidas de futebol.

(53) a. Mette la palla sul dischetto del rigore Ronaldo.

‘ Coloca a bola na marca do pênalti Ronaldo’

b. Protegge l'uscita di Marchegiani Nesta.

‘Protege a saída de Marchegiani Nesta’

Para Belletti, nesses contextos, a ordem VO é interpretada como descrevendo um membro de um grupo de situações prototípicas no contexto da partida. Por esse motivo a autora considera que VO não é a informação veiculada como nova pela sentença.

**D3.** Contextos com acento contrastivo no sujeito também licenciam a ordem VOS:

(54) Ha capito il problema GIANNI. (non tutta la classe)

‘Entendeu o problema Gianni (e não toda a classe)’

Para Belletti, o VP que está precedendo o S é interpretado como o tópico da oração, o foco da oração é o sujeito acentuado contrastivamente. Mesmo um sujeito pré-verbal acentuado contrastivamente é considerado foco.

(55) GIANNI ha capito il problemas. (non tutta la classe)

‘Gianni entendeu o problema (não toda a classe)’

Em suma, os três contextos de licenciamento da ordem VOS apresentados por Belletti – respostas à pergunta QU-, narrações concomitantes e orações com acento contrastivo no sujeito – apresentam predicados com uma informação dada ou previsível no contexto. A comparação com os contextos com os do PB, apresentados no Capítulo 1, é possível, portanto, porque as duas línguas licenciam ordem VOS quando o predicado faz parte da informação contextual.

Mais alguns contextos de ordem VS em italiano:

**E) A ordem V S PP**

A ordem VS pode ser licenciada nas sentenças em que o complemento do verbo é um elemento preposicional:

(56) a. Ha telefonato Maria al giornale.

‘Telefonou Maria ao jornal’

b. \*Ha comprato Maria il giornale.

‘Comprou Maria o Jornal’

Em português a ordem VSPP pode ser licenciada em contextos em que o sujeito recebe foco contrastivo.

(57) Telefonou A MARIA pro jornal. (e não a Joana)

**F) A ordem VSCP**

Os exemplos de Belletti para a ordem VSCP em italiano sempre apresentam verbos *dicendi* como *detto*:

(58) a. Ha detto la mamma che ha telefonato Gianni.

Disse a mãe que telefonou Gianni’

De acordo com a autora, a ordem VSCP não ocorre com todas as escolhas verbais, o que sugere que outros fatos estão envolvidos. Exemplos como os em (59) mostram ocorrências inaceitáveis ou bizarras de VSCP:

- (59) a. \*? Ha cominciato Gianni a non capire più niente.  
b. \*? Crede Maria che Gianni sai partito.  
'Acredita Maria que Gianni partiu'

Em PB, verbos *dicendi* podem licenciar a ordem VSCP (60):

- (60) a. Diz ela que não vem.  
b. Diz a Maria que não vem.

Verbos de outras classes, como os epistêmicos, se apresentarem DPs como sujeitos, formam orações agramaticais, como em (61):

- (61) a. \*Acredita a Maria que tudo isso é verdade.

### **2.2.1.1 Síntese da comparação das orações com ordem VS no italiano com as do PB**

Após analisar as orações com ordem VS no português do Brasil (cf. Capítulo 1), no francês (cf. seção 2.1) e no italiano (cf. seção 2.2), pode-se verificar que a ordem VS do PB apresenta maiores semelhanças com o italiano. As semelhanças entre as duas línguas são as seguintes:

- (62) a. Marcação de foco à direita. Apesar das mudanças na gramática da língua, o PB ainda tem a posição à direita do verbo como local de focalização. A questão é saber se o tipo de foco das orações com ordem VS no PB é o mesmo das orações com ordem VS no italiano;
- b. Restrição maior a VSO que a VOS;
- c. Uso de VOS em contextos em que VO são informações dadas ou previsíveis no contexto;
- d. Uso de ordem VSCP preferencialmente com verbos *dicendi*.

As diferenças entre italiano e PB, em relação a ordem VS:

- (63) a. Apesar de as duas línguas poderem apresentar elementos focalizados à direita, o tipo de foco marcado nas orações com ordem VS no italiano e no PB parece ser diferente. No italiano, segundo Belletti, o sujeito recebe interpretação de foco da informação nova (é usado em contextos de respostas a perguntas QU-). No português, a codificação de informação nova nem sempre é feita por meio da ordem VS, o que não significa que VS não veicule informação relacionada a foco, mas o tipo de foco é diferente nas duas línguas. O Capítulo 3 traz uma proposta para o tipo de foco veiculado por orações com ordem VS no PB.
- b. No PB a presença de elementos à esquerda é fator relevante para o licenciamento de VS, mas Belletti não faz referência a esse aspecto na descrição da ordem VS no italiano.



## 2.2. 2 A proposta da Periferia do VP (Belletti 2001, 2002, 2003)

A proposta de Belletti (Belletti 2001), desenvolvida em textos posteriores (cf. Belletti, 2002 2003), é a de que há uma periferia interna à oração onde elementos com traços de tópico ou foco checam seus traços. Essa periferia interna à oração – periferia do VP – teria propriedades semelhantes às da chamada periferia esquerda – periferia do CP –, proposta por autores como Brody, 1990, Rizzi, 1990, Puskas, 1996 e Kayne & Pollock, 2001 (para uma discussão da proposta de Kayne & Pollock (2001) ver seção 2.1). De acordo com a proposta de Belletti, há traços checados na periferia interna da oração e traços checados na periferia externa. No italiano, por exemplo, traços como foco contrastivo (64a) e tópico (64b) seriam checados na periferia externa. Traços como foco de informação nova, como é o caso do traço de sujeitos em orações com ordem VS, seriam checados na periferia interna da oração, (64c).

- (64) a. IL LIBRO ho letto, no il giornale.  
b. A Gianni, (gli) ho dato il libro.  
c. È partito Gianni.

Ainda em relação às propriedades das duas periferias, Belletti (2002) afirma que a interpretação de um elemento como tópico ou foco na periferia do CP cindido é uma consequência automática da posição ocupada por este elemento dentro do CP, ou seja, sua posição sintática. A relação entre a sintaxe e a interface interpretativa se daria da seguinte forma: a interpretação de um dado elemento seria correspondente à leitura da configuração sintática que o elemento ocupa. Essa mesma análise pode também ser estendida para expressar a relação das configurações com a interface

fonética/fonológica. O contorno acentual (*stress contour*) de uma oração e a entoação dos constituintes são diretamente determinados pela configuração sintática. Um constituinte, como *IL LIBRO*, em (64a), é interpretado como elemento focalizado devido ao acento fortemente contrastivo que recebe. Já um elemento com *A Gianni*, em (64b), é interpretado como tópico, por receber uma entoação especial de abaixamento (*downgrading*). Os sintagmas que ocupam a periferia do VP, por sua vez, recebem entoações diferentes das recebidas por elementos na periferia do CP e também diferentes interpretações são atribuídas aos elementos que ocupam essas posições.

Belletti baseia sua argumentação a favor da existência da periferia do VP nos dados de orações com ordem VS no italiano. O italiano é uma língua em que a ordem não-marcada é SVO. Quando o sujeito ocupa a posição pós-verbal da sentença, ele recebe uma interpretação marcada, precisamente a de foco da informação nova, como se observa nas orações em (65b), (66b) e (67bi,ii,iii), que são as respostas possíveis para as perguntas em (65a), (66a) e (67a), respectivamente.

- (65) a. Chi è partito/ha parlato?  
'Quem partiu/falou?'
- b. È partito/ha parlato Gianni  
'Partiu/falou Gianni'
- c. # Gianni è partito/ha parlato  
'Gianni partiu/falou'
- (66) a. Pronto, chi parla?  
'Alô, quem fala?'
- b. Parla Gianni  
'Fala Gianni'
- c. \*Gianni parla  
'Gianni fala'

- (67) a. Chi è?  
'Quem é?'
- bi. Sono Io  
'Sou eu'
- bii. Sono Gianni.  
'Sou Gianni'
- biii. È Gianni  
'É Ganni'
- c. \*Io/Gianni sono/è  
'O Gianni sou/é'

Além de afirmar que os sujeitos pós-verbais do italiano codificam o foco da informação nova na oração, a autora também defende que os sujeitos pós-verbais ocupam uma posição baixa na sentença. A afirmação sobre a posição baixa dos sujeitos pós-verbais é feita com base na análise do comportamento desses sujeitos em orações com advérbios que ocupam os Especificadores das projeções funcionais mais baixas na oração (cf. Cinque, 1999), como *completamente*, *bene* e *tutto*. Belletti compara as orações em (68) com as em (69):

- (68) a. ?Capirà completamente Maria  
'Entenderá completamente Maria'
- b. ?Capirà bene Maria  
'Entenderá bem Maria'

c. *Capirà tutto Maria*<sup>11</sup>  
'Entenderá tudo Maria'

(69) a. \**Capirà Maria completamente*  
'Entenderá Maria completamente'

b. \**Capirà Maria bene*  
'Entenderá Maria bem

c. \**Capirà Maria tutto*  
'Entenderá Maria tudo'

Com a comparação entre as orações em (68) e (69), a autora argumenta a favor da existência de sujeitos pós-verbais abaixo de advérbios considerados baixos, como em (68), e da agramaticalidade no italiano de orações em que o sujeito pós-verbal ocorre numa posição acima desses advérbios baixos, como em (69). Essa comparação leva a autora a concluir que os sujeitos pós-verbais do italiano ocupam uma posição bastante baixa na oração.

---

<sup>11</sup> O comportamento de (68a, b,) de um lado e de (68c) de outro mostra que algo pode intervir entre o verbo e o sujeito desde que certas condições estruturais sejam satisfeitas. Supondo que as condições estruturais relevantes requeiram que haja certa distância, na árvore, entre o Adv/Quant e o sujeito pós-verbal. Talvez o quantificador *tutto* permita que ele se mova para uma posição de Spec mais alta que aquela ocupada pelos advérbios em (68a, b), ficando então mais distante do sujeito, no sentido relevante, e conseqüentemente interferindo menos. Os exemplos com advérbios recebem o sinal (?), indicando pequena marginalidade, enquanto o exemplo com o advérbio *tutto* não recebe. Para Belletti a explicação para esse fato estaria relacionada a algum efeito de interferência entre o advérbio e o sujeito pós-verbal, o qual idealmente deveria seguir imediatamente o verbo. O julgamento de (68c) como perfeita mostra que no caso do quantificado não há o mesmo tipo de interferência. A noção relevante para caracterizar a problemática proximidade ente o advérbio e o sujeito pós-verbal deve ser hierárquica, já que todos os exemplos são parecidos pelo ponto de vista da linearidade (cf. Rizzi, 1996). Como *tutto* supostamente deve se mover na oração deixando sua posição original, contrariamente aos advérbios, deve ser assumido que é precisamente esse movimento que é responsável pelo estabelecimento da distancia relevante necessária entre *tutto* e o sujeito pós-verbal. Ainda em relação a esse aspecto Belletti afirma que se houvesse a ordem VS do italiano fosse derivada por movimento para o campo do CP nos moldes de K&P essa diferença não poderia ser estabelecida por que elementos como advérbios e quantificadores (*tutto*) estariam dentro do IP movido e essa diferença não poderia ser perceptível.

Em suma, o raciocínio da autora é o seguinte: se os sujeitos pós-verbais do italiano trazem informações sobre o foco da oração e ocupam uma posição baixa na sentença, eles não se movem para checar seus traços numa posição alta como no campo do CP. Sendo assim, pressupõe-se a existência de um local, mais baixo que a posição funcional mais baixa, onde os traços dos sujeitos possam ser checados.

A estrutura da periferia do VP seria como em (70):

(70) [TopP [FocP [TopP [VP]]]]

A favor da existência de TopP na periferia do VP, a autora usa como argumento exemplos como (71) e (72):

(71) A: Che cosa ha poi fatto Gianni per quella questione?

‘O que tem feito Gianni por aquele problema?’

B: Sì, si ha poi parlato, Gianni, al direttore.

‘Sim, sim tem falado, Gianni, com o diretor.’

(72) A: Che cosa farà Gianni?

‘O que fará Gianni?’

B: Partirà, Gianni.

‘Partirá, Gianni.’

Segundo Belletti, exemplos como (71B) e (72B) revelam que há uma posição para tópicos na periferia do VP. Isso porque o elemento *Gianni*, nessas duas orações, retoma uma informação já presente no contexto, ou seja, informação presente nas perguntas. Em outras palavras, por ser informação antiga no discurso e por ocorrer depois do predicado que contém a informação nova – *ha poi parlato* em (71B) e *partirà* em (72B) – o elemento *Gianni* é interpretado como ocorrendo na posição de tópico presente na periferia do VP.

### **2.2.1 A atribuição de Caso nominativo ao sujeito: a proposta do Grande DP**

Considerando como correta a hipótese do sujeito interno ao VP (Koopman & Sportiche, 1991) e o contraste ente (68) e (69), Belletti (2001) levanta duas hipóteses para as estruturas com ordem VS: (i) ou o sujeito permanece na sua posição de origem, interna ao VP, ou (ii) ele é alçado para uma posição muito baixa na estrutura da oração, mais baixa que o Especificador mais baixo que abriga um advérbio, para uma posição funcional denominada FocusP.

De acordo com a autora, o problema de se postular que a posição de sujeito em orações pós-verbais é a posição original interna ao VP está relacionado ao Caso desses sujeitos. Como se sabe, na teoria, Caso é o traço morfossintático crucial para o licenciamento de NPs manifestos. No entanto, não há Caso disponível para o sujeito pós-verbal dentro do VP, a menos que se admita que o Caso nominativo seja acessível à posição de sujeito interna ao VP, possivelmente por meio de uma relação com um expletivo associado. No entanto, essa possibilidade não mantém a atribuição de Caso e a checagem como processos locais, o que leva a autora a concluir que não há Caso disponível a sujeitos na sua posição de origem.

Considerando como válida a hipótese de que o sujeito pós-verbal se move para uma posição de Foco interna à oração – FocusP –, a movimentação do sujeito para Especificador de FocusP, segundo Belletti (2002) se daria porque os itens presentes na numeração de uma oração com ordem VS seriam diferentes dos presentes em orações com ordem SV. Nas sentenças com ordem VS, a posição pré-verbal do sujeito seria preenchida por um *pro* expletivo nulo, associado ao sujeito pós-verbal, como em (73a). Nas estruturas com sujeito pré-verbal não haveria tal expletivo, e o EPP seria satisfeito pelo sujeito lexical, (73b).

(73) a. *pro* ha parlato Gianni.

‘pro falou Gianni’

b. Gianni ha parlato.

‘Gianni falou’

A favor da postulação de que as orações com ordem VS apresentam um arranjo lexical (*Lexical Array*) maior que o de orações com ordem SV, Belletti argumenta que, segundo Chomsky (2000), as diferenças entre arranjos lexicais maiores e menores só podem ocorrer se forem escolhidas para algum objetivo, ou seja, se a escolha tiver um reflexo na derivação final da oração. Como orações com ordem VS trazem um elemento com foco da informação nova e orações com ordem SV não trazem essa informação, haveria então argumento para se licenciar uma oração com um item a mais. Considerando essa linha de raciocínio como correta, não seria necessário postular uma propriedade de licenciamento especial para o traço de foco, como um traço de Caso, por exemplo.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Belletti (2001) propôs que Foco, e não Caso, seria o licenciador do sujeito pós-verbal. A hipótese era a seguinte: foco é um traço sintático checado no núcleo de uma projeção funcional na estrutura da oração.

No entanto, em Belletti (2003), ao analisar estruturas com duplicação de elementos (*doubling structures*), a autora faz uma nova proposta para explicar a atribuição de Caso nominativo aos sujeitos das orações com ordem VS. Sua proposta é a seguinte:

Há estruturas nas línguas românicas em que pode-se argumentar a favor de o DP entrar na derivação na forma de um “grande DP”, contendo o clítico e o DP. Essa argumentação se dá, por exemplo, para explicar orações como (74) (*clitic doubling structures* – CLD):

(74) Lo<sub>i</sub> vi a Juan<sub>i</sub>.

‘O vi a João’

A proposta do grande DP para orações com (74) foi feita porque a análise de orações com duplicação tem de explicar a existência de dois argumentos na oração recebendo apenas um papel temático e um Caso. O “grande DP” seria um tipo de estrutura capaz de resolver esse problema (cf. Cecchetto, 2000). Isso porque o papel temático seria atribuído ao grande DP, na posição onde ele foi inserido na derivação. O Caso seria atribuído ao clítico, na posição adequada (cf. Belletti, 1999 e Sportiche 1998), e a parte lexical do grande DP receberia Caso por meio da relação que estabeleceria com a posição original do grande DP.

---

Isso cria uma configuração de checagem regular. O traço sintático em questão possui habilidades de licenciamento. O sujeito se move para o especificador de Focus P e o verbo é alçado para uma posição mais alta, derivando a ordem VS. A propriedade de licenciamento desse traço não necessita apelar para convenções externas especiais. A única hipótese necessária é a de se atribuir ao traço de foco a habilidade de licenciar DPs manifestos, comparável ao traço de Caso.



Adotando a hipótese do grande DP, Belletti estende a análise de orações como (74), a casos como (75), em que ocorre deslocamento à direita (75a) (*right dislocation* – RD) e deslocamento à esquerda (75b) (*clitic left dislocation* – CLLD):

(75) a. Lo vedo, Gianni. (RD)

‘O vi, Gianni’

b. Gianni, lo vedo (CLLD)

‘Gianni, o vi’

A autora ressalta que no “grande DP” um dos elementos é um NP lexical e o outro é uma palavra funcional, um clítico ou um quantificador, como em (75). Por esse motivo, não são possíveis estruturas em que há a duplicação de dois NPs lexicais, como em (76b).

(76) a. I **miei amici** hanno **tutti** parlato.

‘Meus amigos tem todos falado’

b. \*I **miei amici** hanno **loro** parlato.

‘Meus amigos tem eles falado’

A parte funcional do grande DP é denominada pela autora *doubler*, e a parte contendo o NP lexical é denominada o *doublee*. A organização do grande DP seria como em (77):

(77)

	DP <sub>1</sub>
	1
	D <sub>1</sub> 1
	DP <sub>2</sub>
	1
	D <sub>2</sub> NP

O local do DP<sub>1</sub> seria o do *doubler*, pronome ou do quantificador, e o do DP<sub>2</sub> seria correspondente ao DP lexical, ao *doublee*. A autora considera que quando o DP<sub>2</sub> se move para alguma posição na oração, o DP<sub>1</sub> remanescente vai para o local na derivação reservado ele. Essa posição a ser preenchida dependerá do tipo do DP<sub>1</sub>, que como visto pode ser um clítico, um pronome forte ou quantificador.

No caso de orações com as em (78), a autora considera que o pronome forte é responsável pela veiculação de informação nova e o sujeito pré-verbal tem a interpretação de tópico.

- (78) Gianni verrà lui  
‘Gianni virá ele’

Um contexto em que tal oração poderia ser usada seria (79)

- (79) Maria manderà suo fratello, invece **Gianni** verrà **lui**.  
‘Maria mandará seu irmão, mas Gianni virá ele’

Para a autora, a interpretação de foco atribuída ao pronome forte se dá pelo fato de ele ocupar a posição de foco interna à oração (FocusP).

Ainda em relação a exemplos como (78), a autora acrescenta que, se houver uma pausa antes da pronúncia do pronome forte, é produzida uma entoação de abaixamento. Nesse caso, o pronome é interpretado como tópico. Um possível contexto para esse tipo de oração seria o em (80):

(80) Gianni verrà, lui; lo conosco, so che è affidabile (Maria invece non so cosa farà)

‘Gianni virá, ele; eu o conheço, eu sei que ele é confiável (Maria, ao contrário, eu não sei o que ela vai fazer)

Numa oração como em (80), a proposta é que o pronome preenche a posição de tópico da periferia do VP. Belletti acrescenta que o contexto pragmático em que uma oração como (78) é licenciada é parecido com o contexto em que ocorrem orações do tipo RD, como é o caso da oração em (81):

(81) Lo conosco, Gianni. (so che mantiene le promesse)

‘Eu o conheço, Gianni. (eu sei que ele mantém suas promessas)

A diferença nas derivações das estruturas em (80) e (81) é que em (80) é o pronome que ocupa a posição de tópico da periferia do VP e em (81), é o DP – *Gianni*.

### **2.2.3 Proposta de Belletti (2003) para as orações com ordem VS**

Utilizando-se da proposta do grande DP, Belletti tenta explicar como o Caso nominativo pode ser atribuído em línguas que admitem inversão livre do sujeito, como é o caso do italiano. Sua proposta é a de que a hipótese do grande DP pode dar uma resposta para o problema do Caso nas estruturas duplicadas. Isso porque, no mínimo, uma das partes do grande DP vai para uma posição de Caso. A relação que é estabelecida entre as duas partes, depois do movimento, pode ser responsável pelo fato de o Caso ser atribuído a todas as partes do constituinte original, o grande DP. Como exemplo, a autora cita as orações do tipo CLLD e RD. Para ela, nesses casos o clítico pode ser visto como a parte do grande DP que é marcada por Caso. A conexão que é

estabelecida entre essa parte e a parte que se moveu e foi ocupar a periferia esquerda, como no caso das orações com CLLD, ou foi ocupar uma posição interna na oração, como em RD, pode ser considerada marcada por Caso. O esquema do que foi dito acima é (82), uma oração do tipo RD, como a em (81) *Lo conosco, Gianni*:

(82) RD: [DP1 Cl.....], [Top DP2] [DP1 CL.....DP2]

Considerando como correta a proposta de que um dos elementos do grande DP pode receber Caso e transmiti-lo ao outro elemento do DP, a autora propõe que é esse mecanismo que licencia orações com ordem VS no italiano. Para ela, nessas orações, o grande DP é composto pelo pronome nulo *pro* e por uma parte lexical, que pode ser um DP ou um pronome, como em (83):

(83) Parlerò io.

‘Falarei eu’

No caso de uma língua como o PB, em que sentenças como as em (84) são consideradas agramaticais, pelo fato de a língua ter perdido pronomes nulos referenciais, a proposta de Belletti é a de que nos contextos em que ainda são possíveis orações com ordem VS<sup>13</sup>, o grande DP é formado por um *pro* expletivo e por um DP, como em (85):

(84) \*Cantam os pássaros.

(85) Chegou os livros que eu pedi.

---

<sup>13</sup> A autora só considera gramaticais em sua análise do PB exemplos de ordem VS com verbos inacusativos.

## 2.2.4 Conseqüências e previsões da proposta da periferia do VP

### As ordens VSO e VSPP

Em relação ao comportamento das orações com VS e a interação com outros complementos verbais, Belletti mostra que, se o argumento selecionado pelo verbo for um DP, como no caso dos objetos diretos, a oração é agramatical no italiano, como ilustrado em (10a). Se o argumento selecionado pelo verbo for um PP, a oração não é agramatical, mas recebe o julgamento de marginalidade, representado pelo sinal (?), como em (86b).

(86) a. \* Ha comprato Maria il giornale

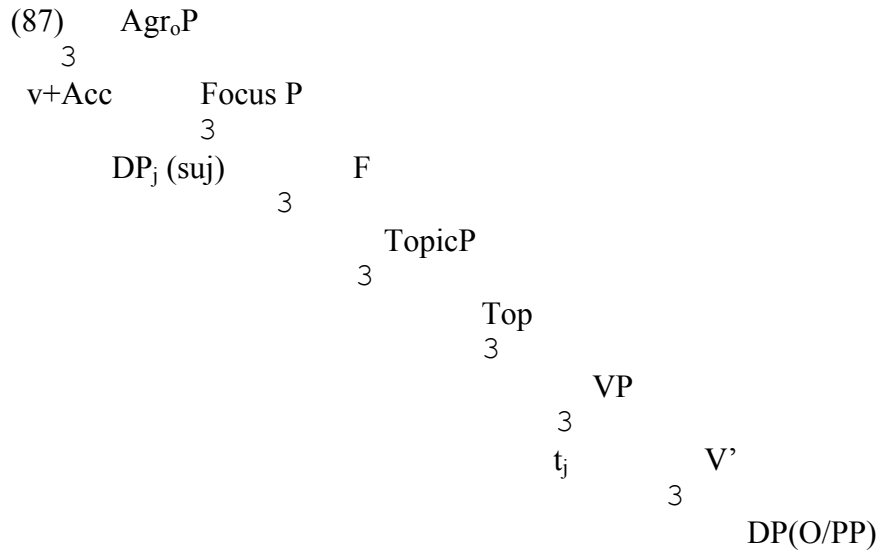
‘Comprou Maria o jornal’

b. ?Ha telefonato Maria al giornale.

‘Telefonou Maria para o jornal’

Para explicar o contraste em (86a) e (86b), Belletti parte do pressuposto de que PPs não necessitam de Caso e DPs necessitam. Isso ocorre porque, no caso do sintagma preposicional, é o DP interno ao PP que necessita de Caso, o qual é atribuído pela preposição. Já o DP necessita entrar em uma configuração sintática com um núcleo atribuidor de Caso acusativo, possivelmente Agr<sub>o</sub>P (Chomsky 1993). Esse atribuidor de Caso está fora do VP numa posição mais alta que a projeção de foco que abriga o sujeito pós-verbal. Esse é o fator crucial que impede a ocorrência de uma oração com ordem VSO: a relação de O com seu atribuidor de Caso não pode ser estabelecida devido à intervenção do sujeito, ou seja, devido à minimalidade relativizada. A

representação em (87) ilustra essa questão (correspondente ao ex. (21) de Belletti, 2002):



Como se verifica em (87), o DP sujeito fica em FocusP e impede a relação entre o DP (objeto direto) e seu atribuidor de Caso, Agr<sub>o</sub>P. No caso da ordem VSPP, nenhuma relação externa ao VP é necessária para a atribuição de Caso ao PP, portanto não há violação de relatividade minimalizada, e a oração é gramatical.

Em relação à atribuição do julgamento de pequena marginalidade a sentenças como (86b), Belletti acrescenta que essa pequena marginalidade ocorre devido à tendência de se ter foco estreito, como é o caso dos sujeitos pós-verbais, na posição mais à direita das orações. Como no caso da ordem VSPP essa tendência é violada, a sentença fica um pouco marginal. Mas como nenhum princípio gramatical é violado, a sentença não é considerada agramatical.

## **A ordem VOS**

Segundo Belletti a ordem VOS é licenciada em dois contextos, que serão apresentados a seguir sob a numeração (I) e (II):

(I) Em relação às sentenças com ordem VOS no italiano, Belletti afirma que elas ocorrem em contextos especiais, em que o predicado recebe interpretação de tópico, isto é, de informação dada no contexto:

(88) A: Chi capirà il problema?

“Quem entenderá o problema?”

B: ??Capirà il problema Gianni.

‘Entenderá o problema Gianni’

No entanto, a autora ressalta que a resposta mais natural para uma pergunta como (88A) é a em (89):

(89) Lo capirà Gianni.

‘O entenderá Gianni’

A explicação para a marginalidade de (88B) e a completa aceitabilidade de (89) é a de que, para a autora, no italiano não é permitido ao objeto ficar na posição onde ele checa seu Caso. Segundo Belletti, o objeto pode transitar pelo Especificador da posição de Caso, mas precisa esvaziá-la. E é por isso que em muitos casos a ordem VOS é impossível no italiano. Se o objeto puder esvaziar a posição de Caso, a estrutura estará

salva, e isso é precisamente o que a cliticização faz, daí a completa gramaticalidade de (89).

Dada essa explicação para a impossibilidade de VOS, resta a pergunta: Por que VOS ainda tem certo grau de aceitabilidade e é melhor que VSO? A hipótese da autora é a de que VOS pode receber uma análise em que não há violação de princípios gramaticais. Nesse caso, o constituinte contendo a seqüência VO é interpretado como tópico e ocupa a posição de tópico mais baixa, acima da posição de foco interna à oração (vide exemplo (82)). Essas orações com ordem VOS, portanto, seriam casos de topicalização remanescente interna à oração. Um argumento a favor da análise acima apresentada é o fato de as sentenças com ordem VOS serem mais freqüentemente encontradas em situações como narrações de jogos de futebol em que o predicado VO é interpretado como uma situação típica dos jogos e por isso é o predicado é considerado como se fosse elemento retirado de uma lista de possibilidades, como ocorre em (90) (correspondente ao exemplo (44) de Belletti, 2002):

(90) Protegge l'uscita del portiere il terzino sinistro.

‘Protege a saída do goleiro o lateral esquerdo.’

Outro contexto em que a ordem VOS é plenamente aceita é quando o objeto é um quantificador como *tutto* (91) (correspondente ao exemplo (45) de Belletti, 2002):

(91) Capirà tutto Maria.

‘Entenderá tudo Maria



Para orações em que o objeto é um quantificador, a análise de Belletti é a de que o quantificador *tutto* se move na sintaxe para uma posição diferente daquela em que objetos DPs recebem Caso, porque por ser um quantificador não precisa de Caso. Belletti acrescenta que as orações com quantificadores na posição de objeto como as com *tutto* não precisam receber a interpretação de que o VP é um elemento topicalizado

II) VOS também é aceitável com acento contrastivo no sujeito, como em (92):

(92) Ha capito il problema GIANNI (non tutta la classe)

‘Entendeu o problema Gianni (não toda a classe)’

O VP remanescente que está precedendo o S continua sendo interpretado como o Tópico, o foco da oração é o sujeito acentuado contrastivamente. Para a autora, mesmo um sujeito pré-verbal acentuado contrastivamente é considerado foco.

(93) GIANNI há capito il problema (no tutta la classe)

‘Gianni entendeu o problema (não toda a classe)’

A análise da autora para uma sentença como (93) é a de que o sujeito ocupa a posição de especificador do FocusP externo à oração, a mesma posição ocupada por constituintes com foco contrastivo (94a, b) e a mesma posição que, de acordo com Rizzi (1990), ocupam operadores WH- (94c):

(94) a. IL PROBLEMA Gianni ha capito (non l'equazione)

‘O PROBLEMA Gianni entendeu (não a equação)’

b. LA LETTERA Maria ha spedito (non il pacco)

‘A CARTA Maria enviou (não o pacote)’

c. Che cosa ha Capito Gianni?

‘O que entendeu Gianni?’

A análise de (93) também é a análise para a sentença em (92), ou seja, para Belletti, orações com foco contrastivo vão para a periferia esquerda da oração e ocupam uma posição de Foco (FocusP) dentro do domínio do CP.

Outro argumento da autora a favor de o predicado das orações com ordem VOS ser um elemento com propriedades de tópico é o fato de o material em VO não poder comandar o sujeito pós-verbal na ordem VOS. Isso parece ocorrer, por exemplo, em orações como (95B), mas não em orações como (96B):

(95) A: Chi ha salutato Gianni?

‘Quem cumprimentou Gianni?’

B: \*Hanno salutato Gianni<sub>i</sub> i propri<sub>i</sub> genitori

‘Cumprimentaram Gianni seus próprios pais’

(96) A: Chi ha salutato i propri genitori?

‘Quem cumprimentou os próprios pais?’

B: Ha salutato i propri<sub>i</sub> genitori Gianni<sub>i</sub>

‘Cumprimentou os próprios pais João’.

A aceitabilidade das orações em (96b) pode ser considerada como relacionada ao fato de elas serem obtidas pela reconstrução do movimento remanescente de VO, com O interpretado na sua posição de base, onde era c-comandado pelo sujeito.

### **A ordem VSCP**

A autora considera que orações não precisam de Caso. Isso significa que elas não precisam se mover para uma posição de checagem de Caso, mas podem ficar *in situ*, na posição de complemento interna ao VP. Na oração em (97) V sobe para T, o sujeito ocupa a posição de especificador de FocusP e o CP fica interno ao VP, assim como no caso de V S PP.

- (97) a. Ha detto la mamma che ha telefonato Gianni  
“Disse a mãe que telefonou Gianni”

A ordem VSCP não ocorre com todas as escolhas verbais, o que sugere que outros fatos estão envolvidos. Exemplos como os em (98) mostram ocorrências inaceitáveis ou bizarras de VSCP:

- (98) a. \*? Ha cominciato Gianni a non capire piu mente  
b. \*? Crede Maria che Gianni sai partito

A explicação para o julgamento de grande marginalidade (\*?) das orações em (98) fica em aberto.

### **Mais sobre VSO**

A ordem VSO, apesar de bastante rara em línguas como o italiano e o PB, é bastante freqüente em línguas como o espanhol (99a) e o grego (99b), (exemplos

retirados de Belletti, 2002, ex. 39). Sendo assim, a questão que se coloca é: Por que certas línguas apresentam restrições a ordem VSO e outras não?

(99) a. Todos os dias compra Juan el diário.

‘Todos os dias compra João o jornal’

b. O invita cam des Ion pe fata acesta.

‘A ela convida quase sempre João ‘pe’ garota aquela

‘João convida aquela garota quase sempre’

Para Belletti, há duas formas de se analisar esse problema: (a) as línguas que admitem a ordem VSO disponibilizam uma posição extra para o sujeito, mais alta que FocusP, de forma que essa posição não interfere na atribuição de Caso ao objeto; ou (b) as línguas que licenciam VSO possuem uma outra forma de atribuir Caso ao Objeto direto, permitindo que ele permaneça interno ao VP. Devido a essa possibilidade o objeto não precisaria de se movimentar para uma posição acima do VP para receber Caso e a ordem VSO teria o mesmo status de VSPP.

Em favor da primeira alternativa há a observação de que uma posição mais alta para o sujeito está disponível em islandês (dados de Bobaljik & Jonas (1996) *apud* Belletti (2002), exemplos (5) e (6))

(100) a. pao luku sennilega *einhvortjir studentar* alveg verkefninu

‘expl. acabaram provavelmente alguns estudantes completamente a atribuição’

b. \*pao luku sennilega alveg *einhvortjir studentar* verkefninu

‘expl acabaram provavelmente completamente alguns estudantes a atribuição’

A autora contrasta os dados do islandês com os dados do italiano em (41) e (42), repetidos em (101), a seguir:

(101) a. ?Capirà completamente Maria.

b. \*Capirà Maria completamente

A comparação dos dados em (100b) e (101b) leva à conclusão de que, em italiano, o sujeito tem de ficar depois do advérbio considerado baixo e que em Icelandic o sujeito tem de ficar antes desse advérbio.

A favor da segunda alternativa a autora argumenta que parece haver uma correlação entre línguas que licenciam VSO e a existência, nessas línguas, de uma marcação de Caso especial para objeto envolvendo uma preposição em certas circunstâncias, como em (102a). A preposição também seria encontrada em construções com *object clitic doubling*, ilustrada em (102b):

(102) a. Ana saludò a uno amigo

b. Juan lo visito al chico

A hipótese seria a de que as línguas que licenciam VSO utilizariam como recurso para o licenciamento do objeto pós-verbal uma versão abstrata da preposição para marcar casualmente o O. Sem escolher nenhuma das duas opções, a autora afirma que são necessárias mais investigações sobre esse assunto.

### 2.2.5 Análise da proposta de Belletti (2001, 2002, 2003)

Em resumo, entre os mecanismos responsáveis pelo licenciamento de diferentes ordens, pode-se observar que Belletti dá ênfase a dois aspectos principais, envolvidos na derivação da ordem VS. O primeiro está relacionado à interpretação de foco que as orações com ordem VS recebem: foco da informação, e o segundo com a hipótese da autora sobre a existência de um núcleo funcional – *Focus Phrase* – FP, localizado acima do VP, destinado à checagem dos traços de foco dos elementos da oração. O movimento dos elementos da oração é causado pela necessidade de checagem dos traços dos elementos na posição de foco, altera a ordem de constituintes não marcada na língua, que no caso do italiano é SVO.

A análise de Belletti para o italiano traz contribuições para o entendimento das características sintáticas das orações com ordem VS do PB. Um ponto que merece destaque na análise da autora é o fato de ela trazer dados de ordem VOS proferidos em contextos de narrações concomitantes, ou contextos previsíveis, como a autora denomina, como as os dos jogos de futebol. Esses dados são bastantes semelhante aos dados das orações com ordem VOS atestados no PB por Pilati (2002) e apresentados no Capítulo 1 seção (1.2). A análise de Belletti para essas orações correlaciona o licenciamento da ordem VOS ao fato de o constituinte contendo a seqüência VO ser um tópico, pois nas narrações de jogos de futebol o predicado é interpretado como uma situação típica dos jogos e é considerado como se fosse elemento retirado de uma lista de possibilidades. Nesse caso, orações com ordem VOS seriam, casos de topicalização remanescente interna à oração.

Outro aspecto relevante na análise da autora é a correlação entre a agramaticalidade de certas orações com ordem VOS e a atribuição de Caso Acusativo

para o argumento interno do verbo. A autora afirma que se o objeto intervir entre o verbo e o sujeito pós-verbal a oração é agramatical pela violação de princípios gramaticais, mais precisamente pela violação da Condição de Elo Mínimo. Na proposta da tese, Capítulo 3, retomaremos essa discussão levantada por Belletti, para explicar a ordem o licenciamento e as restrições apresentadas pelas orações com VOS no português.

A seguir apontaremos alguns problemas encontrados na proposta de Belletti, para justificar a não adoção da proposta da autora. Um primeiro problema da análise de Belletti é a proposta do grande DP, utilizada para explicar o licenciamento do sujeito pós-verbal. A questão problemática se relaciona principalmente à possibilidade de aplicar a proposta da autora a outras línguas, pois não há evidências de que em línguas como o português o italiano e o grego o DP entre na derivação como um grande DP, na forma de [*pro*,DP].

Outra questão básica da proposta da autora que precisa ser averiguada em detalhe é a relativa à posição dos advérbios na oração. Belletti elabora toda sua proposta baseada nos seguintes dados em (41) e (42), repetidos abaixo com a mesma numeração:

- (41) a. ?Capirà completamente Maria.  
'Entenderá completamente Maria'
- b. ?Capirà bene Maria.  
'Entenderá bem Maria'
- c. Capirà tutto Maria.  
'Entenderá tudo Maria'

- (42) a. \*Capirà Maria completamente  
'Entenderá Maria completamente'
- b. \*Capirà Maria bene.  
'Entenderá Maria bem'
- c. \*Capirà Maria tutto.  
'Entenderá Maria tudo'

A questão que se coloca é se esses dois advérbios ocupam realmente a posição funcional mais baixa na sentença. A resposta dessa questão é crucial para que se possa manter uma proposta como a da autora. Um potencial problema para a proposta da autora em relação à questão dos advérbios é o seguinte: Se a autora afirma que nas orações com ordem VS o sujeito veicula informação nova, uma oração como (41B) seria, na verdade, a resposta a uma oração como (103B).

- (103) A: Chi capirà bene? (Quem entenderá bem?)  
B: ?*Capirà bene* Maria.  
'Entenderá bem Maria'

Nesse caso, o predicado, contendo o advérbio, faz parte da informação antiga e, por esse motivo, de acordo com a hipótese da autora, o predicado (incluindo o advérbio) ocuparia a posição de tópico interna à oração. Ou seja, numa oração como (103B) o advérbio não seria gerado naquela oração – ele é informação já veiculada pelo discurso. Por esse motivo, uma oração como (41B) parece não poder servir como um bom argumento para a proposta da autora em relação à posição de advérbios.



Além dos problemas apontados acima, há na literatura críticas à proposta de Belletti. Entre elas citamos a de Roussou & Tsimpli (2003). Essas autoras fazem várias críticas a proposta da periferia do VP. Uma delas é o fato de a proposta da autora ser muito restritiva e excluir a princípio a possibilidade de VSO. Segundo Roussou & Tsimpli, ao excluir a ordem VSO, a autora tem de apelar para outros mecanismos para derivar orações com ordem VSO, que é uma ordem freqüente no grego.<sup>14</sup> Esse realmente é um problema para a proposta da autora, principalmente numa teoria como a gerativista que além de ter como princípios básicos a adequação descritiva e adequação explicativa busca uma teoria sintática que leve à gramática universal. Outra crítica é que a proposta de Belletti além de restringir a ordem VSO não explica as diferenças sintáticas e semânticas dessa ordem nas duas línguas. Segundo Roussou & Tsimpli, a ordem VSO é mais produtiva em grego do que em espanhol. No espanhol (cf. Zagana, 2002), a ocorrência de VSO depende de fatores como tópico e foco, e em grego não, ou seja, é a ordem não marcada nessa língua.<sup>15</sup>

Devido aos fatores citados acima, chega-se à conclusão de que apesar de a proposta de Belletti conseguir captar certas características da derivação da ordem VS em italiano e até mesmo em PB, há problemas teóricos, como a postulação do grande DP e da periferia interna ao VP e empíricos pois a não há como explicar as características sintáticas da ordem VS em línguas como o grego e espanhol.

---

<sup>14</sup> “Belletti’s (2001, in press) account [...] is too powerful as it excludes VSO altogether and has to rely on some additional mechanism in order to distinguish Italian from Spanish (and Greek)”

<sup>15</sup> “[...]Italian differs from Greek and Spanish in that it does not allow for VSO. Furthermore, Greek and Spanish differ in that VSO appears to be more productive in Greek, as it does not depend on the presence of a topic or focus in clause-initial position, and is less sensitive to the thematic structure of the predicate.”

## **2.3 A proposta das inversões locativas**

A proposta de Pinto (1997) para a ordem VS no italiano foi publicada anteriormente à proposta de Belletti (2001, 2002, 2003), analisada na seção anterior. No entanto, o trabalho será apresentado em seguida ao trabalho de Belletti por se considerar que a análise dos dados feita por Pinto consegue captar fenômenos importantes nas orações com ordem VS do italiano, não abordados por Belletti. A descrição feita por Pinto será útil para entender certas características sintáticas e semânticas das orações com ordem verbo-sujeito do italiano e também do PB, como poderá ser constatado ao final desta seção.

### **2.3.1 Descrição e análise e orações com ordem VS no italiano (Pinto, 1997)**

Conforme visto na análise de Belletti (cf. Belletti, 2001), o italiano é uma língua em que a ordem VS é licenciada em contextos de repostas a perguntas QU-, (104-106), e em contextos de narrações concomitantes, (107). Além disso, Belletti afirma que essa ordem pode ser licenciada com verbos inacusativos, (104), inergativos, (105), e transitivos, (106-107):

(104) a. Chi è partito?

‘Quem partiu?’

b. È partito Gianni.

‘Partiu o Gianni’

(105) a. Chi ha parlato?

‘Quem falou?’

b. Ha parlato Gianni.

‘Falou o Gianni’

(106) A: Chi ha capito il problema?

‘Quem entendeu o problema?’

B: Ha capito il problema Gianni.

‘Entendeu o problema Gianni’

(107) a. Mette la palla sul dischetto del rigore Ronaldo.

‘Coloca a bola sobre a marca do pênalti Ronaldo’

Pinto, em sua análise dos dados, antecipa as afirmações feitas em Belletti (2001)<sup>16</sup>, e acrescenta outras características importantes da ordem VS no italiano.

Para Pinto o licenciamento da ordem VS no italiano está diretamente relacionado à (i) adequação da oração a um determinado contexto pragmático e (ii) seleção de argumentos pelo verbo – somente verbos que estabeleçam uma relação temática com um PP locativo ou dêitico, além de seus argumentos interno e/ou externo, poderão ocorrer com a ordem VS. Passemos à discussão de cada caso separadamente:

---

<sup>16</sup> Em relação à ocorrência de verbos transitivos, Pinto (1997) afirma que eles são raros como foco largo. Os poucos casos aceitáveis atestados envolvem expressões idiomáticas, como em (i):

(i) In questo ufficio hanno dato le dimissioni molti ministri.  
‘Neste escritório pediram demissão muitos ministros.’

Além disso, a inversão em orações com foco largo é perfeitamente aceitável se o objeto for um clítico.

## i) Adequação da ordem VS ao contexto pragmático

Para diferenciar os tipos de perguntas que podem ter orações com ordem VS como resposta, a autora segue a nomenclatura usada em Zubizarreta (1994), a qual distingue dois tipos principais de perguntas, de acordo com seus padrões de foco: perguntas com foco largo (*wide focus*) e perguntas com foco estreito (*narrow focus*). Ambos os tipos de perguntas têm como resposta orações com propriedades interpretativas e prosódicas diferentes.

As orações com ordem VS do italiano são classificadas por Pinto como orações com foco largo. Para ela, essas orações são geralmente respostas a perguntas do tipo *O que aconteceu?* ou, como a autora denomina, enunciados *out-of-the-blue*.<sup>17</sup> Para a autora, esse tipo de pergunta não pressupõe informação prévia sobre o contexto. Uma resposta adequada tem de ser completamente informativa. Por esse motivo, toda a sentença é considerada informação nova e a oração recebe acento neutro. As orações com foco estreito são as respostas a perguntas com algum tipo de pressuposição. As repostas a perguntas com foco estreito apresentam uma marca prosódica na parcela da oração que traz informação nova.

Os exemplos em (108B,B',B'') mostram as possibilidades de respostas a uma pergunta com foco largo (108A). Já os exemplos de (109) a (111), contextos de perguntas e respostas com foco estreito. As orações consideradas inadequadas serão assinaladas com o sinal #.

---

<sup>17</sup> Ao final dessa seção faremos nova classificação dos contextos de VS descritos por Pinto (que segue Zubizarreta, 1994). Isso porque para Pinto têm foco largo tanto uma oração que é resposta a uma pergunta do tipo *O que aconteceu?* quanto orações proferidas em contextos *out of the blue*. Isso porque se a oração é uma resposta a uma pergunta, ela já não pode ser analisada como uma oração proferida *out of the blue*. Além disso, a pergunta *O que aconteceu* traz a informação pressuposta de que *algo aconteceu*.

(108) A: Che cosa è successo?

‘O que aconteceu?’

B: E’ arrivato Dante.

‘Chegou Dante’

B’: #Ha pianto Beatrice.

‘Chorou Beatriz’

B’’: #Ha scritto una lettera d’amore Beatrice.

‘Escreveu uma carta de amor Beatriz’

Como se pode constatar nos exemplos acima (108B), com verbo inacusativo, é considerada uma boa resposta, mas (108B’) e (108B’’) **não** são respostas adequadas. Segundo a autora, mesmo (108B’) e (108B’’) sendo orações sintaticamente bem formadas sua interpretação não é adequada ao contexto pragmático, daí receber o sinal #.

Já quando as orações com ordem VS são usadas como repostas a perguntas com foco estreito, elas são completamente gramaticais, como em (109B), (110B) e (111B):

(109) A: Chi è arrivato?

‘Quem chegou?’

B: E’ arrivato Dante.

‘Chegou Dante’

(110) A: Chi ha pianto?

‘Quem chorou?’

B: Ha pianto Beatrice.

‘Chorou Beatriz’

(111) A: Chi ha scritto lettere d'amore?  
'Quem escreveu cartas de amor?'

B: Ha scritto lettere d'amore Beatrice.  
'Escreveu cartas de amor Beatriz'

Como se observa nos exemplos acima, (109B), (110B) e (111B), as mesmas orações de (108B,B',B'') não recebem o sinal #. Ou seja, nesses casos a oração está adequada ao contexto. Com esse comportamento, das orações com ordem VS do italiano, a autora conclui que sempre são licenciadas orações com ordem VS quando elas são respostas à perguntas com foco estreito, isto é, perguntas QU-.

**ii) Seleção argumental: a necessidade da presença (fonologicamente manifesta ou não) de um PP locativo ou temporal pelo verbo**

Com comparação entre as orações contidas nos exemplos (108A, B)A: *Che cosa è successo?*, B: *E' arrivato Dante* e (109A, B) A: *Chi è arrivato?*, B: *E' arrivato Dante*. pode se observar que os verbos inacusativos são gramaticais tanto em respostas a perguntas com foco estreito quanto como resposta a perguntas com foco largo. Esses dados poderiam levar a autora a afirmar que os verbos inacusativos são sempre possíveis na ordem VS, independentemente do tipo de pergunta. No entanto, baseada em dados como (112B, B') abaixo, ela defende outro ponto de vista.

(112) A: Che cosa è successo?  
'O que aconteceu?'

B: #E' impallidito Berlusconi.  
'Empalideceu Berlusconi'

B': #Si è stufata Penelope.

'Se estufou a Penélope'

Segundo a autora, os dados em (112B, B') mostram que nem todos os verbos inacusativos são possíveis na ordem VS em orações com foco largo<sup>18</sup>. Ou seja, esses dados mostram que a inacusatividade sozinha não pode ser a base da explicação da ordem VS em italiano, pois embora as orações em (112B, B') contenham verbos inacusativos, não são respostas aceitáveis a uma pergunta com foco largo. As orações (112B, B') somente seriam adequadas como respostas a perguntas com foco estreito (113A, A'), como em (113B, B') (exemplos retirados de Pinto, 1997:27):

(113) A: Chi è impallidito?

'Quem empalideceu?'

B: E' impallidito Berlusconi.

'Empalideceu Berlusconi'

A' Chi si è stufata?

'Quem se estufou?'

B': Si è stufata Penelope.

'(Se) estufou Penelope'

---

<sup>18</sup> Levin & Rappaport Hovav (1995:225) mostram que no inglês também há orações agramaticais com sujeitos pós-verbais a verbos inacusativos, como em (i):

(i) \*On the streets of Chicago melted a lot of snow.

A comparação entre os julgamentos das orações (112B, B') e (113B, B') revela que, em contextos de repostas a perguntas com foco estreito, a ordem VS é sempre possível com verbos inacusativos, assim como o é para as demais classes verbais.

Além de mostrar que os verbos inacusativos não são sempre licenciados em orações com foco largo, Pinto também revela que contrariamente à previsão de que a ordem VS não é adequada como resposta a orações de foco largo (cf. exemplos em (108)), há verbos inergativos que são licenciados nesses contextos, como em (114B,B'):

(114) A: Che cosa è successo?

‘O que aconteceu?’

B: Ha telefonato Dante.

‘Telefonou Dante’

B': In questa casa ha abitato Giacomo Leopardi.

‘Nessa casa morou Giacomo Leopardi’

Para a autora o que licencia a ordem VS nesses casos é: em (114B) a possibilidade de o verbo selecionar um elemento de natureza locativa ou temporal e em (114B') é a presença de um elemento locativo manifesto<sup>19</sup>.

Com base no comportamento das orações com ordem VS do italiano vistas acima, tais como: (i) impossibilidade de sujeitos de *certos* verbos inacusativos ocorrerem na ordem VS em orações com foco largo, (ii) existência de orações com verbos inergativos e com ordem VS como respostas a orações com foco largo, a autora elabora a seguinte hipótese para explicar o comportamento das orações com ordem VS:

---

<sup>19</sup> As duas características das orações em (114): ser oração com verbo *telefonar* ou *ligar*, (114B), e apresentar um PP locativo à esquerda para que a ordem VS ocorra são características presentes nas orações com ordem VS no PB, como descrito no Capítulo I. Esse fato confirma a conclusão da seção 2.2, em que se afirma que as orações com ordem VS do italiano e do PB apresentam certa semelhança.



há um argumento locativo ou temporal (LOC) nas orações com ordem VS que ocorrem em contextos de resposta a perguntas com foco largo.

Como visto acima, a hipótese de Pinto (1997) é a de que os elementos preposicionais das inversões locativas são *argumentos* verbais, como se constata na afirmação a seguir “In inversion constructions the EPP is satisfied by the loco/temporal argument (LOC)” (*op.cit.* p 132). Mas a autora faz o seguinte comentário em relação a essa hipótese: “Com verbos de movimento, como *chegar*, é possível assumir que o elemento nulo fonologicamente é subcategorizado pelo verbo. Mas isso é menos óbvio para verbos como *comer* e *estudar*. Talvez em vez de subcategorização é mais preciso falar em relação temática entre o elemento nulo e o verbo que o seleciona” (cf. Pinto, 1997:137, nota 16, tradução minha). No entanto, no decorrer do texto a autora sempre se refere a LOC como um argumento verbal. Nesta tese, no Capítulo 3, seção 3.3, discutiremos o estatuto argumental dos locativos.

Segundo a autora, a impossibilidade de ordem VS com verbos inacusativos como *impallidire* ‘empalidecer’, (cf. exemplo (112B) – *A: Che cosa è successo? B: #E’ impallidito Berlusconi.*) ocorre porque o verbo não pode selecionar argumentos do tipo locativo ou temporal. Já verbos que selecionam elementos locativos como *arrivare*, ‘chegar’ ou *telefonare* ‘telefonar’, *vivere* ‘viver’ e *abitare* ‘habitar’ podem ocorrer na ordem VS em orações com foco largo, daí a aceitabilidade de orações como (108B) *A: Che cosa è successo? B: E’ arrivato Dante.*

A presença desse argumento locativo também seria a explicação para a ocorrência das orações (114B, B’) *B: Ha telefonato Dante,* e B’: *In questa casa ha abitato Giacomo Leopardi* que contêm verbos inergativos. No caso de (114B), esse argumento não é realizado fonologicamente.

Para corroborar sua hipótese a favor da seleção e existência de LOC em orações com ordem VS, Pinto afirma que orações com verbos que admitem sujeitos na posição pós-verbal, ou seja, verbos que podem selecionar LOC, recebem interpretações diferentes quando o sujeito ocorre antes ou depois do verbo. Oações com sujeito em posição pós-verbal recebem interpretação dêitica e com referência mais específica, o que não ocorre em orações SV. Prova disso, é a interpretação de orações em (115)-(118):

(115) a. E' entrato Dante.

'Entrou Dante'

*'Dante entrou (aqui /nesse lugar)'*

b. Dante è entrato.

'Dante entrou'

*'Dante entrou (em algum lugar)'*

(116) a. E' morto Fellini.

'Morreu Fellini'

*'Fellini acabou de morrer'*

*(Eu acabei de ouvir que Fellini morreu)*

b. Fellini è morto.

'Fellini morreu'

*(Fellini morreu (há algum tempo))*

(117) a. Ha telefonato Beatrice.

‘Telefonou Beatriz’

*(Beatriz ligou (aqui, para este lugar))’*

b. Beatrice ha telefonato.

‘Beatrice has called’

*(Beatriz ligou (para algum lugar, fez telefonemas))’*

Em (115a), por exemplo, a oração recebe a interpretação de que *Dante* entrou no local em que se encontram os participantes daquele ato de fala e em (115b) a oração é interpretada como se Dante tivesse entrado em qualquer local. Nesse último exemplo, a oração recebe interpretação indeterminada em relação ao local.

Em suma, a idéia defendida pela autora é a de que o licenciamento de sujeitos em posição pós-verbal em orações com foco largo está relacionada à presença, fonologicamente manifesta ou não, de um argumento do tipo locativo ou temporal. Esse argumento quando fonologicamente nulo recebe interpretação dêitica, orientada para o falante ou para os participantes da situação discursiva.

O argumento locativo ou temporal das orações com ordem VS apresenta três propriedades particulares: (i) pode estar manifesto ou não, (ii) tem interpretação dêitica que envolve proximidade com o falante e (iii) o elemento locativo ou temporal deve ser um possível argumento do verbo da oração, deve estabelecer uma relação temática com o verbo.

Uma decorrência direta da análise da autora sobre a existência de LOC em orações com ordem VS é que as orações ficam estruturalmente bastante parecidas com as conhecidas inversões locativas, como (118a, b)

(118) a In questa casa ha abitato Beatrice.

‘Nessa casa, morou Beatriz’

b In questo secolo hanno vissuto molti poeti famosi.

‘Neste século viveram muitos poetas famosos’

Pinto confirma essa semelhança e afirma que o elemento locativo das orações com ordem VS pode estar manifesto, como é o caso das inversões locativas, ou não.

Em relação à seleção de LOC pelos verbos inergativos, Pinto mostra que para certos verbos a presença desse argumento é obrigatória e para outros não. As orações em (118), por exemplo, sem o argumento locativo seriam agramaticais tanto na ordem VS (119), quanto na ordem SV (120):

(119) a \*Ha abitato Beatrice.

‘Morou Beatriz’

b \*Hanno vissuto molti poeti famosi.

‘Viveram muitos poetas famosos’

(120) a \*Beatrice ha abitato.

b \*Molti poeti famosi hanno vissuto.

A agramaticalidade das orações em (119) e (120) comprova o estatuto de argumento de LOC, pelo menos com os verbos *viver* e *habitar/morar*.

Como exemplo de verbos inergativos cuja seleção do argumento locativo é opcional, a autora apresenta o verbo *lavorare* ‘trabalhar’ (121B’):

(121) A: Che cosa è successo?

B: Molte donne straniere hanno lavorato.  
‘Muitas mulheres estrangeiras trabalharam’

B’: In questo albergo hanno lavorato molte donne straniere.  
‘Neste hotel trabalharam muitas mulheres estrangeiras’

B’’: #Hanno lavorato molte donne straniere.  
‘Trabalharam muitas mulheres estrangeiras’

(121B) mostra que o verbo *lavorare* ‘trabalhar’ se diferencia de *abitare* ‘morar’ e de *vivere* ‘viver’. A diferença se dá porque o verbo *trabalhar* não requer a presença obrigatória do argumento locativo/temporal, como pode ser visto em (121B), a não ser quando o sujeito ocorre em posição pós-verbal (121B’). A inaceitabilidade de (121B’’) comprova a hipótese da autora de que quando há ordem VS e a oração apresenta foco largo, há obrigatoriamente a presença de LOC.

Um outro argumento da autora, a favor de sua hipótese sobre a presença de LOC e da semelhança de orações VS com inversões locativas é o fato de nas inversões locativas, assim como nas orações com VS, haver frequentemente interpretação dêitica, como em (122B):

(122) A: Perché mi porti qui?

‘Por que você me trouxe aqui?’

B: In questo albergo ha vissuto Maria Callas.

‘Neste hotel viveu Maria Callas’

Em resumo, ao analisar as orações com ordem VS do italiano Pinto observa que independentemente da classificação do verbo, se inacusativo, inergativo ou transitivo, há verbos que admitem sujeitos pós-verbais e verbos que não admitem. As características dos verbos que licenciam ordem VS são resumidas em (123):

(123) Verbos que admitem ordem VS

- a) selecionam um argumento interno adicional;
- b) o argumento é um elemento locativo ou temporal (LOC);
- c) esse elemento pode aparecer fonologicamente realizado ou não;
- d) LOC recebe sempre uma interpretação dêitica.

A ocorrência dos verbos do italiano em orações como foco largo e estreito pode ser sintetizada da seguinte forma:

(124) Tipos de verbos e ordem dos constituintes

	Verbo que licencia VS	Verbo que não licencia VS
Foco largo	V(O)S	SV(O)
Foco estreito	V(O)S	V(O)S

### **2.3.2 Proposta teórica de Pinto para orações com ordem VS em italiano**

A proposta da autora para explicar os fenômenos lingüísticos apresentados na seção anterior se baseia na hipótese que a distribuição de sujeitos em italiano é determinada principalmente por propriedades sintáticas e que atribuição do acento de foco da oração é determinada por uma regra mecânica de acento prosódico. Apresentamos a seguir maiores detalhes da proposta da autora.

#### **2.2.3.1 Aplicação da Regra de Acento Nuclear (NSR)**

Em relação ao acento prosódico das estruturas com foco, a autora, seguindo Cinque (1993) e Reinhart (1995), afirma que a regra que deriva uma estrutura com foco neutro é um procedimento mecânico que ocorre em PF nas derivações convergentes. Isso implica afirmar que, se a regra de foco é um procedimento mecânico, não se espera que tenha nenhum efeito na ordem das orações. Sendo assim as ordens SV ou VS com orações com foco largo são determinadas estritamente pela sintaxe.

Seguindo a proposta de Cinque (1993), a autora defende que, já que foco é normalmente identificado pelo acento principal da sentença, a regra para atribuição de acento pode determinar indiretamente qual constituinte carregará o foco. A Regra do Acento Nuclear (NSR) de Cinque é aplicada ciclicamente na sintaxe. As variações paramétricas são derivadas sem necessidade de modificação desse mecanismo se se explorar as direções de recursividades específicas a cada língua: começando do nó mais encaixado, a regra se aplicará aos demais ciclos da derivação da oração. O exemplo a seguir ilustra a aplicação da NSR em uma oração do inglês:

(125) Loek won the tournament.

[IP	Loek	[ VP won	[NP the tournament]]]]
*		*	*
Ciclo do NP		[	* ]
Ciclo do VP	[		* ]
Ciclo do IP	[		* ]

A regra de atribuição do acento funcionará da seguinte forma: começando do primeiro ciclo a NSR atribui um asterisco a palavra mais encaixada. Essa operação se processa ciclicamente até que toda a oração tenha sido processada. O acento principal será atribuído na palavra que carregar o maior número de asteriscos, isto é, a palavra que for mais encaixada. Dada a relação entre acento e foco, o foco da sentença será identificado como o constituinte que contiver a palavra com o acento principal.

Pinto se refere ao resultado da aplicação da NSR como *padrão do foco neutro* de uma sentença. Para ela, a leitura de foco largo de uma oração só pode ser derivada pela NSR, como uma consequência da natureza cíclica dessa regra. O foco largo é então normalmente associado à interpretação de foco neutro. Mas a NSR também deriva a leitura de foco estreito do constituinte mais encaixado. Uma consequência direta do funcionamento a NSR é que tanto foco largo – em toda a oração – como foco estreito no constituinte mais encaixado são instâncias de foco neutro, já que ambos são derivados pelo mesmo mecanismo.

Pinto também segue a idéia de Reinhart (1995), segundo a qual, com o resultado da aplicação da NSR, cada ciclo contém a palavra com acento principal. Além disso, se foco é identificado com o acento principal, a regra de Cinque determina para cada



sentença não apenas um foco, mas um grupo de possibilidades de focos, de acordo como cada ciclo que contém a palavra com o acento. Um exemplo que ilustra essa previsão é o seguinte:

(126) a. Loek won the tournament.

b. [<sub>F</sub> Loek [<sub>F</sub> won [<sub>F</sub> the tournament]]]]

Tipos de foco

[<sub>F</sub> the tournament]

[<sub>F</sub> won the tournament]

[<sub>F</sub> Loek won the tournament]

A oração em (126a) contém três possibilidades de foco, cada uma contendo a palavra com o acento principal. O foco estreito da oração (126a) corresponde ao objeto direto *the tournament* e o foco largo à oração inteira *Loek won the tournament*. Num sistema de atribuição como este, o significado de cada opção de foco só pode ser identificado na interface da oração com o sistema de uso. Ou seja, as informações advindas do contexto pragmático determinarão a opção de foco mais adequada. Os exemplos a seguir ilustram o funcionamento da NSR em contextos que licenciam ordem VS (127) e em contextos que não a licenciam (128):

(127) A: Chi ha telefonato?

‘Quem ligou’

B: Ha telefonato [<sub>F</sub> Kasparov].

A': Che cosa è successo?

'O que aconteceu?'

B':[<sub>F</sub> Ha telefonato Kasparov]

A'': Che cosa ha fatto Kasparov?

'O que Kasparov fez'

B''#[<sub>F</sub> Ha telefonato] Kasparov

'Telefonou Kasparov'

Como visto, a NSR pode se aplicar em vários ciclos da derivação. Em (127B), o elemento focalizado é *Kasparov* e em (127B') é toda oração, que contém o elemento com acento de foco. A inadequação da oração (127B'') se deve ao fato de que o foco estreito do predicado não é uma opção de foco possível por meio da aplicação da NSR.

Mais um exemplo da aplicação de NSR (128):

(128) [<sub>F</sub> Kasparov [<sub>F</sub> ha telefonato [<sub>F</sub> a Campomanes]]]

Tipos de foco:

[<sub>F</sub> a Campomanes]

[<sub>F</sub> ha telefonato a Campomanes]

[<sub>F</sub> Kasparov ha telefonato a Campomanes]

A oração (128) admite três tipos de foco, cada um é uma resposta adequada a uma pergunta, como em (129a-d):

(129): a. A chi ha telefonato Kasparov?

‘Para quem Kasparov telefonou’

Kasparov ha telefonato [<sub>F</sub> a Campomanes]

‘Kasparov telefonou para Campomanes’

b. Chi ha telefonato a Campomanes?

‘Quem telefonou para Campomanes?’

#[<sub>F</sub> Kasparov] ha telefonato a Campomanes

c. Che cosa ha fatto Kasparov?

‘O que fez Kasparov’

Kasparov [<sub>F</sub> ha telefonato a Campomanes]

d. Che cosa è successo?

‘O que aconteceu?’

[<sub>F</sub> Kasparov ha telefonato a Campomanes]

(129a) representa uma oração com foco estreito, o objeto indireto é o único elemento marcado com foco, (129b) não é uma oração adequada, a explicação para esse fato é a resposta com foco estreito no sujeito não pode ser possível nessa ordem. Em (129c), a marcação de foco está no predicado da oração e em (129d) em toda sentença, que recebe interpretação de foco largo.

Um exemplo da autora da aplicação da NSR com verbos que não licenciam inversão é com foco largo (130a-c):

(130) Che cosa è successo?

‘O que aconteceu?’

a. [F Berlusconi è impallidito]

*‘Berlusconi empalideceu’*

b. Che cosa ha fatto Berlusconi?

‘O que Berlusconi fez’

Berlusconi [F è impallidito]

c. Chi è impallidito?

‘Quem empalideceu?’

# [F Berlusconi] è impallidito

(130a) é uma oração adequada com foco largo e (130b) com foco estreito também é adequada, já (130c), com foco estreito no sujeito não o é. Isso se deve às opções de foco da oração previstas pela NSR, como ilustrado em (131):

(131) [F Berlusconi [F è impallidito]]

[F è impallidito]

[F Berlusconi è impallidito]

Uma oração como (132B), abaixo, mostra que o verbo *impallidare* não admite ocorrer na ordem VS, quando a oração contém foco largo:

(132) A. Che cosa è successo?

B. #E' impallidito Berlusconi.

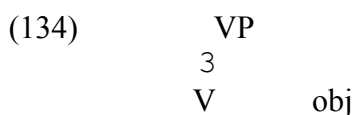
### 2.2.3.2 As propriedades sintáticas da oração, o estatuto de LOC e o licenciamento da ordem VS

Em relação à estrutura da sentença, Pinto (1997) parte do pressuposto de que sujeitos de verbos inergativos e transitivos são gerados no especificador mais alto da projeção verbal (segundo Koopman & Sportiche 1989, Kayne, 1994 e Chomsky, 1995). A estrutura da oração pode ser representada como (133) (de uma forma simplificada, sem a adoção de *vP* (cf. Chomsky, 1995)):

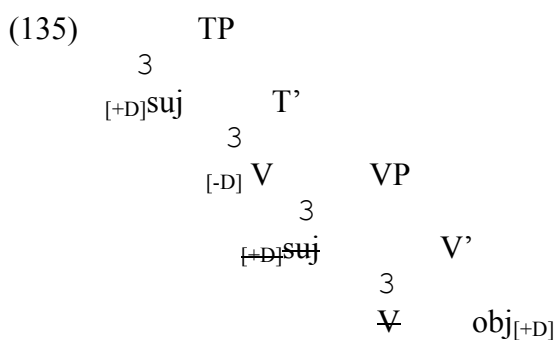
(133)

		VP	
	3		
	su <sub>j</sub>		V'
		3	
		V	obj

Sujeitos de verbos inacusativos são gerados na posição de complementos de verbos, como em (134):



Seguindo Chomsky (1995) a autora afirma que o sujeito será o elemento alçado para o Spec da categoria Tempo (ou *Inflection*) para checar o traço EPP de T. Isso porque se acordo com Chomsky (1995) a formulação de EPP corresponde à checagem dos traços D fortes de T, com os traços D do elemento que estivesse mais próximo na oração, por meio de movimento desse elemento para a posição de Especificador de T<sup>20</sup>. A representação em (135) ilustra a checagem do traço EPP de T por meio do movimento do sujeito de um verbo transitivo para o Especificador de T, (135):



Para explicar a influência da sintaxe na determinação do foco nas sentenças e conseqüentemente o porquê de orações em que o verbo não seleciona um argumento LOC não poder ocorrer na ordem VS do italiano teremos que lembrar que, segundo a análise dos dados apresentada, verbos que licenciam ordem VS são aqueles que selecionam argumentos locativos ou temporais (LOC). Quando esses verbos ocorrem com sujeitos pós-verbais em orações com foco largo, LOC será o argumento que irá

<sup>20</sup> A hipótese de checagem de traços apresentada por Pinto, que segue Chomsky (1995), não será a mesma adotada na tese. No entanto, optou-se por inserir a versão adotada por Pinto por uma questão de clareza.

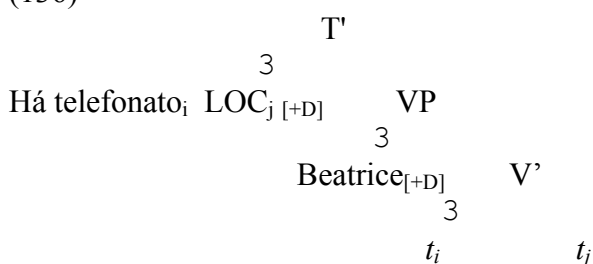
satisfazer o traço EPP de T, permitindo assim que o DP sujeito fique na posição pós-verbal. Se LOC não estivesse presente, o DP sujeito teria de ir para Spec TP para satisfazer o traço EPP de T e o sujeito não poderia ficar na posição pós-verbal.

### O estatuto gramatical de LOC

Para afirmar que LOC é capaz de checar o traço EPP de T, Pinto tem de defender duas posições: (i) LOC possui traços D, capazes de checar o traço EPP de T e (ii) LOC nas inversões locativas, por alguma razão está mais próximo de T que o sujeito da oração.

No caso de LOC sem conteúdo fonológico, Pinto o analisa como um clítico, que tem relações temáticas com o verbo da oração, e que porta o traço D, capaz de checar o traço EPP em T. Esse clítico é uma categoria máxima e mínima<sup>21</sup>, gerada internamente ao VP, e que depois se adjunge ao verbo e vai até T. Por estar adjungido ao verbo e mais próximo de T que o sujeito, LOC satisfaz EPP de T. A estrutura a seguir (136) ilustra essa derivação:

(136)



<sup>21</sup> Definição de categoria máxima e mínima, segundo Chomsky, 1995: Uma categoria que não se projeta mais é uma projeção máxima, um XP, e uma categoria que não se projeta é uma categoria mínima. Certos elementos possuem as duas propriedades e são chamados de categorias máximas e mínimas. O exemplo clássico desse tipo de categoria são os clíticos.

Como a autora postula que o clítico LOC porta somente o traço D, de acordo com a versão do programa Minimalista adotada (Chomsky,1995), T poderá checar os traços de Caso e os traços-phi do sujeito por movimento coberto em LF.

Com a proposta apresentada acima, a autora afirma que pode explicar a diferença entre orações com ordem VS e ordem SV proferidas em contextos *out of the blue*, tais como *Há telefonato Dante* e *Dante há telefonato*. Segundo Pinto (p. 153), as orações com ordem VS têm interpretação semântica diferente das com ordem SV, por serem orações como numerações diferentes. Devido a presença de LOC nas orações com ordem VS, elas recebem interpretação dêitica, e o significado do verbo é diferente. Numa oração como *Dante há telefonato* o verbo recebe interpretação indefinida, como a de fazer ligações e em *Há telefonato Dante* a interpretação é a de que Dante ligou para algum dos envolvidos numa determinada situação discursiva.

Seguindo o mesmo tipo de explicação usado para orações com ordem VS e SV, Pinto defende que a diferença entre orações com ordem PPVS e SVPP está na numeração de cada uma. As orações com PPVS têm um clítico nulo locativo que se incorpora ao verbo. Ou seja, as orações com ordem PPVS, além de apresentarem um elemento locativo manifesto, como um PP, apresentam também um clítico locativo. Quando o verbo é alçado para T, esse clítico vai com ele e satisfaz o traço EPP de T. Por ser um clítico e estar junto do verbo, LOC pode ser alçado sobre os DPs da oração sem violar nenhuma condição de localidade. Em relação ao elemento preposicionado (PP), que pode ocorrer fonologicamente manifesto no início das inversões locativas, Pinto, seguindo Bresnan (1994), defende a idéia de que esse é um PP gerado localmente. Isto é, é um elemento inserido – *merged* – no especificador de uma projeção funcional acima de T. Depois de ser inserido, esse elemento locativo é coindexado com LOC, por ter relação temática com o verbo.



Pela análise apresentada acima, observa-se que a autora defende que PPVS e VS são estruturas geradas basicamente pela mesma derivação. A explicação para a presença ou ausência do PP manifesto está relacionada às propriedades temáticas dos verbos. Segundo a autora, verbos como *chegar* já trazem consigo a interpretação de localidade, de ponto final da oração, nesse caso LOC não precisa ter conteúdo fonológico e receberá uma interpretação locativa dêitica *default*. Já verbos como *trabalhar* e *viver*, que não têm implícitas informações sobre final da ação, têm de trazer essa informação manifesta, daí a necessidade de o PP ocorrer manifesto.

A explicação da autora para a agramaticalidade de inversões locativas com verbos transitivos, como em (137b-c), é a de que a estrutura das orações que contêm um PP em posição final, como ilustrado em (137), não são licenciadas porque é o PP que recebe o acento da sentença.

(137) a Bruto ha messo il pugnale in questo cassetto.

“Brutus colocou o punhal nesta gaveta”

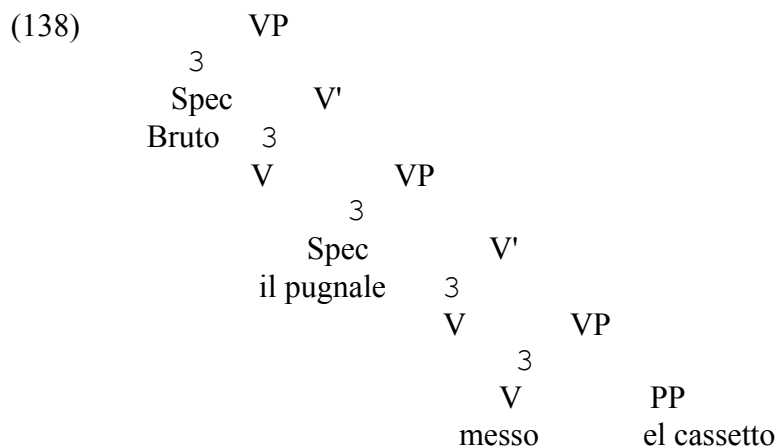
b \*In questo cassetto ha messo il pugnale Bruto.

“Nesta gaveta Brutus colocou o punhal”

c \*In questo cassetto ha messo Bruto il pugnale.

“Nesta gaveta colocou o punhal Brutus”

Consequentemente, a ordem PPVOS não pode servir de *input* para a aplicação da NSR, como ilustrado em (138):



### 2.3.3 Implicações da proposta de Pinto (1997) para orações com outros tipos de foco

No italiano, há contextos em que apesar de as orações serem formadas por verbos que licenciam inversão, o sujeito em posição pré-verbal é obrigatório, como em (139c):

(139) a L'editore ha spedito una dozzina di libri.

“O editor enviou uma dúzia de livros”

b #Sono arrivati i libri.

“Chegaram os livros”

c. I libri sono arrivati.

“Os livros chegaram”

Para explicar os julgamentos inadequação atribuídos a orações como (139b) e (139c), em que um verbo que licencia inversão só é adequado com sujeito pré-verbal, Pinto, adotando Willians (1995) e Reinhart (1995, 1996), argumenta que a explicação para a inadequação de (139b) está ligada ao fato de o sujeito ocupar uma posição em que o foco neutro é atribuído no italiano devido à aplicação da NSR. Como em (139b) o sujeito não é um elemento novo no discurso, dado o contexto (139a), sua ocorrência na posição de foco viola condições interpretativas da língua. A boa-formação de (139c) sugere que condições interpretativas podem influenciar os resultados das orações e rearranjar a ordem das palavras na oração.<sup>22</sup> Ou seja, a ordem das palavras em (c) é justificada por necessidades interpretativas.

Como visto na seção 2.2.4.1, de acordo com a linha teórica adotada por Pinto, foco é o resultado indireto da distribuição do acento na oração (cf. Cinque 1993, Zubizarreta 1994, Reinhart 1995, 1996) e acento é uma propriedade atribuída em PF em interface com o sistema de uso. Dentro das regras de atribuição de acento nuclear (NSR), o acento tem a função de assinalar uma opção de foco em potencial, além disso é uma forma de indicar a distância relativa entre uma anáfora e seu antecedente. Sendo assim a aparente interação entre foco e informação velha e nova numa situação discursiva é o reflexo do fato de que ambas noções são mediadas pelo acento. A generalização retirada do comportamento das orações em (139b,c) é o seguinte (140):

(140) Material familiar não pode ser foco.

---

<sup>22</sup> Esse ponto da proposta da autora é controverso porque em um dado momento a autora propõe uma regra fonológica (NSR) pós-sintática que atribui acento aos elementos mais encaixados da oração. Nos casos de verbos que licenciam a inversão, o acento é atribuído ao sujeito pós-verbal, por causa do clítico selecionado como argumento. Mas em (139b), apesar de o verbo licenciar sujeito pós-verbal, o sujeito tem de ser pré-verbal por causa da adequação ao contexto discursivo. Esse tipo de contradição, ou de impossibilidade de previsão de certos fenômenos enfraquece a proposta da autora em relação à NSR.

Por isso em (139b) o termo *i libri* que já foi mencionado no discurso não pode ficar numa posição de foco.

A generalização proposta acima, leva a autora a adotar a proposta de Williams (1995) de que há uma relação anafórica entre entidades já proferidas no discurso e seus antecedentes. Williams (1995) defende que DPs anafóricos não podem ser acentuados. Essa análise propõe que estruturas com foco/pressuposição são estruturas anafóricas (pressuposição — informação familiar e foco — informação nova) e como tais compartilham as mesmas regras responsáveis pela identificação e interpretação de anáforas.

Para Williams, estruturas com foco e pressuposição devem ser vistas como o resultado da desacentuação (*destressing*) de certos elementos da oração. Uma nova generalização pode ser feita então:

(141) Material familiar não pode ser acentuado.

Williams defende que as condições que determinam se a desacentuação pode ocorrer ou não parecem ser exatamente as mesmas que envolvem contextos anafóricos. Então ele conclui que a desacentuação deve ser anafórica.

Para Reinhart, a desacentuação (*destressing*) ocorre na interface da sintaxe com os sistemas de uso. Nesse nível, cada elemento anafórico deve ser identificado por um antecedente. O acento parece ter uma função importante no assinalamento da acessibilidade do antecedente com relação à anáfora. E as possibilidades de foco de uma oração são determinadas por meio do acento principal da sentença. Com isso, a relação observada por Williams entre focalização e desacentuação pode ser derivada.

Um exemplo de desacentuação pode ser visto nos exemplos do inglês, em (142a,b).

(142) a. I met **the girl**.

b. I**met** her.

Em inglês a desacentuação é um mecanismo fonológico que muda o acento do elemento focalizado para o próximo constituinte acima dele (os elementos em negritos são os acentuados). A oração (142a) mostra que o objeto direto, por ser o elemento mais encaixado recebe o acento da sentença, no entanto quando o objeto é um pronome como em (142b), a desacentuação anafórica ocorre e o acento muda para o verbo.

A desacentuação anafórica é uma operação marcada, já que modifica o padrão acentual criado pela NSR, mas é considerada pela autora a única opção possível quando não existem outros meios de se obter a interpretação desejada.

Voltando aos exemplos do italiano em (139), repetidos abaixo, com numeração diferente, a análise de Pinto é a seguinte:

(143) a L'editore ha spedito una dozzina di libri.

b #Sono arrivati **i libri**.

c #Sono **arrivati** i libri.

d I libri sono **arrivati**.

Dado o contexto em (143a), (143b) não é uma opção adequada já que o elemento anafórico não pode ser acentuado. Em (143c), a autora propõe que ocorre desacentuação: o acento é removido do elemento mais encaixado, *i libri*, para o

elemento acima mais próximo, *arrivati*. Mas como se pode ver, apenas a mudança do acento fonológico não torna uma oração adequada no italiano. Em (143d) a desacentuação ocorre e com o movimento do sujeito para o início da sentença, uma ordem é formada. Com base em (143d) a autora chega à conclusão de que a desacentuação é um gatilho, *trigger*, para a ocorrência de sujeitos em posição pré-verbal no italiano.

### **Orações com foco estreito no sujeito pós-verbal**

Como visto anteriormente, a idéia defendida em Pinto, é que a sintaxe determina a ordem das orações e o acento de foco é o resultado da aplicação da NSR à estrutura da sentença. A aplicação da NSR dá o padrão do foco neutro de uma sentença e é uma regra que pode ser aplicada a cada ciclo da derivação. De acordo com a NSR, o elemento mais encaixado da sentença recebe o acento, e como este elemento está presente em todos os demais ciclos da derivação, várias opções de foco são possíveis na sentença, como em (144).

(144) [<sub>F</sub> Dante [<sub>F</sub> ha scritto [<sub>F</sub> questo libro]]]

[<sub>F</sub> questo libro]

[<sub>F</sub> ha scritto questo libro]

[<sub>F</sub> Dante ha scritto questo libro]

Como se pode ver no exemplo acima, tanto o foco largo pode ser associado à interpretação de foco neutro quanto o foco estreito do constituinte mais encaixado, já

que ambos são derivados pelo mesmo mecanismo. Um problema para essa análise é a explicação das orações e com foco estreito no sujeito como (145b), que é a resposta adequada a (145a):

(145) a. Chi ha scritto questo libro?  
“Quem escreveu esse livro?”

b. #Dante ha scritto questo libro.  
“Dante escreveu esse livro”

c. Ha scritto questo libro Dante.  
“Escreveu esse livro Dante”

Nos casos VS com foco estreito, o sujeito não é o elemento mais encaixado da sentença, mas mesmo assim recebe o acento de foco e ocorre na posição pós-verbal, independentemente de o verbo licenciar inversão ou não. A oração (145b) mostra que a ordem SV(O) não é adequada como configuração com foco estreito, por causa da aplicação NSR, que não prevê esse tipo de foco.

A explicação para esses casos é que as orações como (145b) são derivadas da ordem SVO. Isso porque o verbo não é verbos de inversão e o alçamento do sujeito, para espec de T, é necessário para satisfação de EPP. Para Pinto, a derivação desse tipo de construção vai além dos limites da sintaxe. A derivação de sujeitos com leitura de foco estreito é obtida pela aplicação de uma regra estilística a qual adjunge o sujeito à direita do VP e de uma regra fonológica de atribuição de acento. O gatilho dessa operação é a necessidade interpretativa, na interface, de colocar o sujeito numa posição de foco.

## **Foco contrastivo**

Exemplos com foco contrastivo, como em (146), também são problemas para a proposta da autora, que se baseia na anaforicidade dos elementos com foco. Isso porque, de acordo com a generalização em (141), informações familiares não são compatíveis com acento de foco e por isso sujeitos contrastivos não poderiam ser licenciados na posição pós-verbal.

(146) a. E alla fine chi è arrivato, il poeta o la ragazza?

“E no final quem chegou o poeta ou a garota?”

b. E' arrivato il poeta.

“Chegou o poeta”

c #Il poeta è arrivato.

“O poeta chegou”

Para explicar esse tipo de fenômeno a autora defende que foco estreito e foco contrastivo são o mesmo tipo de foco, diferenciados por contextos pragmáticos diferentes.

A autora afirma que Williams (1995) considera esse tipo de contexto em sua análise e afirma que a generalização pode ser violada quando a sentença antecedente contém o mesmo tipo de foco da sentença com a anáfora, como em (146b) acima. A



afirmação em (146b) não é sobre quem chegou e sim sobre o elemento do grupo de possíveis pessoas a chegar. Essa dimensão de novidade veiculada pelo DP definido pode justificar a existência de um elemento anafórico marcado como foco.

### **2.3.4 Comparação com os dados do PB e análise descritiva de Pinto (1997)**

A análise de Pinto, apresentada na seção anterior, traz grandes contribuições para o entendimento das características sintáticas e semânticas da ordem VS no italiano. Ressaltaremos três aspectos inovadores da análise da autora. Um primeiro aspecto inovador de sua análise é o fato de conseguir captar a interpretação dêitica dessas orações por meio da proposta da existência de um argumento locativo ou temporal. O argumento a favor da existência desse elemento advém da constatação de que é bastante freqüente a presença de PPs iniciais em orações com ordem VS e que orações sem esse elemento locativo têm as mesmas características sintáticas e semânticas das orações sem elemento inicial – um aspecto observado independentemente em Pilati (2002) para os dados do PB. A compatibilidade sintática é atestada com base em dados que mostram que em contextos *out of the blue* são os mesmos tipos de verbos que licenciam a ordem VS e que muitos desses verbos podem ocorrer com ou sem o PP inicial. Em relação às características semânticas, a compatibilidade é evidenciada pela interpretação dêitica recebida pelas orações com ordem VS.

Outra inovação da proposta da autora que também contribui com a análise da ordem VS é o fato de a autora compará-la às inversões locativas. Essa comparação mostra que fenômenos sintáticos relacionados à ordem dos elementos podem estar diretamente ligados à sintaxe e não precisam estar relacionados somente ao Parâmetro do

Sujeito Nulo, já que é um fenômeno presente numa língua como o inglês, que não é uma língua de sujeito nulo.

A terceira contribuição importante da análise de Pinto é a desvinculação da inversão de contextos com verbos inacusativos. Como pode ser visto na análise da autora há verbos inacusativos que não licenciam ordem VS.

Em relação aos dados de ordem VS no PB, assim como constatado pela comparação entre os dados do PB e a análise de Belletti na seção 2., há compatibilidades entre certos contextos de licenciamento da ordem VS no PB e no italiano. A seguir faremos uma comparação entre as características trazidas por Pinto com os dados do PB presentes no Capítulo 1.

Pinto mostra em seu trabalho que há dois contextos principais em que a ordem VS é licenciada no italiano: (i) em repostas a perguntas Qu- e (ii) em contextos *out of the blue*. Esses dois tipos de orações têm uma diferença principal: as em (i) podem ocorrer com qualquer tipo de verbo e as em (ii) ocorrem somente com verbos que licenciam sujeitos pós-verbais, que são os verbos que selecionam um argumento com interpretação locativa ou temporal, LOC.

Como visto no Capítulo 1 e na seção 2.2 deste Capítulo, em PB orações com ordem VS não são licenciadas em contextos de foco estreito, ou seja, como resposta a perguntas QU-<sup>23</sup>. Por esse motivo não compararemos as características dessas orações com as do PB. Mas no Capítulo 3 tentaremos dar uma explicação diferente da proposta de Pinto para a ocorrência dos sujeitos na posição pós-verbal, nesses casos de orações com foco estreito no sujeito.

---

<sup>23</sup> A maior diferença entre as duas línguas é que no PB a ordem VS não é usada quase nunca como resposta a perguntas com foco estreito. Os casos licenciados são os com verbos de cópula como (iB):

- (i) A: Quem é?  
B: Sou eu.

Já as orações denominadas inversões locativas são bastante parecidas com as do PB. Retomando os dados com ordem VS do PB apresentados na seção 2.2.1, pode-se constatar que a ordem VS do italiano compartilha diversas características com a ordem VS do PB.

1) São freqüentes com verbos inacusativos.

(147) Caíram as folhas

2) Ocorrem em com PPs locativos ou temporais à esquerda, com interpretação dêitica (locativa ou temporal) (vide a inadequação de (148c) quando comparada a (148d)).

(148) a. Primeiro chegaram os móveis.

b. Já almoçou todo mundo.

c. \*Em hotéis dormiu a Maria.

d. Neste hotel dormiu a Maria.

3) Certas orações só são licenciadas com elementos manifestos à esquerda.

(149) Primeiro correu o Paulo

\*Correu o Paulo

4) Apresentam restrições a verbos transitivos, mas os licenciam com expressões idiomáticas e em contextos de narração concomitante (cf. Belletti, 2001).

(150) a. Tomou posse o novo ministro do STJ

b. Pega a bola Robinho.

Uma diferença entre as duas línguas é que em PB o sujeito não pode ocorrer em posição pós-verbal em situações de foco estreito (cf. (151B)):

(151) A: Quem passou mal?

B: \* Passou mal a Maria

B': A Maria

### **2.3.5 Análise da proposta teórica de Pinto (1997)**

Apesar de a descrição das características feitas por Pinto serem bastante semelhantes às orações com ordem VS do PB. No entanto em relação à implementação teórica oferecida pela autora há três pontos dessa análise que merecem ser vistos com maior detalhe: (i) a postulação de que o PP inicial de inversões locativas ocorre numa posição deslocada à esquerda e está relacionado a um clítico locativo adjungido a V e (ii) o tipo de contexto em que a autora afirma que as orações com ordem PPVS ocorrem e (iii) a adoção da NSR, uma regra pós-sintática de atribuição de acento.

A postulação da inserção tardia do PP numa posição acima de T é problemática dentro de uma teoria como a do Programa Minimalista porque, como o elemento não foi inserido na numeração, a inserção de um elemento após a derivação fere a Condição de Inclusividade (Cf. Chomsky, 1995). Isso porque depois de a derivação da oração estar completa é que é inserido um item lexical, que não estava presente por exemplo no nível

em que o verbo licencia seus argumentos. A argumentação de que o PP é um elemento adjungido, como um elemento deslocado à esquerda também não explica porque não há pausa entre ele e o verbo da oração. O outro problema é que a autora não explica os mecanismos que estabelecerão a relação coindexação desse PP com o clítico interno à oração, já que como afirma a autora esse clítico recebe sempre interpretação dêitica.

Em relação à descrição da autora em relação aos contextos de ocorrência das inversões locativas, contextos denominados *out of the blue*.

Vejamos as características dos verbos de orações com ordem VS enumeradas por Pinto (1997):

- (152) a) selecionam um argumento interno adicional;  
b) o argumento é um elemento locativo ou temporal (LOC);  
c) esse elemento *pode aparecer fonologicamente realizado ou não*;  
d) **LOC recebe sempre uma interpretação dêitica.** [Grifos meus]

A ocorrência dos verbos do italiano em orações como foco largo e estreito foi sintetizada da seguinte forma por Pinto (1997):

(153) Tipos de verbos e ordem dos constituintes:

	Verbo que licencia VS	Verbo que não licencia VS
Foco largo (Resposta a pergunta do tipo O que aconteceu?)	V(O)S	SV(O)
Foco estreito (Resposta a perguntas Qu- com foco no sujeito)	V(O)S	V(O)S

Em relação à atribuição de acento na sentença a autora adota a proposta de Cinque (1993), em que foco é identificado pelo acento principal da sentença que é atribuída por meio da Regra do Acento Nuclear (NSR), aplicada ciclicamente na sintaxe. O resultado da aplicação da NSR é o *padrão do foco neutro* de uma sentença. Com a aplicação dessa regra, a autora obtém tanto foco largo quanto o foco estreito no elemento mais encaixado da sentença. O exemplo (126), repetido abaixo (154) ilustra as possibilidades de foco decorrentes da NSR:

(154) a. Loek won the tournament.

b. [<sub>F</sub> Loek [<sub>F</sub> won [<sub>F</sub> the tournament]]]]

Tipos de foco

[<sub>F</sub> the tournament]

[<sub>F</sub> won the tournament]

[<sub>F</sub> Loek won the tournament]

Com a NSR formulada nesses termos, com o acento ocorrendo sempre no elemento mais encaixado as sentenças, a autora tem que recorrer a outros mecanismos

para explicar orações com foco estreito no sujeito em ordem VS e VOS. Como em (155c):

(155) a Chi ha scritto questo libro?

“Quem escreveu esse livro?”

b #Dante ha scritto questo libro.

“Dante escreveu esse livro”

c. Ha scritto questo libro Dante.

“Escreveu esse livro Dante”

Em (155c) o sujeito não é o elemento mais encaixado da sentença, mas mesmo assim recebe o acento de foco e ocorre na posição pós-verbal, independentemente de o verbo licenciar inversão ou não. A oração (155b) não é prevista pela aplicação da NSR. Para Pinto, a derivação desse tipo de construção vai além dos limites da sintaxe. A derivação de sujeitos com leitura de foco estreito é obtida pela aplicação de uma regra estilística a qual adjunge o sujeito à direita do VP e de uma regra fonológica de atribuição de acento. O gatilho dessa operação é a necessidade interpretativa, na interface, de colocar o sujeito numa posição de foco.

A análise alternativa que a autora oferece para explicar os dados com foco estreito no sujeito é bastante problemática porque tem de admitir uma série de operações sintáticas, tais como adjunção do sujeito à direita, para satisfazer exigências do acento na língua que de acordo com a proposta só ocorrem em PF. Em outras palavras, NSR é uma regra fonológica aplicada depois da sintaxe, em PF, mas que pode

interferir na ordem dos elementos da oração. Além disso, a adoção de movimento do sujeito para a direita não tem motivações empíricas, nem é uma operação não prevista na teoria minimalista.

Em suma, a análise descritiva de Pinto para as orações com ordem VS do italiano consegue captar características sintáticas e semânticas dessas orações. No entanto, a proposta teórica da autora apresenta alguns problemas, (i) o tipo de foco atribuído às orações VS, (ii) a motivação de clítico locativo adjungido ao verbo, (iii) a postulação de que os PPs dessas orações são inseridos numa posição periférica à esquerda, e (iv) a adoção da NSR, uma regra fonológica aplicada depois da sintaxe, mas que pode interferir na ordem dos elementos da oração em PF. No Capítulo 3, a seguir, tentaremos formular um proposta teórica alternativa que dê conta de explicar os problemas teóricos colocados acima, assim como as características da ordem VS do italiano e do PB.



## 2.4 A proposta de Bissel (2004)

Bissel (2004) segue a análise descritiva de Pinto (1997) em relação às orações com ordem e VS proferidas em contextos de foco largo. Com isso defende também que as orações com ordem VS do italiano são inversões locativas. Mas, diferentemente de Pinto, para o autor, as orações locativas são licenciadas na ordem (PP)VS por uma questão de checagem de traços. O autor postula o traço F, de foco, que é um traço de  $v$ , e, portanto, deve ser checado numa posição de Spec de  $v$ , projetada à direita. Para Bissel é o argumento locativo que satisfaz o traço EPP de T e não um clítico locativo, como proposto na análise de Pinto (1997) (conforme apresentado na seção 2.2.3)

Para o autor, uma oração com Inversão Locativa pode ser derivada da seguinte forma: em orações com Inversão Locativa o sujeito recebe foco apresentacional, ou seja, traz um novo elemento para a situação do discurso (segundo Bresnan, 1994; Levin & Rappaport Hovav, 1995). O autor postula que esse tipo de foco é derivado pela ocorrência do DP sujeito numa posição de especificador de  $v$ P projetada à direita.<sup>24</sup> Essa é uma posição de foco criada pela ocorrência de um traço de foco, F em  $v$ . F exige que um elemento focalizado ocorra numa posição de especificador projetada à direita do núcleo que o contém (o autor segue Birner, 1994; Ndayiragije, 1999). Em outras palavras, para Bissel, o traço F contém um traço EPP que força a projeção de uma posição de especificador, à direita de  $v$ . Com essa postulação, em orações com foco largo, como é o caso das inversões locativas, o traço F exige que sintagmas focalizados ocorram no especificador à direita de  $v$ . Com o movimento de um DP, argumento do verbo, para essa projeção à direita, o elemento Locativo pode então ser alçado para uma

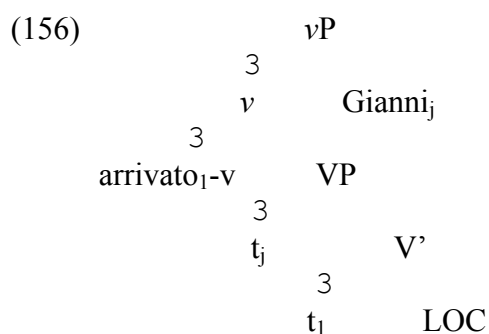
---

<sup>24</sup> O autor segue a proposta de Chomsky (1995), em relação à estrutura do VP. Nessa proposta postula-se a existência de uma categoria funcional  $v$ P, que é responsável pela seleção temática de sujeitos de verbos transitivos. Essa estrutura está representada no exemplo (156) do texto.

posição acima de  $vP$ , ou seja, pode ir para o Spec de TP, formando assim a ordem PPVS.

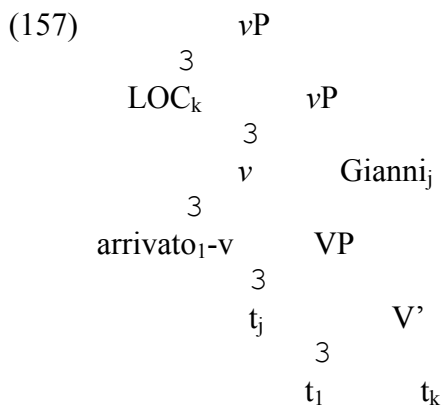
Ainda em relação aos pressupostos teóricos adotados, para Bissel o movimento é derivado pela necessidade de satisfazer o traço EPP de algum núcleo (cf. Chomsky, 2000). Esse traço EPP só pode ser satisfeito pela ocorrência de um *goal* numa configuração apropriada com o *probe*. O *goal* ocupa a posição de especificador da categoria que serviu de *probe* por movimento. Mas diferentemente de Chomsky (2000), para Bissel (p.29) que todas as posições de especificador são criadas para checar o traço EPP de seu núcleo. No caso de esses núcleos serem  $v$  ou V, o elemento que ocupará seu especificador receberá também papel temático, se for inserido na derivação nessa posição. Se um DP já tiver recebido papel temático numa dada posição *não* poderá ir para uma outra posição de especificador em que também ocorra atribuição de papel temático. Exemplificaremos a seguir como funciona a proposta de Bissel para verbos inacusativos.

Numa derivação com verbos inacusativos, como (156), é o DP tema interno ao VP, *Gianni*, que vai para a o especificador de  $v$  checar o traço F. Com o movimento do DP para o especificador de  $v$ , ele sai do domínio de seu núcleo. LOC pode então se mover para uma posição mais alta, sem violar a Condição de Elo Mínimo.

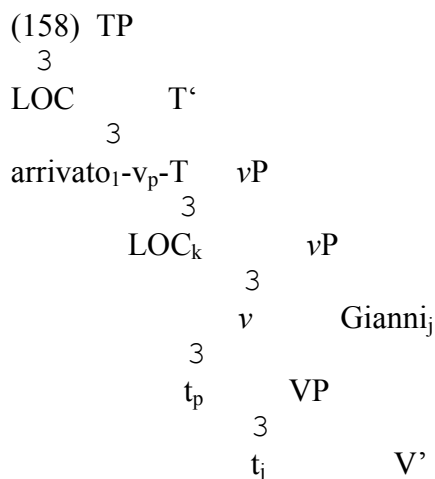


Como para Bissel, toda projeção de especificador é projetada para a checagem do traço EPP de seu núcleo. Na derivação em (156), a primeira projeção de especificador de  $v$  foi projetada para a checagem do traço EPP de  $F$ , o traço EPP de  $v$  ainda não pode ser checado. Por causa da necessidade de  $v$  checar seu traço EPP, LOC é alçado para uma outra posição de especificador projetada à esquerda de  $v$ , como em (157).

[



Depois da checagem dos traços de  $v$ ,  $T$  é inserido na derivação e procurará uma categoria contendo traços  $\phi$ , como LOC ficou mais próximo de  $T$  que o DP, LOC se move para o Spec de TP. Dessa forma, o movimento do DP para checar o traço EPP de  $F$ , faz que LOC possa “escapar” para o espec de TP, como em (158):



Mas LOC não pode deletar os traços  $\phi$  de T, porque não é uma categoria  $\phi$  completa. Por isso, T verificará seu domínio, de novo, e entrará numa relação de *Agree* com o DP pós-verbal, por causa dessa relação entre T e o DP (pós-verbal) o há concordância entre o verbo e o sujeito.

Para o autor, verbos transitivos não são licenciados em inversões locativas porque o traço F só é capaz de fazer que um único DP se mova para a posição de especificador à direita de  $vP$ . Como o objeto do verbo transitivo é inserido numa posição mais alta que LOC, esse DP intervém entre LOC e  $v$ . Por causa dessa intervenção se, LOC se movesse para o Spec de  $vP$  haveria violação da Condição de Elo Mínimo, o que tornaria a sentença agramatical. Para Bissel, orações com ordem VS e verbos transitivos serão possíveis se um outro mecanismo sintático (por exemplo, a cliticização do objeto direto) remover o DP para fora do  $vP$ .

#### **2.4.1 Críticas à proposta de Bissel (2004)**

A análise de Bissel (2004) para as inversões locativas do italiano apresenta três problemas, os quais serão apresentados a seguir:

i) o primeiro problema da proposta do autor é a postulação de uma projeção de especificador à direita de  $v$ , para verificação de traço F. Uma proposta como essa não pode explicar por que em PB, por exemplo, o DP sujeito, quando recebe interpretação de foco, fica à direita do verbo, como em (159B’):

(159) A: Quem comeu o bolo?

B: \*Comeu o João.

B': O João comeu.

ii) um segundo problema para a análise em questão é a falta de motivação para a existência de dois traços distintos a serem checados por uma mesma categoria, no caso  $v$ , por meio da projeção de dois especificadores e ainda com ordem definida, primeiro o traço F e depois traço EPP.

iii) o terceiro problema está relacionado à falta de motivação para alçamento de LOC: se LOC é alçado para a posição de Spec de T, apesar de não ter traços  $\phi$  completos, pelo fato de T não pode ver o DP, como explicar que depois da subida de LOC para T o DP fica visível e checa seus traços  $\phi$  com os traços  $\phi$  de T.

## **2.5 Considerações finais**

O presente Capítulo analisa quatro propostas teóricas sobre construções com ordem VS no francês e no italiano. Foram as de Kayne & Pollock (2001), para o francês, e de Belletti (2001, 2002 e 2003) e de Pinto (1997) e Bissel (2004), para o italiano. Os objetivos eram dois: (a) verificar com qual das línguas as orações com ordem VS do PB se assemelhavam mais e (b) analisar a possibilidade de as propostas apresentadas explicarem características sintáticas e semânticas das orações com ordem VS do PB. A conclusão a que se chegou foi a de que as orações com ordem VS do PB se parecem com certos tipos de orações com ordem VS licenciadas no italiano, identificadas por Pinto (1997) como inversões locativas. Em relação às propostas teóricas analisadas para a explicação das características sintáticas dessas orações, foram

identificados alguns problemas e, portanto, no Capítulo 03 a seguir faremos uma proposta alternativa para essas orações.

## Capítulo 3

### Explicação dos fatos e apresentação da proposta teórica da tese

#### 3.0 Introdução

Como visto no Capítulo 1, no português no Brasil, a ordem VS é bastante freqüente com verbos inacusativos, e ocorre em contextos restritos quando o verbo é inergativo e transitivo. Após a revisão da literatura feita no Capítulo 1 e no Capítulo 2, observou-se que há questões remanescentes ao estudo da ordem VS. Entre as questões, há as seguintes perguntas:

- a) Como propor um tratamento explicativo para a “interpretação de lista”, observada com orações com verbos intransitivos?
- b) A “interpretação de lista” também ocorre em orações com verbos transitivos e ordem VOS?
- c) Por que certas orações com ordem VS só são licenciadas quando há elemento lexical à esquerda?
- d) Por que os verbos inacusativos parecem ser sempre gramaticais em construções com a ordem VS e os inergativos nem sempre?
- e) Como são licenciadas as orações com ordem V(O)S no PB?
- f) Por que em PB a ordem VOS é menos restrita do que a ordem VSO?

- g) Por que certas orações com ordem VOS são possíveis e outras não? Em outras palavras: quais as diferenças entre a agramaticalidade de *\*Comeu o bolo o João* e a gramaticalidade de *Provocou surpresa a manutenção da taxa de juros em 16%*?
- h) Por que a ordem VSO, apesar de bastante rara em línguas como o italiano e o PB, é bastante freqüente em várias línguas como o espanhol e o grego. Ou seja, por que certas línguas apresentam restrições à ordem VSO e outras não?
- i) Quais os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pelo licenciamento das diferentes ordens dos constituintes SVO no português?

Para tentar responder a essas questões, o presente Capítulo está dividido em três seções. A primeira seção, 3.1, está dividida em 3 partes e tenta responder às perguntas *a)* e *b)* citadas acima. Quais sejam:

- a) Como se pode propor um tratamento explicativo para a “interpretação de lista”, observada com orações com verbos intransitivos?
- b) A “interpretação de lista” também ocorre em orações com verbos transitivos e ordem VOS?

Para tanto, em primeiro lugar, a seção investigará a possibilidade de propor um tratamento explicativo para um aspecto da descrição das orações com ordem VS, que é o fato de elas receberem sempre “interpretação de lista”. A seção parte da hipótese de que a denominação “interpretação de lista” está relacionada com o tipo de foco expresso na sentença. A proposta que será feita é a de que essas orações recebem foco



identificacional. Em segundo lugar, tentará verificar se essa classificação é pertinente para as orações com verbos transitivos, ou seja, com ordem VOS. Por fim a seção verificará se a análise proposta, segundo a qual orações com ordem VS do PB recebem foco identificacional, também pode ser implementada para orações com ordem VS do italiano (cf. Pinto, 1997).

A segunda seção do Capítulo, 3.2, tem como objetivo principal responder às perguntas *c)* e *d)*, repetidas a seguir:

c) Por que certas orações com ordem VS só são licenciadas quando há elemento lexical à esquerda?

d) Por que os verbos inacusativos parecem ser sempre gramaticais em construções com a ordem VS e os inergativos nem sempre?

A seção argumenta a favor da hipótese de que as orações com ordem VS do PB são orações com inversão locativa, isto é, orações com a estrutura (Loc)VS. Entre as idéias defendidas estão: i) por serem tipos de inversões locativas é que certas orações com ordem VS só são licenciadas quando há elemento lexical à esquerda e ii) também é por serem tipos de inversão locativa que verbos inacusativos parecem ser sempre gramaticais nesse tipo de construção, pois estes são verbos que geralmente selecionam elementos locativos como argumentos, o que favoreceria a ocorrência da estrutura (Loc)VS. Na seção 3.2 também são apresentadas descrições das características sintáticas e semânticas das inversões locativas em quatro línguas: a) no chichewa, seguindo Bresnan & Kanerva (1989), e no inglês e no chichewa, seguindo Bresnan (1994); b) no inglês, seguindo Levin & Rappaport Hovav (1995); c) no italiano, seguindo (Pinto, 1997); e d) no português do Brasil, seguindo Pilati (2004).

A seção 3.3 traz a proposta da tese para explicar as características sintáticas e semânticas atestadas nas orações com ordem VS no PB. O objetivo principal é dar respostas às perguntas de e) e i), repetidas a seguir:

*e) Como são licenciadas as orações com ordem V(O)S no PB?*

*f) Por que em PB a ordem VOS é menos restrita do que a ordem VSO?*

*g) Por que certas orações com ordem VOS são possíveis e outras não? Em outras palavras: quais as diferenças entre a agramaticalidade de \*Comeu o bolo o João e a gramaticalidade de Provocou surpresa a manutenção da taxa de juros em 16%?*

*h) Por que a ordem VSO, apesar de bastante rara em línguas como o italiano e o PB, é bastante freqüente em várias línguas como o espanhol e o grego. Ou seja, por que certas línguas apresentam restrições à ordem VSO e outras não?*

*i) Quais os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pelo licenciamento das diferentes ordens dos constituintes SVO no português?*

A seção 3.3 está dividida em três partes: a seção 3.3.1 faz um resumo de propostas anteriores, que têm como objetivo explicar a codificação de foco em orações com ordem VS em várias línguas; a seção 3.3.2 traz a proposta da tese para explicar a derivação das orações com ordem VS no PB. A proposta se baseia nas constatações apresentadas nas seções 3.1 e 3.2 e defende, portanto, que as orações com ordem (PP)VS do PB são orações que recebem interpretação de foco identificacional e são orações que contêm um tipo inversão locativa. As idéias centrais da proposta da tese são (i) a codificação de foco é um fenômeno estritamente sintático: ligada à seleção temática feita pelo predicado e às características das línguas em relação a fenômenos como possibilidades de movimento

do verbo, categorização sintática de informações lexicais, e formas de atribuição de Caso; e (ii) a interpretação das orações em relação ao tipo de foco também é o resultado de um processo sintático. O foco não é o resultado da leitura imposta por regras da interface fonética para a descrição estrutural gerada pelo sistema computacional (como postulado em diversos estudos), mas uma configuração determinada pelas propriedades morfossintáticas da língua em articulação com os princípios da gramática universal, que presidem as operações do sistema computacional. As orações com ordem (PP)VS são interpretadas como contendo foco identificacional (ou orações apresentativas ou com interpretação de lista) como consequência direta do fato de apresentarem um elemento de natureza locativa ou temporal na posição de sujeito da sentença. A terceira seção, 3.3.3, estabelece uma comparação entre a proposta da tese de que o PB licencia um pronome nulo com referência locativa na posição pré-verbal e as análises teóricas que tentam explicar as características da sintaxe do PB, tais como o enfraquecimento do sistema de concordância verbal (cf. Duarte, 1995, entre outros) e o aparecimento de estruturas de tópico (cf. Pontes, 1987).

### **3.1 O tipo de foco das orações com ordem VS**

Essa seção analisa as orações com ordem VS no PB, levando em consideração (a) as diferenças de frequência no uso das orações com ordem VS, que parecem estar relacionadas ao tipo de verbo, e também (b) a proposta de Nascimento (1984), segundo a qual elas recebem “interpretação de lista”. Os objetivos da seção são i) responder as questões *a)* e *b)* a seguir, e ii) identificar o tipo de foco veiculado de sentenças com ordem V(O)S:

- a) Como se pode propor um tratamento explicativo para a “interpretação de lista”, observada com orações com verbos intransitivos?
- b) A “interpretação de lista” também ocorre em orações com verbos transitivos e ordem VOS?

Para responder a essas questões, a seção examina duas propostas teóricas que descrevem tipos de foco presentes nas línguas:– Zubizarreta (1998) seção 3.1.1 – e Kiss (1998) – seção 3.1.2. Em seguida, na seção 3.1.3, as orações com ordem VS são analisadas segundo as possibilidades descritas nas seções 3.1.1 e 3.1.2. Por fim na seção, 3.1.4, a análise de foco identificacional proposta para as orações do PB são estendidas para orações com ordem VS do italiano (cf. Pinto,1997)

### **3.1.2 Tipos de foco segundo Zubizarreta (1998)**

A autora propõe que a estrutura do foco de uma sentença é captada em termos de uma representação abstrata, denominada estrutura de asserção (*Assertion Structure* – AS), derivada de LF por meio de mecanismos interpretativos. A AS é formada por um par ordenado de asserções. A primeira asserção é a Pressuposição Existencial, fornecida pelo contexto. A segunda é uma relação equativa entre a variável definida (cuja restrição é a pressuposição fornecida pela pergunta do contexto) e um valor. Por exemplo, para uma pergunta do tipo (1A) a resposta seria (1B), com a AS em (2A<sub>1</sub>) e (2A<sub>2</sub>), respectivamente:

- (1) A:O que João comeu?  
B: João comeu [<sub>F</sub> o bolo]

(2) A<sub>1</sub>: Existe um x tal que João comeu x.

A<sub>2</sub>: O x (tal que João comeu x) = [F o bolo]

A autora distingue dois tipos de foco com base no traço [+/- contrastivo]. O foco da informação apresentaria foco [-contrastivo], e teria sua AS como a de (2) acima. Já orações com o constituinte de foco com traço [+contrastivo], como ilustrado em (3), teriam sua AS representada como em (4):

(3) A: João comeu o bolo?

B: Não, João comeu [F o pão].

(4) A<sub>1</sub>: Existe um x tal que o menino comeu x.

A<sub>2</sub>: É falso que o x (tal que o menino comeu x) = [F o bolo] &

o x (tal que o menino comeu x) = [F o pão]

No caso do foco com traço [+contrastivo], há a negação do valor atribuído a uma variável na AS do seu contexto de declaração e a introdução de um valor alternativo. Ou seja, uma oração com foco contrastivo contém o pressuposto A<sub>1</sub> e a asserção principal A<sub>2</sub>, que, diferentemente da asserção de orações com foco da informação, contém uma conjunção de proposições da qual o primeiro membro é o contraste.

Em resumo, para a autora, os traços relacionados ao foco da oração são os de [+/-contrastividade]. Oração com foco da informação contém o foco [-contrastivo], e orações com informação contrastiva apresentam o traço [+contrastivo]. As estruturas de asserção dessas orações são diferentes.

### 3.1.2 Tipos de foco segundo Kiss (1998)

Analisando os dados do húngaro e do inglês, Kiss argumenta a favor de haver dois tipos de foco: foco identificacional (*identificational focus*) e foco da informação (*information focus*).

Para a autora, as diferenças básicas entre os dois tipos de foco são as seguintes:

i) *Foco identificacional*: tem a função de representar um subconjunto exaustivo retirado de um conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente, para os quais o sintagma predicado pode potencialmente valer. Ou seja, é identificado como o subconjunto exaustivo de um conjunto maior para o qual o sintagma predicado vale. Semanticamente, o constituinte marcado como foco identificacional representa o valor da variável presa por um operador abstrato que expressa identificação exaustiva. Sintaticamente, é um constituinte que age como um operador que se desloca para uma posição de escopo no especificador de uma projeção funcional, a partir da qual ele tem escopo para prender a variável.

ii) *Foco da informação*: tem a função semântica de marcar o caráter não pressuposicional da informação que carrega, ou seja, é um portador de informação nova, a qual não expressa identificação exaustiva. Sintaticamente, não envolve deslocamento.

Os exemplos do húngaro abaixo (5) ilustram esses dois tipos de foco (cf. Kiss, 1998: 247, ex. 5):

(5) a. Tegnáp este **Marinak** mutattam be Pétert.

Last night Mary.<sub>DAT</sub> introduced.I PERF Peter.<sub>ACC</sub>

‘It was **to Mary** that I introduced Peter last night’

‘Foi para a Maria que eu apresentei o Pedro na noite passada’

b. Tegnáp este be mutattam Pétert MARINAK

‘Last night I introduced Peter TO MARY’.

‘Na noite passada eu apresentei o Pedro PARA A MARIA’

De acordo com a autora, em húngaro, o foco pré-verbal expressa identificação exaustiva (5a), ou seja, é foco identificacional. Em (5a), isso significa que, do grupo de pessoas presentes na situação discursiva, foi para a Maria e para ninguém mais que eu apresentei o Pedro na noite passada. Já o foco pós-verbal, como em (5b), simplesmente apresenta Maria como uma informação não pressuposta, sem sugerir que Maria foi a única pessoa do grupo em questão que eu apresentei para Pedro. Nesse último caso, está codificado o foco da informação.

Como se pode notar pelos exemplos do húngaro e pelas glosas do inglês e do português, uma oração com interpretação exaustiva no húngaro é licenciada na ordem foco-verbo. No inglês e no português,<sup>25</sup> esse tipo de oração é licenciada numa oração clivada (há também a possibilidade de ocorrer foco identificacional em orações com o quantificador *only*, no português é o quantificador *só*). Ou seja, nessas três línguas, há uma configuração sintática especial para que se marque o foco identificacional. Já nas orações com foco informacional, no húngaro, no inglês e no português, os SNs não ocorrem numa configuração sintática específica para a marcação de foco.

Esse tipo de comportamento especial de orações com foco identificacional pode ser observado de forma mais clara quando a identificação exaustiva entra em uma relação de escopo com outras operações, como mostra a diferença semântica existente entre as orações (6a) e (6b):

---

<sup>25</sup> No presente trabalho, não serão discutidas as propriedades das orações clivadas do português.

- (6) a. Minden fiú **Marival** akart tácolni.  
 Every boy Mary.with wanted to.dance  
 ‘For every boy, it was **Mary** [of the relevant persons] that he wanted to dance with’  
 ‘Todo garoto quis dançar foi com a Maria’
- b. **Marival** akart táncolni mindden fiú.  
 ‘It was **Mary** [of the relevant person] that every boy wanted to dance.’  
 ‘Foi com a Maria que todo garoto quis dançar’

Em (6a) é o quantificador *every boy* que tem escopo sobre a interpretação de foco identificacional, isto é, sobre o constituinte que recebe interpretação exaustiva. A interpretação da sentença é que “numa dada festa todos os garotos quiseram dançar com uma das garotas presentes, Maria, e não quiseram dançar com ninguém mais”. Em (6b) é a identificação exaustiva que tem escopo sobre o quantificador. Nesse caso, a oração significa que “a Maria era a única de todas as garotas presentes com que todo garoto quis dançar, mas que outras garotas também foram convidadas por outros garotos.”

Essa argumentação é usada por Kiss a favor da hipótese de que o constituinte com interpretação de foco identificacional ocupa uma posição não argumental na sentença, ou seja, ele sofre movimento.

O foco informacional não entra nesse tipo de relação de escopo. A única interpretação para as sentenças com foco da informação, como em (7b), é aquela em que o quantificador universal tem escopo sobre toda a sentença.



- (7) a: Kikkel akartak táncolni a fiúk?  
‘Who did the boys want to dance with?’  
‘Com quem os garotos quiseram dançar?’

- b: Minden fiú táncolni akart A SZÉOSÉGKIRÁLYNŐVEL.  
‘Every boy wanted to dance WITH THE BEAUTY QUEEN’.  
‘Todo garoto quis dançar COM A RAINHA DA BELEZA’

A sentença em (7b) não expressa identificação exaustiva, ou seja, ela pode ser verdadeira numa situação em que alguns ou todos os garotos quiseram dançar com mais de uma pessoa. Isso porque a sentença não contém um operador que possa entrar numa relação de escopo com o quantificador universal. Para a autora, o foco da informação representa o escopo nuclear do quantificador universal, com a parte pressuposta da sentença movida para dentro da oração restritiva, como em (8):

- (8) ‘For every x, x a boy and x wanted to dance with someone, x wanted to dance with the beauty queen’  
‘Para todo x, x é um garoto e x quis dançar com alguém, x quis dançar com a rainha da beleza.’

### **3.1.3 Análise das orações com ordem VS no PB quanto ao traço de foco**

Para analisar as orações com ordem VS no PB, quanto ao tipo de foco que apresentam, a presente pesquisa irá se basear nas análises de Zubizarreta e Kiss. Porém

utilizaremos a forma elaborada por Miotto (2003) para compatibilizar os tipos de foco apresentados nessas duas propostas. Isso porque, como visto, Zubizarreta (Z) trabalha com os traços [+/- contrastivo] enquanto Kiss (K) faz uso dos traços [+/- contrastivo] e [+/- exaustivo]. A proposta de Miotto é a de que a compatibilização desses tipos de traços traz as seguintes possibilidades de informação de foco:

(9) Tipos de foco segundo Miotto (2003)

a.	[- contrastivo, - exaustivo]	Foco da informação para K, não-contrastivo para Z
b.	[- contrastivo, + exaustivo]	Foco de identificação para K
c.	[+ contrastivo, - exaustivo]	*
d.	[+ contrastivo, + exaustivo]	Contrastivo para Z e K

Uma primeira pergunta que se coloca frente à tabela acima é: Qual o conjunto de traços que está presente quando se tem uma oração com interpretação de lista? (pergunta 1). Relembrando a análise de Nascimento, interpretação de lista ocorre quando há “uma relação de [+/- inclusão] num dado grupo de referência. Um dos termos dessa relação, o elemento [+] ou [-] incluído, deve ser dado pelo NP que aparece na posição pós-verbal.” Considero que o tipo de foco veiculado por orações com interpretação de lista não é compatível com o foco da informação porque, como visto na tabela em (12), esse tipo de foco traz os traços de [- contrastividade e - exaustividade]. Se há uma relação de [+/- inclusão], como defendido por Nascimento, pode-se inferir que as orações com ordem VS apresentam o traço de exaustividade, pois, como afirma Kiss, “a exaustividade está presente quando o elemento com foco identificacional identifica o subgrupo de um grupo relevante para o qual o predicado se aplica, excluindo o subconjunto complementar para o qual o predicado não se aplicará”. Por esse motivo, a presente

pesquisa considerará que o traço de exaustividade está presente nas orações com interpretação de lista.

O traço de contrastividade, por sua vez, parece não ser significativo para que ocorra a interpretação de lista. Isso porque, como mostrado por Zubizarreta, uma oração com interpretação [+ contrastiva] é usada quando se deseja substituir os valores atribuídos às variáveis pré-existentes por outros (cf. exemplo (4), acima). A interpretação de Kiss para orações que contêm foco [+ contrastivo] também não é compatível com a interpretação de lista. Para essa autora, o traço [+ contrastivo] ocorre quando a relação semântica do foco identificacional opera num conjunto fechado de entidades, cujos membros são conhecidos dos participantes do discurso. A identificação do subconjunto do dado conjunto também identifica o subconjunto complementar contrastivo. Como na interpretação de lista a identificação de um dado subconjunto não implica a identificação do subconjunto complementar, conclui-se que o traço de contrastividade não está presente.

A conclusão a que se chega é a de que a interpretação de lista ocorre quando o foco da sentença traz informações de [+ exaustividade e - contrastividade]. Em outros termos, quando o foco da sentença é identificacional.<sup>26</sup>

A segunda questão a ser respondida é “se as orações com verbos transitivos também veiculam interpretação de lista, já que Nascimento (1984), em sua análise, levou em consideração apenas os verbos inacusativos e inergativos do português”.

---

<sup>26</sup> Votre & Naro (1999) apresentam uma análise funcionalista para as orações com ordem VS no PB. A proposta dos autores é a de que orações com ordem VS são usadas em contextos discursivos em que o S **não** veicula uma informação relacionada ao tópico do discurso e é, portanto, uma oração que traz elementos que estão fora do fluxo informacional do discurso. Já as orações com ordem SV seriam utilizadas quando o S faz parte do fluxo informacional e, portanto, faz parte do referente considerado o tópico do discurso. Essa análise descritiva feita pelos autores pode ser compatível com a análise apresentada no presente trabalho. Isso porque o que está sendo defendido aqui é que a ordem VS não traz informação nova na sentença, e sim serve para listar com exaustividade os membros de um dado conjunto.

Como visto no Capítulo 1, as orações com sujeitos pós-verbais a verbos transitivos ocorrem em construções como as em (10) e (11):

- (10) a. Tomou posse o novo presidente dos Estados Unidos.  
b. Hoje participará do debate o senador Cristovam Buarque.  
c. Pega fogo a disputa eleitoral na cidade de São Paulo.  
d. Merece destaque o item (d).  
e. Também faz parte do CD o cantor Leonardo.  
f. Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena.
- (11) a. Pega a bola o goleiro do Flamengo.  
b. Vence a gincana a equipe que fizer mais pontos.  
c. Se o governador for cassado, assume automaticamente o governo o senador Benício Tavares.  
d. Pela primeira vez, assume a presidência um operário.

Como também visto no Capítulo 1, as orações com ordem VOS ocorrem em contextos pragmáticos específicos. Por isso, a seguir será feita a análise desses contextos, para verificar se eles são compatíveis com uma oração com foco [+ exaustivo, - contrastivo]. Um dos contextos em que ocorrem orações com predicados previsíveis são as narrações de partidas de futebol, por exemplo. Nessa situação, o locutor está a narrar “Qual jogador (ou quais jogadores) está (estão) dominando a bola naquele dado momento”. Isso porque, pelo menos em narrações de jogos de futebol pela televisão, a principal função do narrador é a de identificar quem é o jogador que está com a bola naquele dado momento. Em conclusão, se a função do narrador é realmente a de

identificar os jogadores envolvidos em cada lance da partida, como defende esta pesquisa, pelo menos o contexto pragmático contribui para que se interprete essas orações com ordem VOS como contendo foco identificacional.

Em relação às orações com verbos leves, essas orações estão presentes em jornais televisivos. Nos noticiários, o jornalista também está interessado em transmitir para o seu interlocutor quais foram os participantes de determinado evento. E essa informação também tem de ser exaustiva, para que a notícia seja veiculada com fidelidade aos fatos. Por essa razão, as orações com verbos leves e ordem VOS presentes nesse contexto também parecem veicular informação [+exaustiva, -contrastiva]. Além desses contextos, foram encontradas orações com predicados previsíveis em textos com instruções, como em (12) e (13) (correspondentes aos exemplos (11) e (12) do Capítulo 1):

- (12) a. Vence a partida o jogador que obtiver mais pontos.  
b. Ganha o jogo a equipe que fizer mais pontos.
  
- (13) a. Podem fazer o saque pessoas com mais de 60 anos.  
b. Podem participar do concurso candidatos com mais de 18 anos.

Nessas orações também pode haver argumentação a favor da presença de foco identificacional. Um fato que mostra isso é que o sujeito, que é um nome comum, é modificado por uma oração relativa, para que sua referência seja mais específica. Além disso, como sem vê em (14), abaixo, orações como (15) e (16) ficam agramaticais sem a relativa modificando seus sujeitos, quando proferidas em contextos em que não seja possível.

- (14) a. \*Vence a partida o jogador.  
b. \*Ganha o jogo a equipe.  
c. \*Podem fazer o saque pessoas.  
d. \*Podem participar do concurso candidatos.

Um argumento que pode ser usado a favor da existência de foco identificacional na língua é o comportamento do PB em relação ao enclhamento de quantificadores, como *todo*<sup>25</sup>. Como visto nas seções acima, defendo que as orações com ordem VS são usadas quando o sujeito envolvido na sentença veicula informação de exaustividade. A idéia básica é que existe uma configuração que codifica esse tipo de informação veiculada pelo sujeito. Uma estrutura da língua que parece poder ser explicada por essa hipótese é a de quantificadores enclhados na posição final da sentença, como em (15):

(15) Os amigos da Bruna vieram todos para a festa.

Uma oração como (15) tem um conteúdo informacional diferente de uma como (16), em que não há o enclhe do quantificador:

(16) Todos os amigos da Bruna vieram pra a festa.

A interpretação que dou para uma oração como (15) é a de que o falante deixou o quantificador enclhado, na mesma posição onde o foco identificacional de sujeitos em VS é checado, para sinalizar ao ouvinte que estava dando uma informação exaustiva, de

---

<sup>25</sup> Para uma análise dos quantificadores flutuantes no PB, compatível com a análise ora apresentada, consultar Guerra (2004) e (Guerra, 2006).

que “realmente todos os amiguinhos foram à festa, não faltou nenhum”. Já interpretação de uma oração como (16) não estaria comprometida com a informação de exaustividade relacionada ao DP sujeito.

Mais precisamente, a proposta é a de que no PB parece existir uma posição sintática especial para sujeitos com foco identificacional, e que é por esse motivo que um quantificador como *todos* pode ficar encaixado<sup>26</sup> nessa posição.

### **3.1.4 O foco de orações com ordem VS no italiano**

Na seção 2.3 do Capítulo 2, foi examinada a proposta de Pinto (1997) para os dados do italiano, em que a autora postula que as orações com inversão locativa ocorrem em contextos *out of the blue* e, segundo a autora, recebem foco neutro. Na terminologia adotada no presente trabalho, recebem, portanto, foco da informação. Na discussão estabelecida nas seções 3.1 e 3.2 acima, especialmente em relação aos dados do PB, observou-se que a proposta de Pinto segundo a qual orações com ordem VS recebem foco da informação não se aplica ao PB nem ao italiano, além de haver evidências de que a própria noção de foco deve ser reformulada (cf. seção 3.4).

Os fatos que nos fazem levantar uma hipótese diferente da de Pinto em relação ao foco das orações com ordem VS são: segundo Rizzi (1997), Belletti (2001), a ordem não marcada no italiano é SV(O). Ora, se essa é a ordem não marcada, é ela que apresenta foco neutro, coincidentemente a mesma das orações com ordem VS. A explicação de Pinto para esse fato é a de que a diferença entre uma oração com ordem SV e uma com ordem VS está na numeração: a oração com ordem VS apresenta um clítico locativo/ temporal.

---

<sup>26</sup> Deixo essa hipótese a ser aprofundada em estudos posteriores.

Observamos, porém, que a presença desse clítico por si só não explica as características dêiticas das orações com ordem VS. Orações com ordem SVPP também podem apresentar interpretação dêitica e, no entanto, o sujeito está em posição pré-verbal. Em outras palavras, se é a existência de um argumento locativo a explicação para o licenciamento da ordem VS no italiano, cabe indagar por que esse clítico não ocorre numa oração com ordem SV com a mesma interpretação dêitica.

Outro ponto que a proposta não explica é por que orações com ordem VS só ocorrem em determinados contextos pragmáticos. Ou seja, a questão que se quer levantar nesta seção é: Se a explicação para a ocorrência de orações com ordem VS é a presença do clítico locativo qual a relação entre a presença do clítico locativo e as características semânticas e pragmáticas identificadas nas orações de ordem VS?

Para responder à pergunta acima, a autora afirma que a diferença entre uma oração com ordem VS e uma oração com ordem SV está relacionada à presença do clítico na numeração de orações com ordem VS. A proposta de Pinto nos leva a pressupor, então, que a seleção desse clítico seria uma forma de codificar as necessidades sintáticas impostas pela necessidade de uma leitura de foco. Mas esse tipo de esclarecimento não está explicitamente exposto no trabalho da autora. E, mesmo se estivesse, ainda assim ficaria um questionamento sobre até que ponto a numeração deve captar esse tipo de informação. Ou seja, a questão que fica a ser respondida é se a numeração das orações tem de conter determinados tipos de elementos para que a derivação seja construída com um ou com outro tipo de foco. Essa é uma questão problemática para o trabalho de Pinto.

Vejamos as características dos verbos de orações com ordem VS (cf. Pinto, 1997):



- (17) a) selecionam um argumento interno adicional;  
 b) o argumento é um elemento locativo ou temporal;  
 c) esse elemento *pode aparecer fonologicamente realizado ou não*;  
 d) *LOC [quando fonologicamente nulo] recebe sempre uma interpretação dêitica*. [grifo nosso]

Os fatos apontados pela autora, e grifados acima, nos levam a questionar o porquê da interpretação dêitica do elemento locativo. Seguindo o raciocínio da autora, inferimos que a presença de LOC está relacionada a fatores de natureza interpretativa. Em outras palavras, LOC estará presente sempre que a ordem VS tiver de ser gerada.

Continuemos com a revisão da proposta de Pinto (1997). A ocorrência dos verbos do italiano em orações como foco largo e estreito foi sintetizada da seguinte forma pela autora:

- (18) Tipos de verbos e ordem dos constituintes em italiano

	Verbo que licencia VS	Verbo que não licencia VS
Foco largo	V(O)S	SV(O)
Foco estreito	V(O)S	V(O)S

Como veremos a seguir, a tabela acima faz previsões incorretas. Um exemplo é o contexto como (19) (exemplo 143 do Capítulo 2), em que um verbo que licencia VS ocorre, não há foco estreito, ou seja, há foco largo, mas, apesar desses fatores, a ordem adequada é VS.

- (19) a. L'editore ha spedito una dozzina di libri.  
 b. #Sono arrivati i libri.  
 c. I libri sono arrivati.

No caso de (19c), a ordem tem de ser SV porque o assunto em questão são os livros, dado o contexto em (19a), sendo o foco, portanto, largo. Por esse motivo, a ordem tem de ser SV, e a previsão da tabela (18) não pode ser obedecida. Um argumento que agrava a análise da autora é o fato de que a oração em (19c) pode receber interpretação dêitica (*Os livros chegaram aqui*). Essa constatação implica que, mesmo que a justificativa para VS fosse a presença do clítico locativo nulo, nada impediria esse clítico de estar presente na numeração de uma oração como (19c).

Devido à previsão incorreta da análise acima, o presente trabalho propõe que a tabela apresentada por Pinto seja reformulada. A tabela que propomos traz também a possibilidade de foco identificacional, como (20):

(20) Tipos de verbos e ordem dos constituintes em italiano, *proposta da tese*

	Verbo que licencia VS	Verbo que não licencia VS
Foco largo (ou Foco da informação)	SV(O)	SV(O)
Foco identificacional	V(O)S	SV(O)
Foco estreito	V(O)S	V(O)S

### **Resumo da seção 3.1**

A presente seção teve o objetivo de analisar o tipo de foco presente nas orações com ordem VS no PB. Partindo da proposta de Nascimento (1984), que afirma que as orações com ordem VS apresentam “interpretação de lista”, o trabalho tentou explicitar o significado dessa interpretação intuitiva. Para isso, utilizou as propostas de Zubizarreta (1998) e de Kiss (1998) sobre os tipos de foco possíveis. Uma das conclusões foi a de que o conceito de “interpretação de lista” equivale à configuração de foco identificacional, que é o foco que traz os traços de [+exaustividade, -contrastividade]. Outra conclusão alcançada foi a de que o foco identificacional também está presente nas orações com ordem VS com verbos transitivos. Além de identificar o tipo de foco para as orações com ordem VS do PB, a seção 3.1.4 propôs uma forma alternativa para a distribuição das orações com ordem VS no italiano.

### **3.2 Em busca de uma solução alternativa para explicar as características sintáticas e semânticas das orações com ordem VS do PB**

Em relação às orações com ordem VS do PB, esta tese defende que as orações com ordem VS que ocorrem em orações declarativas, sem pausas entre os seus constituintes e com verbos inacusativos inergativos e transitivos, devem ser analisadas como orações com Inversões Locativas. Na formulação desta proposta, partimos do trabalho pioneiro de Nascimento (1984) e dos resultados de Pilati (2002, 2004), apresentados no Capítulo 1, em articulação com a proposta de Pinto (1997), feita originalmente para as orações com ordem VS no italiano (cf. Capítulo 2, seção 2.3).

Apesar de mantermos certos aspectos da proposta de Pinto, como já demonstrado, serão porpostas algumas modificações. Isso porque alguns aspectos da implementação teórica dessa proposta não se sustentam. Um exemplo é o fato de a autora postular que nas inversões locativas o elemento locativo é sempre um argumento do verbo.

As orações para as quais será feita a proposta teórica da tese serão orações declarativas com ordem (PP)VS que *não* são respostas a perguntas QU-. Essas serão as orações com ordem VS analisadas como tipos de inversão locativa. Em outras palavras, as orações denominadas inversões locativas (ou (PP)VS) analisadas nessa seção são orações declarativas com as seguintes características: i) não são respostas a perguntas QU-, ii) são fonologicamente expressas sem pausas longas entre os seus constituintes e iii) são licenciadas com *certos* verbos inacusativos, inergativos e transitivos. As orações em (21) ilustram esse tipo de construção:

- (21) a. Chegaram as cartas.  
b. Já almoçou todo mundo.  
c. Hoje tomou posse o novo ministro da educação.

Nesse trabalho não trataremos de orações declarativas que funcionam como respostas a perguntas QU- do tipo em (22B), porque são orações que ocorrem em contextos sintáticos específicos, repostas a perguntas QU-, e também porque essas orações geralmente não apresentam ordem VS no PB (22B, B').

(22) A: Quem comeu o bolo?

B: Eu comi./ Eu

B': \*Comeu a Joana.

Antes de apresentar a argumentação em favor da classificação das orações VS do PB, do tipo em (21), como um tipo de inversões locativas, retomaremos alguns estudos sobre inversões locativas e as constatações descritivas feitas em cada um. O objetivo principal dessa revisão é o de fundamentar a argumentação a favor da análise das orações do tipo (PP)VS do PB como inversões locativas, tendo como base as características dessas orações em línguas como o italiano, inglês e o chichewa. Para alcançar esse objetivo, a presente seção está dividida em três partes: Na primeira seção, 3.2.1, são apresentadas descrições das características sintáticas e semânticas das inversões locativas (A) no chichewa, seguindo Bresnan & Kanerva (1989), e no inglês e no chichewa, seguindo Bresnan, (1994); (B) no inglês, seguindo Levin & Rappaport Hovav (1995), (C) no italiano, seguindo (Pinto, 1997) e (D) no português do Brasil, seguindo Pilati (2004).

### **3.2.1 Descrição das características sintáticas e semânticas das inversões locativas**

Na presente seção, descrevemos características sintáticas das inversões locativas apresentadas na literatura recente, com o objetivo de confirmar a hipótese de que as orações declarativas com ordem VS no PB são tipos de inversão locativa.

Entre as análises sobre inversão locativa disponíveis na literatura, as de Bresnan & Kanerva (1989), Bresnan (1994) e Levin & Rappaport Hovav (1995) foram escolhidas pelos seguintes motivos: (a) Bresnan & Kanerva (1989) descrevem as

características da inversão locativa no chichewa, um fato interessante dado que é uma língua da África Central, mas que compartilha características sintáticas e semânticas com as inversões locativas de línguas de outros troncos lingüísticos, como o inglês (e também como o PB e o italiano); (b) o estudo de Bresnan (1994) foi escolhido por estabelecer uma comparação entre as inversões locativas do inglês e do chichewa e mostrar que as duas línguas são semelhantes em vários aspectos, mas que as diferentes formas categoriais escolhidas por essas línguas para a codificação de informações dos elementos locativos/ temporais (em inglês são PPs e em chichewa são NPs) influenciam o estatuto sintático dos elementos pré-verbais nesse tipo de oração; e (c) o trabalho de Levin & Rappaport Hovav (1995), porque mostra que a inversão locativa está estritamente ligada às propriedades de seleção temática dos verbos e que, portanto, não pode ser considerada um diagnóstico para inacusatividade. Ou seja, para que um verbo possa ocorrer numa construção do tipo inversão locativa, não basta ser inacusativo, o verbo precisa selecionar um tematicamente um elemento de natureza temporal ou locativa.<sup>27</sup>

#### **(A) Descrição das características sintáticas das inversões locativas no chichewa<sup>28</sup>**

Bresnan & Kanerva (1989) defendem que as inversões locativas do chichewa são construções que ocorrem quando há um elemento locativo preposto ao verbo, e o sujeito é posposto ao verbo, como em (23b) (exemplos retirados de B&K, 1989:2, ex 1a,b):

---

<sup>27</sup> Há várias outras análises que apresentam propostas teóricas para tais orações (cf. Coopmans, 1991, Levin, 1992, Rochemont & Culicover, 1990, Hoekstra & Mulder, 1990), mas não nos deteremos nas análises teóricas porque o objetivo da tese é relacionar o licenciamento das orações com ordem VS no PB, às características sintáticas do PB atual.

<sup>28</sup> Segundo Bresnan & Kanerva (1989) o chichewa é uma língua Bantu falada na África Central.

(23) a. Chi-tsŕme chi-li ku mu-dzi.

“O poço está na cidade”

b. Ku mu-dzi ku-li chi-tsŕme.

“Na cidade está o poço”

**i) Categoria sintática do elemento locativo e**

**ii) Possibilidade de desencadear concordância com o verbo**

Em chicheŕwa o elemento locativo em posição pré-verbal é um NP. Esse NP, quando em posição pré-verbal, recebe um prefixo obrigatório para sujeitos. Esse prefixo de sujeito recebido pelo NP locativo tem de concordar obrigatoriamente com o prefixo do verbo, como em (24) (B&K, 1989:9, ex. 23b):

(24) **Ku**-um-dzi      **ku**-na-bwér-á      a-lëndo.

“Á cidade      vieram      visitantes”

Pela constatação da concordância ente sujeito e verbo acima, os autores defendem que os elementos locativos ocupam a mesma posição na estrutura sintática que os argumentos externos dos verbos ocupariam. Por isso, concluem que os elementos locativos pré-verbais podem ser considerados os sujeitos da oração.

**iii) Possibilidade de o elemento locativo ser nulo, mas com referência recuperada anaforicamente por elementos da situação discursiva**

Um outro comportamento apresentado pelas inversões locativas dessa língua é que esses prefixos de sujeitos podem ser usados como pronomes em certas circunstâncias. Um exemplo disso ocorre quando o prefixo de sujeitos se refere anaforicamente a locais definidos, que são facilmente recuperados na situação discursiva, como em (25) (B&K,1989:11, ex 27b):

(25) **ku-na-bwér-á** a-lêndo

“De lá vieram visitantes”

Dadas as características de concordância e o comportamento pronominal dos prefixos apresentados pelos elementos locativos, Bresnan & Kanerva (1989) concluem que os elementos locativos na língua ocupam realmente a posição de sujeitos, e excluem a hipótese de que nas orações a posição de sujeito possa ser preenchida por um elemento expletivo ou por um sujeito impessoal.

#### **iv) Restrições a verbos transitivos**

No chichewa há inversões locativas com verbos transitivos, apesar de haver restrições. Em (26b) é apresentada uma oração gramatical, com verbo transitivo (B&K,1989:20, ex 53 a,b):

(26) a. A-lenje a-na-túmíz-a ma-zira kw-á á-tsíkana.

“Os caçadores mandaram ovos para as garotas”

b. \*Kw-á á-tsíkana ku-túmíz-a a-lenje ma-zira

“Para as garotas mandaram os caçadores ovos”



#### **v) Restrições a certos verbos intransitivos**

Há restrições a alguns verbos intransitivos, como ilustram as orações em (27a) e (27b) (B&K,1989:16, ex. 48a,b):

(27) a. M-chi- tsîme mw-a-gwer-a mbûzi.

“No poço caiu um bode”

b. \*M-chi- tsîme mw-a-kodz-a mbûzi.

“No poço urinou um bode”

Em Bresnan & Kanerva (1989), são apresentadas as características das orações com inversões locativas no chichewa. Bresnan (1994) faz uma comparação entre as características das orações com inversões locativas do inglês e do chichewa, mostrando as semelhanças entre as duas línguas. Assim como no chichewa as orações com inversão locativa no inglês apresentam um elemento locativo/temporal na posição inicial da sentença e o sujeito em posição pós-verbal. A autora apresenta então uma comparação entre os dados do chichewa e do inglês, considerando cada aspecto separadamente.

#### **i) Categoria sintática do elemento pré-verbal**

Em inglês os elementos pré-verbais são PPs (28):

(28) Among the guests was sitting my friend Rose.

‘Ente os convidados estava sentada minha amiga Rose’

## ii) Possibilidade de o elemento locativo desencadear concordância com o verbo

Como em inglês os elementos pré-verbais são PPs, não são categorias com propriedades morfológicas de concordância, o verbo não concorda com o elemento locativo, e sim com o sujeito pós-verbal, como em (29a,b) (cf. Bresnan, 1994:95, ex. 62a,b):

- (29) a. In the swamp was/\*were found a child.  
b. In the swamp were/\*was found two children.

Bresnan estabelece uma relação entre o comportamento dos PPs na posição pré-verbal e o pronome *there* do inglês, no sentido de explicar a causa da falta de concordância entre o elemento locativo e o verbo. Segundo a autora (p.107), os traços de concordância entre o sujeito e o verbo da oração estão inerentemente associados com as categorias nominais. Traços dêiticos, como proximidade, podem ser diferenciados por pronomes locativos como (*here* “aqui” e *there* “lá”), mas pessoa, número e gênero, as categorias universais de concordância entre verbos e argumentos, não estão presentes nesses elementos locativos. Daí a falta de concordância entre o verbo e o pronome expletivo *there* (30a) e (30b) e também a falta de concordância entre PPs locativos e os verbos, vista acima em (29a,b).

- (30) a. There are/\*is infinitely many prime numbers.  
b. There is/\*are one even prime number.

**iii) Possibilidade de o elemento locativo ser nulo, mas com referência recuperada anaforicamente por elementos da situação discursiva**

Há contextos em que inversões locativas do inglês podem licenciar ordem VS sem que o PP esteja na posição pré-verbal. Mas isso só é possível num contexto de topicalização, como em (31a,b) (cf. Bresnan, 1994:106, ex. 93a,b):

- (31) a. On this wall I expect \_\_\_\_\_ will be hung a picture of Leonard Pabbs.  
b. In San Jose \_\_\_\_\_ lived a woman.

**iv) Restrições a verbos transitivos**

Assim como no chichewa, as orações com inversões locativas do inglês também apresentam restrições a certos verbos transitivos, (32b) (cf. Bresnan, 1994:77, ex. 10a,b):

- (32) a. My friend Rose seated my mother among the guests of honor.  
“Minha amiga Rose sentou minha mãe entre os convidados de honra”  
b. \*Among the guests of honor seated my mother my friend Rose.  
“Entre os convidados de honra sentou minha mãe minha amiga Rose”

#### v) Restrições a certos verbos intransitivos

Como se pode constatar dos exemplos em (33b), nem todos verbos intransitivos licenciam orações com inversões locativas (cf. Bresnan, 1994:78 ex. 13a,b):

- (33) a. Among the guests of honor was sitting my friend Rose.  
b. \*Among the guests of honor was knitting my friend Rose

#### vi) Função discursiva das inversões locativas

Para Bresnan (1994), as restrições apresentadas pelas inversões locativas nas duas línguas, tais como a grande restrição a ocorrência com verbos transitivos e com certos verbos inergativos, levam a uma única generalização, observada inicialmente por Levin (1992): construções com inversões locativas podem ocorrer somente no caso de o sujeito do verbo poder ser interpretado como um argumento do qual o argumento locativo é predicado. Para a autora, essa generalização explica por que certos verbos que não selecionam PPs como argumentos podem ocorrer em contextos de IL. Nesses casos, o PP serve para localizar o sujeito numa dada cena.<sup>29</sup>

A função discursiva dessas orações é a de Foco Apresentacional. Em orações com esse tipo de foco, o referente do sujeito pós-verbal é introduzido ou re-introduzido

---

<sup>29</sup> Bresnan (1994:85) "... In such contexts [contexts in which the activity serves simply to locate the subject on the scene] a theme-locative predication seems to be overlaid on the lexical argument structure of the verb, permitting locative inversion."

na cena a que se refere a expressão locativa. Um exemplo da autora para ilustrar o contexto de uso das inversões locativas é (34) (adaptado de Bresnan 1994:85, ex. 42):

- (34) A: Estou procurando minha amiga Rose.  
B: #Entre os convidados de honra estava sentada Rose.  
C: Rose estava sentada entre os convidados de honra.

A oração (34B) é inadequada, porque parece depender de um contexto em que existia referência prévia aos convidados de honra, o que a oração em (34A) não oferece. Por isso, a oração em (34C) é a resposta mais natural. Esse tipo de dependência do contexto para a ocorrência de inversões locativas ocorre tanto no inglês como no chichewa.

Um argumento a favor de existência de foco apresentativo no sujeito pós-verbal nas inversões locativas é o comportamento dessas orações em construções como foco contrastivo. Observemos a comparação entre o comportamento das orações em (35) e (36):

- (35) a. Canvasses hung on the wall, but not paintings.  
“Painéis pendem/ se penduram no muro, mas não pinturas”  
  
b. Canvasses hung on the wall, but not on the easels.  
“Painéis pendem/ se penduram no muro, mas não em cavaletes”
- (36) a. On the wall hung canvasses, but not paintings.  
“No muro pendem/ se penduram painéis, mas não pinturas”  
  
b. ?? On the wall hung canvasses, but not on the easels.  
“??No muro pendem/ se penduram painéis, mas não em cavaletes”

Nas orações em (35a,b) com ordem SVPP, podem receber foco contrastivo, na frase iniciada por *but not* (mas não), tanto o sujeito *canvasses* (35a) quanto o elemento locativo *on the wall* (35b). Mas nas orações em (36a,b), em que há inversão locativa, somente o sujeito pós-verbal pode ser contrastado (36a), pois ele é o elemento novo (focal) da oração; o julgamento da oração (36b) como inadequada, revela que o elemento locativo, como não recebe interpretação de elemento focalizado, não pode receber foco contrastivo.

### **Resultado da comparação entre o inglês e o chichewa**

A comparação feita por Bresnan (1994), apresentada de forma resumida nos itens (i) a (vi), mostra que, apesar das semelhanças sintáticas e pragmáticas existentes entre as inversões locativas do inglês e do chichewa, há diferenças sintáticas no comportamento sintático do elemento locativo pré-verbal nessas duas línguas: em chichewa, o elemento locativo desencadeia concordância verbal, mas em inglês não. Essa diferença se dá por causa da categoria sintática do elemento locativo: em chichewa ele é um NP, por isso pode ocupar a mesma posição sintática de argumentos externos de verbos (sujeitos), mas em inglês, o locativo é um PP, por isso não desencadeia fenômenos de concordância e não pode ocupar a posição de argumento externo, mas os testes aplicados acima revelam permitem afirmar que a distribuição sintática do PP em inglês é semelhante à observada no chichewa. Em outras palavras, para Bresnan, nas duas línguas, o elemento locativo é o sujeito da oração num nível abstrato de representação, mas ocupa posições estruturais diferentes nas duas línguas, por apresentar um estatuto categorial diferente, ser NP em chichewa e PP em inglês.

**(B) Descrição das características sintáticas das inversões locativas no inglês**

Em Levin & Rappaport Hovav (1995), são caracterizadas as orações denominadas *inversões locativas* no inglês, como em (37) (L&R,1995:224, ex. 19b,d, grifos das autoras):

(37) a. On the third floor WORKED two young women called Maryanne Thomson and Ava Brent.

“No terceiro andar trabalharam duas jovens mulheres chamadas Maryanne Thomson and Ava Brent.”

b. At an end, in crude bunks , SLEPT Jed and Henry.

“Num canto, em camas simples, dormiam Jed e Henry”

Entre as características sintáticas dessas orações, estão:

a) têm a estrutura PP VP NP;

b) o PP inicial é um elemento com referência locativa ou direcional;

c) podem ser licenciadas com verbos inergativos ou inacusativos. Mas nem todos os verbos inacusativos são licenciados em inversões locativas, como ilustrado em (38a,b) (L&R,1995:224, ex. 18a,b):

(38) a.\*On the top floor of the skyscraper broke many windows.

“No último andar do arranha-céu quebraram muitas janelas”

b.\*On the streets of Chicago melted a lot of snow.

“Nas ruas de Chicago derreteu um monte de neve”

d) Podem ser licenciadas com verbos transitivos, quando o verbo é formado por frases fixas, ou expressões idiomáticas, como *take place* and *take root*<sup>30</sup>.

Em relação à posição dos elementos locativos pré-verbais na estrutura da sentença, para Levin & Rappaport Hovav (1995), o PP pré-verbal não é o argumento externo do verbo, e sim um elemento que se move de uma posição interna ao VP para a posição de sujeito e pode ser topicalizado, em seguida. Os argumentos das autoras a favor da análise feita, se baseiam nos testes aplicados em (i), (ii) e (iii), a seguir:<sup>31</sup>

i) a presença do efeito *that-trace*<sup>32</sup> quando o PP é extraído da posição pré-verbal, típica de sujeitos, como em (39b) e (40b0). Esse efeito não ocorre no PB, mas as glosas dos exemplos a seguir mostram que, no PB, PPs pré-verbais também podem ocorrer em distribuição semelhante a de sujeitos nesses contextos (L&R,1995:262, ex. 81 e 82, respectivamente):

---

<sup>30</sup> Para Levin & Rappaport Hovav (1995), a possibilidade de ocorrência ou não, está diretamente relacionada à função discursiva deste tipo de construção, ou seja, para as autoras os tipos de verbos que podem ocorrer em tais construções são os que servem para expressar a função discursiva de tal construção. É por causa dessa função discursiva que verbos transitivos são encontrados em IL. “Typically in a sentence with a transitive verb new information about the subject is conveyed by the verb and object together. It is unlikely that the subject of such a sentence will represent the least familiar information as the discourse function of the construction requires (Such a sentence is likely to be what Guéron (1980) calls a “predication” rather than a “presentational” sentence)” (p. 231)

<sup>31</sup> Os testes em (i) e (iii) foram retirados por Levin e Rappaport (1995) de Bresnan (1993), e o dado em (ii) for retirado de Hoekstra & Mulder (1990).

<sup>32</sup> O Filtro *that-trace*, proposto por Chomsky & Lasnik (1997), impede o movimento do sujeito por cima de um complementador (*that*) lexicalmente preenchido. Línguas de Sujeito Nulo, como o italiano (i), não apresentam restrições a esse tipo de movimento, mas línguas marcadas negativamente para esse Parâmetro, como o inglês (ii), apresentam esse tipo de restrição:

(i) Chi<sub>i</sub> [Maria há pensato [che *t<sub>i</sub>* avia arrivato]]?  
(ii) \*Who<sub>j</sub> [Mary thought [that *t<sub>i</sub>* has arrived]]?  
“Quem<sub>i</sub> Maria pensou que *t<sub>i</sub>* tinha chegado”



(39) a. It's in these villages that we all believe \_\_\_\_ can be found the best examples of this cuisine.

“É nessas cidades que nós todos acreditamos \_\_\_\_\_ podem ser achados os melhores exemplos dessa cozinha.”

b. \*It's in these villages that we all believe that \_\_\_\_ can be found the best examples of this cuisine.

“É nessas cidades que nós todos acreditamos que podem ser achados os melhores exemplos dessa cozinha.”

(40) a. It's in these villages that we all believe the finest examples of this cuisine can be found\_\_\_\_\_.

“É nessas cidades que nós todos acreditamos os melhores exemplos dessa cozinha podem ser achados”

b. \*It's in these villages that we all believe that the finest examples of this cuisine can be found\_\_\_\_\_.

“É nessas cidades que nós todos acreditamos que os melhores exemplos dessa cozinha podem ser achados”

ii) Outro argumento a favor de os elementos locativos ocuparem a posição de sujeito, e não uma posição dentro de CP, por exemplo, é o fato de inversões locativas poderem ocorrer em orações encaixadas com complementadores *WH-*, como em (41) (L&R,1995:263, ex. 88):

(41) a. We suddenly saw how into the pond jumped thousand of frogs.

“Nós de repente vimos como na lagoa pularam milhares de sapos”

iii) Um último argumento das autoras é o fato de os PPs das orações com inversões locativas, quando ocorrem em orações com verbos de alçamento, poderem se mover para a posição inicial da sentença, como em (42), comportando-se da mesma forma que os DPs sujeito, como em (43) (L&R,1995:262, ex. 83 e 85):

(42) In this spot, well toward the center and in front of the vast herd, appeared about to BE ENACTED a battle between a monarch and his latest rival for supremacy.

“Neste lugar, bem em direção ao centro e à frente do vasto rebanho, pareceu estar prestes a ser realizada uma batalha entre um monarca e seu mais novo rival pela supremacia”

(43) A battle<sub>i</sub> appeared [ t<sub>i</sub> about to be enacted t<sub>i</sub> in this spot]

“Uma batalha pareceu prestes a acontecer neste lugar”

As autoras ressaltam que se o PP não pode ser alçado se houver um DP ocupando a posição de sujeito pré-verbal, como em (44) (L&R,1995:262, ex. 86):

(44) \*In this spot<sub>i</sub> appeared [a battle<sub>j</sub> about to be enacted t<sub>j</sub> t<sub>i</sub>]

“Neste lugar pareceu uma batalha prestes a acontecer”

Em resumo, com a descrição das características das inversões locativas do inglês, conforme são apresentadas por Bresnan (1994) e por Levin & Rappaport-Hovav (1995), podemos enumerar as seguintes características para essas orações:

- a. São orações apresentativas num sentido amplo, ou seja, inserem um termo *menos familiar* no contexto discursivo que o PP locativo. Mas esse elemento *menos familiar* não precisa ser necessariamente novo no discurso;
- b. Têm a estrutura: (locativo/ temporal) VP NP;
- c. O elemento inicial é um elemento com referência locativa ou temporal, que pode pertencer a diferentes categorias gramaticais, no chichewa é um nome (NP) e no inglês é um elemento preposicionado (PP);
- d. Quando são NPs, podem desencadear concordância com o verbo;
- e. Os PPs locativos, em posição pré-verbal, não desencadeiam concordância com o verbo, mas apresentam propriedades características de sujeitos da oração (cf. testes (i), (ii) e (iii)).
- f. As inversões locativas não ocorrem com todos os tipos de verbos, nem com inacusativos, nem com inergativos;
- g. As inversões locativas só apresentam verbos transitivos quando estes formam estruturas fixas como *take place*, *take root*;
- h. Em contextos em que a referência do elemento locativo pode ser facilmente recuperada, o elemento locativo não precisa ser fonologicamente manifesto.

### **C) Inversões locativas no italiano**

Nesta seção, serão resumidas as características das inversões locativas do italiano, trazidas por Pinto (1997) e apresentadas na seção 2.3.2 do Capítulo 2 desta tese (os exemplos a seguir são os mesmos citados no Capítulo 2, repetidos com outra numeração). Segundo Pinto, as inversões locativas do italiano são orações com ordem VS, que ocorrem em contextos diferentes dos de respostas a perguntas QU- (isso porque

no italiano têm ordem VS todas as orações que ocorrem como respostas a perguntas QU-, com o sujeito interrogado). As inversões locativas podem apresentar elementos locativos fonologicamente manifestos (45a) ou não (45b).

(45) a. In questa casa ha abitato Giacomo Leopardi.

‘Nessa casa morou Giacomo Leopardi’

b. E’ entrato Dante.

‘Entrou Dante’

Em relação aos verbos, Pinto mostra que também em italiano nem todos os verbos inacusativos são sempre possíveis na ordem VS (46B’):

(46) A: Che cosa è successo?

‘O que aconteceu?’

B: #E’ impallidito Berlusconi.

‘Empalideceu Berlusconi’

B’: #Si è stufata Penelope.

‘Se estufou a Penélope’

Além de mostrar que os verbos inacusativos não são sempre licenciados em orações com foco largo, a autora constata que há verbos inergativos licenciados em orações com foco largo, como em (47a, b):

(47) a: Ha telefonato Dante.  
‘Telefonou Dante’

b’: In questa casa ha abitato Giacomo Leopardi.  
‘Nessa casa morou Giacomo Leopardi’

Para a autora, o que licencia a ordem VS nesses casos é: em (47a), o tipo de verbo; e em (47b), a presença de um elemento locativo manifesto.

Com base no comportamento das orações com ordem VS do italiano, tais como:

(i) impossibilidade de sujeitos de *certos* verbos inacusativos ocorrerem na ordem VS;  
(ii) existência de orações com verbos inergativos, a autora afirma que, sempre que há a ordem VS em orações declarativas que não são respostas a perguntas QU-, há um argumento locativo ou temporal (LOC), selecionado pelo verbo em posição pré-verbal. Por isso, tais orações podem ser analisadas como inversões locativas.

Segundo a autora, a impossibilidade de ordem VS com verbos inacusativos como *impallidire* ‘empalidecer’ se verifica porque o verbo não pode selecionar argumentos do tipo locativo ou temporal, como ilustrado em (48B):

(48) A: *Che cosa è successo?*

B: *#E’ impallidito Berlusconi.*

Já verbos que selecionam esse tipo de argumento, como *arrivare* ‘chegar’, *telefonare* ‘telefonar’, *vivere* ‘viver’ e *abitare* ‘habitar’, podem ocorrer na ordem VS, como as orações em (47) acima.

Um argumento adicional, apontado por Pinto, para corroborar sua análise de que orações VS são inversões locativas, mesmo sem o PP inicial, são as interpretações dêiticas, apresentadas nas glosas do português para as orações (48a,b,c):

(48) a. E' entrato Dante.

'Entrou Dante'

*'Dante entrou (aqui /nesse lugar)'*

a'. Dante è entrato.

'Dante entrou'

*'Dante entrou (em algum lugar)'*

b. E' morto Fellini.

'Morreu Fellini'

*'Fellini acabou de morrer'*

*(Eu acabei de ouvir que Fellini morreu)*

b'. Fellini è morto.

'Fellini morreu'

*(Fellini morreu (há algum tempo))*

c. Ha telefonato Beatrice.

'Telefonou Beatriz'

*(Beatriz ligou (aqui, para este lugar))'*

c'. Beatrice ha telefonato.

'Beatrice has called'

*(Beatriz ligou (para algum lugar, fez telefonemas))'*

Com a interpretação das orações em (48a,b,c), em que há uma interpretação dêitica, a autora confirma a idéia de que o licenciamento de sujeitos em posição pós-verbal em orações com foco largo está relacionado à presença, fonologicamente manifesta ou não, de um argumento do tipo locativo ou temporal. Esse argumento, quando fonologicamente nulo, recebe interpretação dêitica, orientada para o falante ou para os participantes da situação discursiva, como se constatou acima.

O argumento locativo ou temporal das orações com ordem VS apresenta três propriedades particulares: (i) pode estar manifesto ou não; (ii) tem interpretação dêitica, que envolve proximidade como falante; e (iii) o elemento locativo ou temporal deve ser um possível argumento do verbo da oração, deve estabelecer uma relação temática com o verbo.

Apesar de não adotarmos a análise teórica de Pinto (1997) para as orações com inversão locativa do PB em seu todo, consideraremos como corretas as afirmações da autora em relação à interpretação das orações em (48a,b,c) e (48a',b',c') tanto para o italiano quanto para o PB. Além disso, levaremos adiante a análise da autora de que, entre os fatores que possibilitam a ocorrência das inversões locativas, estão as propriedades lexicais dos verbos. Ou seja, também consideraremos como correta a análise de que somente verbos que possam selecionar tematicamente elementos locativos/temporais poderão licenciar inversões locativas.

Ainda em relação às inversões locativas do italiano, na seção 3.3 deste Capítulo, levaremos adiante a idéia da análise de Bissel (2004), apresentada na seção 2.2.3.1, de que a motivação para a agramaticalidade de orações com ordem VS com verbos transitivos com argumentos internos fonologicamente manifestos está relacionada à atribuição de Caso Acusativo ao argumento interno (objeto direto) do verbo e a

restrições ligadas à Condição de Elo Mínimo (Minimal Link Condition), conforme será detalhado na seção 3.3.

#### **D) Inversões locativas no PB**

A seguir, serão analisadas as orações com ordem (PP)VS do PB, seguindo os mesmos parâmetros apresentados na comparação entre o inglês e o chichewa, como apresentado no item (A). Essa seção (D1) será denominada: *Caracterização sintática das orações com inversão locativa no PB*. Em seguida serão feitos os testes aplicados por Levin & Rappaport (1995) no item (B) para verificar a posição que esse elemento ocupa na sentença. A seção que trará esses testes (D2) será denominada: *Caracterização sintática dos elementos locativos das orações com inversão locativa no PB*. Por fim, os testes aplicados por Pinto (1997) para as orações do italiano (retomados na seção C) serão aplicados para as orações com ordem (PP)VS do PB e também serão incluídas nessa análise as orações fruto de narrações concomitantes (ou predicados previsíveis, cf. Belletti, 2001), não consideradas por Pinto (1997). Essa última seção (D3) será denominada: *Caracterização semântica das orações com inversão locativa no PB*.

#### **D1 - Caracterização sintática das orações com inversão locativa no PB**

##### **i) Categoria sintática do elemento pré-verbal**

Como visto no Capítulo 1, nas orações com ordem VS do PB, os elementos locativos/ temporais das orações com ordem VS são elementos preposicionados (PPs), como ilustrado em (49a,b):



(49) a. Primeiro almoço eu, depois você.

b. Na sexta viaja o Paulo.

No entanto, há contextos em que essa posição pré-verbal pode ser ocupada por elementos dêiticos como *aí* (50a) ou com operadores de foco como *também, só* (50b,c):

(50) a. Aí liga a D. Maria....

b. Também participa do programa a Professora Renata.

c. Só não gostaram do passeio as crianças pequenas.

## **ii) Possibilidade de o elemento locativo desencadear concordância com o verbo**

Em relação à concordância do elemento pré-verbal com o verbo, dado o fato de que esses elementos são de natureza preposicional, não há concordância entre o PP e o verbo da oração (51b), a tendência<sup>33</sup> é haver concordância entre o verbo e o sujeito pós-verbal (51a).

(51) a. Primeiro falo eu.

b. \*Primeiro fala eu

## **iii) Possibilidade de o elemento locativo ser nulo, mas com referência recuperada anaforicamente por elementos da situação discursiva**

---

<sup>33</sup> Devido à redução do paradigma flexional no PB, há variedades dialetais em que a concordância não é morfológicamente marcada, mesmo nos casos em que o sujeito está em posição pré-verbal conforme constatado em muitos estudos (cf., por exemplo, Duarte (1993)).

Assim como no italiano (cf. Pinto 1997), no chicheŵa (cf. Bresnan & Kanerva, 1989) e no inglês (cf. Bresnan, 1994), no PB, o elemento locativo pode ser fonologicamente nulo, desde que seja facilmente recuperado no contexto discursivo (52):

(52) a. Lá na casa da Maria? Vixe.....chegou um monte de coisa.

#### **iv) Restrições a verbos transitivos**

O PB apresenta restrições a verbos transitivos quando as orações com ordem VOS ocorrem (i) em contextos em que o predicado (V+O) pode ser interpretado como uma informação antiga ou prevista na situação discursiva, como em (53a,b); ou (ii) quando o predicado é formado por elementos semanticamente leves, como em (53c):

- (53) a. Ganha a partida o jogador que fizer mais pontos  
b. Domina a bola o jogador do Vasco.  
c. Também faz parte da revista o escritor Alexandre Pilati

#### **v) Restrições a certos verbos intransitivos**

No português do Brasil, os inacusativos são licenciados com maior frequência na ordem VS (cf. seção 1.1), mas nem todos os verbos considerados inacusativos licenciam a ordem VS da mesma forma. Com a comparação entre as orações em (54a) e (54b), pode-se perceber que verbos de movimento ou que tenham traços relacionados a tempo

ou espaço são mais naturais no licenciamento da inversão, e verbos que não possuem esse traço semântico colocam maiores restrições ao licenciamento da ordem VS, fora de um contexto específico, como em (54b):

- (54) a. Aqui chegaram as cartas.  
b. \*Aqui avermelhou o urubu.

#### **vi) Função discursiva das inversões locativas**

A análise feita por diversos autores sobre a função discursiva das orações com ordem VS classificadas como inversões locativas (cf. Bresnan (1984), Levin & Rappaport (1995)) sempre concorda que esse tipo de oração serve para introduzir um referente ou novo ou menos familiar no discurso, que o elemento locativo. Esse tipo de análise também pode ser feito para as orações com ordem (PP)VS do PB.

Votre & Naro (1999), por exemplo, apresentam uma análise funcionalista para as orações com ordem VS no PB. Para eles, orações com ordem VS trazem elementos que estão fora do fluxo informacional do discurso. A análise dos autores sobre a função discursiva das orações (PP)VS é totalmente compatível com as análises da função discursiva das inversões locativas. Além disso, o exemplo de Bresnan (1994), repetido em (55), para mostrar que as inversões locativas precisam de contextos específicos para serem licenciadas, também é perfeito para as orações do PB.

- (55) A: Estou procurando minha amiga Rose.  
B: #Entre os convidados de honra estava sentada Rose.  
C: Rose estava sentada entre os convidados de Rose.

A oração (55B) é inadequada, porque parece depender de um contexto em que existia referência prévia aos convidados de honra, o que a oração em (55A) não oferece. Esse tipo de dependência do contexto para a ocorrência de inversões locativas ocorre no inglês, no chicheŵa e também no português do Brasil.

## **D2 - Caracterização sintática dos elementos locativos das orações com inversão locativa no PB**

Verificaremos nessa seção a possibilidade de afirmar, seguindo Levin & Rappaport-Hovav (1995), que o PP pré-verbal das orações com inversão locativa não é gerado na posição de sujeito, mas se move de uma posição interna ao VP para a posição de sujeito, podendo ser topicalizado, em seguida. Repetiremos a seguir, por questão de clareza na argumentação, alguns dos testes aplicados pelas autoras, mas com outros dados:

i) Inversões locativas em orações encaixadas com a posição de complementador preenchida por elemento *WH-*, como em (56):

(56) a. Nós de repente vimos como na lagoa pularam milhares de sapos.

b. Nós de repente entendemos por que hoje tomaram posse muitos ministros.

Numa oração como (56b), provavelmente, a posição de Spec CP pode estar preenchida por uma palavra *QU-*, o que sugere que o PP pode estar numa posição acima de VP, mas abaixo de CP, supostamente em TP.

ii) inversões locativas com verbos de alçamento

Os elementos locativos das inversões locativas do PP podem ser alçados (57a,b,c), assim como os DPs sujeitos (58a,b,c):

- (57) a. Neste lugar parece estar prestes a ser realizada uma batalha  
b. Hoje parece prestes a tomar posse um novo ditador.  
c. Ali parece que brincam as crianças.

- (58) a. Uma batalha parece prestes a acontecer neste lugar.  
b. Um novo ditador parece prestes a tomar posse hoje.  
c. As crianças parecem que brincam ali.

No entanto, a gramaticalidade da sentença se deteriora se simultaneamente ao alçamento do PP se houver DP ocupando a posição de sujeito pré-verbal (58a,b,c):

- (58) a. ??Neste lugar parece uma batalha estar prestes a acontecer.  
b. ??Hoje parece prestes um novo ditador a tomar posse.  
c. ??Ali as crianças parece que brincam.

### **D3 - Caracterização semântica das orações com inversão locativa no PB**

Como visto na seção 2.3 do Capítulo 2 desta tese, Pinto mostra que a impossibilidade de ordem VS com certos verbos inacusativos, como *impallidire* ‘empalidecer’, ocorre porque o verbo não pode selecionar argumentos do tipo locativo ou temporal. Já verbos que selecionam esse tipo de argumento, como *arrivare* ‘chegar’,

*telefonare* ‘telefonar’, *vivere* ‘viver’ e *abitare* ‘habitar’, podem ocorrer na ordem VS. Devido ao comportamento desses verbos nas inversões locativas, Pinto defende a idéia de que o licenciamento das inversões locativas está diretamente relacionado à seleção temática do verbo. Ou seja, verbos que podem selecionar tematicamente elementos natureza locativa/ temporal licenciam VS, e verbos que não podem não licenciarão. Com exemplos como em (59), podemos afirmar que o mesmo tipo de restrição ocorre no PB:

- (59) a. \*Na montanha/ \*no telhado avermelhou o urubu.  
b. Atrás da montanha/ No horizonte avermelhou o céu.  
c. No pé amarelou a banana.  
d. \*?Na bandeja amarelou a banana

Em uma oração como (59a), fora de um contexto anterior, não há como estabelecer uma relação entre o “avermelhar do urubu” e a montanha. Um contexto diferente é (59b), em que a localização não é incidental, pois o “avermelhar do céu” pressupõe de alguma forma a relação com alguma localização temporal ou locativa – o local citado (atrás da montanha/ no horizonte) é a delimitação do espaço, no céu, onde se visualiza o estado de coisas descrito.

Com relação aos casos em que se pressupõe uma realização nula para o PP, retomamos o argumento utilizado por Pinto (1997) para corroborar sua análise de que orações VS são inversões locativas. Trata-se da interpretações dos exemplos (60a), (61a) e (62a), em comparação com a interpretação de (60b), (61b),e (62b), em que, por meio da glosa, pode-se confirmar que, no PB, como no italiano, a ordem VS pressupõe uma interpretação dêitica associada ao estado de coisas descrito pelo predicado:

(60) a. Entrou Dante

*Dante entrou (aqui /nesse lugar)*

b. Dante entrou

*Dante entrou (em algum lugar)*

(61) a. Morreu Fellini

*Fellini acabou de morrer*

*(Eu acabei de ouvir que Fellini morreu)*

b. Fellini morreu

*(Fellini morreu (há algum tempo))*

(62) a. Telefonou Beatriz

*(Beatriz ligou (aqui, para este lugar))*

b. Beatriz telefonou.

*(Beatriz ligou (para algum lugar, fez telefonemas))*

Com a interpretação obtida nas orações em (60a), (61a) e (62a), a autora mostra que as orações com ordem VS são interpretadas como se apresentassem um elemento de referência locativa ou temporal com interpretação dêitica. Sem dúvida, a mesma análise pode ser adotada para as orações com inversão locativa do PB.

Um outro argumento a favor de que o PP das orações com inversão locativa pode ser fonologicamente nulo, foi apresentada na seção A, em que Bresnan (1994) mostra que são possíveis orações com inversão locativa ocorram sem o PP inicial, tanto

no inglês quanto no chichewa, quando a interpretação desse elemento puder ser facilmente identificada no contexto discursivo.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio defendida tanto por Bresnan (1994), quanto por Pinto (1997), defenderei que, além dos casos discutidos até o momento, também as orações com ordem VOS do PB, proferidas em narrações concomitantes, podem ser analisadas como tendo estruturas semelhante a inversão locativa, mas que, devido ao contexto discursivo em que ocorrem, não apresentam obrigatoriamente um PP em posição inicial.

Três argumentos levam à formulação desse tipo de análise: (i) o primeiro é o fato de que, como constatado na seção 3.1 deste Capítulo, essas orações também podem ser interpretadas como orações com foco identificacional; (ii) o segundo é que o contexto discursivo dessas orações deixa evidente que a interpretação do PP locativo é dêitica, pois essas orações descrevem eventos que ocorrem quase concomitantemente à narração, por isso não é necessário que o emissor deixe explícito, ou seja, que expresse verbalmente seja o local (que é o campo de futebol), seja o momento em que os fatos estão ocorrendo (pois é a narração é concomitante); e (iii) o terceiro argumento é que pode ser atribuída às orações que ocorrem em contextos previsíveis a mesma interpretação dêitica das orações em (60a), (61a) e (62a) acima. Observemos o comportamento das orações em (63):

(63) a. (Agora) ergue o braço o juiz.

b. (Nesse momento) pega a bola o goleiro do Flamengo.

Como se pode perceber, a presença de um elemento locativo na posição inicial não altera a interpretação das sentenças nem interfere na sua gramaticalidade. As orações



com ordem VOS, portanto, também serão analisadas como inversões locativas. Na seção 3.3 será apresentada uma análise para explicar a derivação desse tipo de oração, principalmente em relação à estrutura do predicado formado por *verbo* e *objeto*.

### **Resumo da seção 3.2**

Na presente seção foram apresentadas as características sintáticas e semânticas das orações denominadas “*inversões locativas*”. O objetivo principal da seção era o de confirmar ou refutar a hipótese de que as orações com ordem (PP)VS do PB eram/ são inversões locativas. Para o levantamento das características desse tipo de oração, foram apresentados os estudos de Bresnan & Kanerva (1989), Bresnan (1994), Levin & Rappaport (1995) e de Pinto (1997). Com a comparação das características das inversões locativas apresentadas nos estudos acima com as das orações do tipo (PP)VS do PB e também com as orações do tipo VOS, a hipótese de que essas orações são também inversões locativas foi confirmada. A seguir, apresentamos um resumo das características das inversões locativas, apresentados nesta seção:

- As inversões locativas estabelecem relações de predicação entre um elemento locativo/ temporal e o predicado da oração.
- O licenciamento de inversões locativas está diretamente relacionado às propriedades lexicais dos verbos em relação à seleção ou não de elementos locativos ou temporais.
- A posição sintática que o elemento locativo ocupará e os efeitos sintáticos resultantes da posição sintática estão relacionados à forma categorial com a qual a língua lexicaliza os elementos com referência locativa ou temporal.

- O elemento locativo ou temporal pode ser nulo, desde que seu significado seja facilmente recuperado na situação discursiva.
- O elemento locativo deve estar presente na situação discursiva anterior, ou seja, é um elemento com pressuposição de existência. Por isso, em certos contextos podem ser representados por elementos fonologicamente nulos.

O exame dos dados do PB, em relação às propriedades citadas, permitiu confirmar a hipótese de que as orações com ordem (PP)VS dessa língua podem ser analisadas como construções do tipo *inversões locativas*. Na seção a seguir, será apresentada a proposta da tese para explicar a derivação dessas orações no PB.

### **3.3 Derivando as orações com ordem VS do PB**

A proposta apresentada nessa seção se baseia nas constatações apresentadas nas seções 3.1 e 3.2. As idéias defendidas nessas seções em relação às orações com ordem (PP)V(O)S do PB são, respectivamente:

- a) são orações com foco identificacional;
- b) são orações que se enquadram num fenômeno sintático denominado “inversão locativa” e apresentam as seguintes características:
  - b1) apresentam a ordem (PP)V(O)S
  - b2) o elemento locativo/temporal (Loc) pré-verbal é um elemento referencial, ou seja, tem denotação definida;

- b3) o elemento locativo/temporal (Loc) pré-verbal apresenta certas características de DPs em posição de sujeitos (possivelmente ocorrendo em Spec de TP)<sup>34</sup>);
- b4) os traços semânticos do verbo são importantes para a ocorrência da ordem (PP)V(O)S, pois Loc tem de apresentar propriedades semânticas compatíveis com esses traços semânticos;
- b5) orações (PP)V(O)S podem ocorrer com verbos inacusativos, inergativos e transitivos;
- b6) o elemento Loc pode ser fonologicamente manifesto ou não;
- b7) quando o Loc for fonologicamente nulo, pode receber interpretação dêitica ou anafórica;

Para explicar os fenômenos lingüísticos acima, partiremos das seguintes hipóteses:

- i) a codificação de foco é um fenômeno estritamente sintático ligado aos seguintes ASPECTOS: as diferentes formas apresentadas pelas línguas para a codificação de foco estão ligadas a características das próprias línguas tais como: possibilidades de movimento do verbo, relações de escopo (c-comando), categorização sintática de informações lexicais e formas de atribuição de Caso.
- ii) ASPECTOS SEMÂNTICOS E RELAÇÕES DE ESCOPO: a interpretação das orações em relação ao tipo de foco (se informacional ou se identificacional) também é o resultado de um processo sintático. As

---

<sup>34</sup> Assumirei que a posição do elemento locativo é Spec de TP, porque defendo a idéia de que esse elemento ocupa uma posição típica de sujeitos pré-verbais no PB. Não serão discutidas hipóteses que defendem outras posições para os sujeitos pré-verbais no PB, como Kato (2000), Galves (1993) e Galves (2001), com as respectivas referências.

orações com ordem (PP)VS são interpretadas como contendo foco identificacional (ou, como também são denominadas, orações apresentativas ou com interpretação de lista). Como será argumentado a seguir, essa interpretação ocorre pelo fato de haver um elemento de natureza locativa ou temporal na posição de sujeito da sentença.

No início do Capítulo 3, seção 3.1, foi demonstrado que a configuração de (PP)V(O)S corresponde à interpretação de foco identificacional. O fato de o licenciamento das estruturas com essa ordem depender da interação de um conjunto de fatores (pragmáticos, como a referência prévia a um dado local) explica o caráter restritivo da variação da ordem na língua e também revela o caráter configuracional da codificação de foco. A seção 3.3.1 apresenta uma análise das características sintáticas do PB e a seção 3.3.2 traz as derivações de orações com ordem (PP)V(O)S.

### **3.3.1 Levantamento de características sintáticas do PB**

Para explicar a sintaxe das orações (PP)V(O)S no PB, é necessário responder a cinco questões básicas:

- A) Qual a posição ocupada pelo verbo nessas orações?
- B) Qual a posição ocupada pelo elemento pós-verbal?
- C) Qual é o estatuto sintático e semântico de Loc em relação ao verbo?
- D) Qual a posição ocupada por Loc?
- E) Como é atribuída a interpretação de foco identificacional para a sentença?

Essas questões serão respondidas nos itens de *A* a *E* a seguir

### **A) A posição do verbo em orações finitas no PB e nas inversões locativas**

Como mostram Figueiredo e Silva (1996), Galves (2001) entre outros, no PB o verbo (i) se movimenta até a altura de T na sintaxe manifesta (e não em forma lógica)<sup>35</sup> e (ii) não vai para C, ou seja, pára em T. Entre os argumentos usados para corroborar as afirmações em (i) e (ii), citamos os exemplos em (64), (65) e (66).

#### **Argumento a favor do verbo em T no PB**

- (64) a.\*O João completamente acabou seu trabalho. (cf. Galves, 2001:109)  
b. O João acabou completamente seu trabalho.

Galves (2001), nos testes acima, parte do pressuposto de que advérbios de modo são gerados numa posição de adjunção a V. Com o comportamento das orações em (64a), em que a oração é agramatical se o verbo ocorrer antes do advérbio, e gramatical se o verbo ocorrer acima do advérbio (64b), a autora constata que o verbo tem de ocorrer numa posição acima de V, provavelmente em T (tempo).

Em relação à afirmação de que em PB o verbo não vai para C, pára em T, repetiremos os dados apresentados no Capítulo 1, exemplos (65) e (66) retirados de Figueiredo & Silva (1996)<sup>36</sup>. A autora compara construções no subjuntivo no PB e no italiano. O italiano admite opcionalmente o apagamento do complementador (65). Tal apagamento se torna obrigatório se o auxiliar precede o sujeito (66):

---

<sup>35</sup> A discussão relevante no momento é se V vai para T e depois para C ou se o V pára em T no PB, não discutiremos nesta tese se TP no PB deve ser subdividido ou não. Sobre propostas relativas à cisão de TP cf. Pollock (1989), Belletti (1990), Galves (1993), Figueiredo & Silva (1996), Galves (2001).

<sup>36</sup> Outros trabalhos também analisam e demonstram a perda do movimento do verbo para C em PB, entre eles citamos Torres Morais (1996), Lopes Rossi (1996).

### **Argumento a favor de o verbo parar em T no PB (não ir até C)**

- (65) a. Speravo (che) tu fossi disposto ad aiutarci.  
b. Speravo (\*che) fossi tu disposto ad aiutarci.
- (66) a. Eu esperava \*(que) você tivesse disposto a ajudar a gente.  
b. \*Eu esperava (que) estivesse você disposto a ajudar a gente.

A oração do exemplo (65b) é agramatical no italiano porque, quando o verbo auxiliar precede o sujeito da oração encaixada, deve ocorrer obrigatoriamente o apagamento do complementador C. Esse apagamento se explica por que o verbo sobe exatamente para a posição C e é de lá que, de acordo com a análise de Figueiredo Silva, atribui Caso nominativo ao sujeito, numa relação de regência. Dado o julgamento de agramaticalidade de (66b), a conclusão da autora para o PB é que não há atribuição de Caso sob regência e tampouco movimento do verbo de I para C.

Em resumo, se como demonstrado acima, em orações finitas do PB, o verbo está em T, afirmaremos que nas inversões locativas o verbo também está em T (ou inversamente, não é alçado para C). Aceitando a hipótese de que o verbo está em T, a única posição disponível para argumentos verbais selecionados tematicamente é uma posição abaixo de TP, se em orações com ordem VS o verbo pára em T, o S está numa posição mais baixa. Uma possibilidade lógica é que ele fique sob o domínio de vP. A posição precisa do sujeito pós-verbal dependerá também do tipo de verbo: se inacusativo, inergativo ou transitivo.

A afirmação de que o sujeito está numa posição abaixo de T responde à pergunta número (2) sobre a posição ocupada pelos argumentos pós-verbais das inversões locativas (especialmente o sujeito). A resposta é o sujeito está possivelmente

dentro do domínio de *vP*. Sua posição exata vai depender da estrutura argumental do verbo. Se o verbo for inergativo ou transitivo o sujeito ficará numa posição de Spec de *vP*, se for o argumento de um verbo inacusativo ficará no Spec de VP. Inevitavelmente, surge outra questão (2.1): Como o argumento pós-verbal recebe Caso? A resposta que daremos segue Chomsky (2001): o Spec de TP é preenchido por Loc, que é defectivo em relação a traços-*phi*, por causa disso, T não pode atribuir Caso a Loc (e nem poderia já que Loc geralmente é um sintagma preposicionado) e irá procurar em seu domínio DPs com os quais possa checar seus traços não interpretáveis, por meio de uma relação de *probe-goal*. Uma questão em relação a essa proposta que fica em aberto é o que força elemento locativo ir para o Spec de TP (ou movimento ou por fusão *merge*)? Tentaremos dar uma resposta a essa questão na seção 3.4. Maiores detalhes em relação à implementação dessa proposta serão exemplificados a seguir para cada tipo de verbo.

Passemos à terceira questão:

### **C) Qual é o estatuto sintático e semântico de Loc em relação ao verbo?**

A análise de Pinto (1997) defende que os elementos locativos ou temporais das inversões estilísticas são argumentos verbais. Essa afirmação é problemática, e é relativizada pela autora que afirma que é difícil postular que verbo com o *telefonar* selecione elementos dessa natureza. Para minimizar o problema, a autora afirma que o que é obrigatório nas inversões locativas é a existência de uma relação temática entre o verbo e o elemento locativo. Como se dá essa relação temática em relação a esse tipo de verbo não é explicado pela autora.

O presente trabalho defende, diferentemente de Pinto (1997), que os elementos locativo/ temporal não precisam ser argumentos verbais, mas estão presentes ou no

domínio de VP ou na numeração da oração.<sup>37</sup> Essa presença é garantida pelo contexto em que são usadas as orações com inversão locativa – em que, como foi demonstrado na seção 3.1, identifica-se o foco identificacional, sendo essa leitura crucialmente obtida mediante a presença de um elemento dêitico. Em outras palavras, um elemento lingüístico de natureza semântica indexical, que participa da realização sintática da leitura de foco identificacional. O exemplo (33B), repetido abaixo, com a mesma numeração, mostra que as inversões locativas só podem ocorrer (com verbos que não selecionam elementos locativos) se esse elemento locativo estiver licenciado pelo contexto discursivo.<sup>38</sup>

- (33) A: Estou procurando minha amiga Rose.  
B: #Entre os convidados de honra estava sentada Rose.  
C: Rose estava sentada entre os convidados de honra.

Nos casos em que não há um PP manifesto, adotarei a hipótese de que há um elemento pronominal (pro<sup>loc</sup>), com referência locativa na posição pré-verbal.

#### **D) A posição ocupada por Loc**

Para que possa propor uma análise para as orações com ordem VS, é preciso saber se Loc ocupa uma posição de sujeito na frase ou não. Se puder, Loc possivelmente

---

<sup>37</sup> Como defendemos que as inversões locativas ocorrem em contextos em que o elemento locativo já foi licenciado no discurso e, portanto, possui denotação definida, mesmo que ele seja um adjunto do verbo, ele está presente na numeração da sentença.

<sup>38</sup> De acordo com Cappelen & Lepore (2005), e seguindo o trabalho seminal de Kaplan *Demonstratives*, elementos *indexicais* são: pronomes pessoais (*eu, tu, ele*), pronomes demonstrativos (*este, aquele*), advérbios como *ontem, amanhã*, adjetivos como *atual*, e elementos que indicam tempo ou têm sua referência assim determinada. Para esses autores, trata-se do chamado *conjunto básico de expressões sensíveis ao contexto*, ou, como eles defendem, o conjunto das expressões genuinamente sensíveis ao contexto.



estará em Spec de TP ou em uma posição em CP. Na seção 3.2 vimos vários testes que sugerem que Loc pode ocupar Spec TP no PB. Agora, veremos outro teste comumente aplicado para constatar a presença do sujeito na sentença em casos em que o DP ocorre em posição pós-verbal que é o controle de expressões adjuntas, como em (67) (retirado de Galves (1998:28, ex 32 e 33)):<sup>39</sup>

- (67) a. A revista foi xerocada para ganhar tempo.  
b. \*A revista xerocou pra ganhar tempo.

Como se pode atestar, a oração em (67b) não pode ocorrer com o adjunto *para ganhar tempo*, diferentemente de (67a), em que pode se inferir que “alguém vai ganhar tempo”.

Vejamos o comportamento de inversões locativas com expressões que necessitam de ser controladas pelo sujeito:

- (68) a. A Maria<sub>i</sub> dorme ali porque <sub>i</sub>quer .  
b. \*Ali dorme a Maria<sub>i</sub> porque <sub>i</sub>quer.  
c. O ministro<sub>i</sub> tomou posse hoje para <sub>i</sub>ganhar tempo.  
d. \*Hoje tomou posse o ministro para <sub>i</sub>ganhar tempo.

- (69) a. Nessa chácara é que eu acho que o bando de lampião **dormia, para descansar.**

---

<sup>39</sup> Este teste foi usado por Galves (1998) como forma de constatar se a posição argumento externo do verbo (Spec TP) estava projetada. No presente trabalho, o teste é usado para demonstrar que a posição de Spec TP não é preenchida pelo sujeito temático do verbo.

b. ??Nessa chácara é que eu acho que **dormia o bando de lampião, para descansar.**

Como se pode verificar pelo comportamento das orações em (68) e (69), assumiremos que Loc ocupa uma posição típica de sujeitos no PB, a qual assumimos sem maiores discussões que é Spec de TP. Na seção 3.4 a seguir traremos algumas análises sobre os sujeitos pós-verbais no PB

### **E) A interpretação de foco identificacional**

Como defendido nas seções anteriores, o PB licencia o preenchimento de Spec de TP por categorias que não são necessariamente o sujeito temático do verbo da oração. No caso das inversões locativas, por exemplo, Loc pode preencher o Spec de TP. Com a presença de Loc no Spec de TP, ele passa a ser interpretado como o “sujeito” da relação de predicação apresentada na oração.<sup>40</sup> Ou seja, um sujeito sintaticamente licenciado pela oração, mas que não é o sujeito tematicamente selecionado pelo verbo.

Com Loc sendo o sujeito sintático da predicação, e ocupando a posição mais alta da oração, ele comanda a oração. Dessa relação sintática é que surge o foco identificacional, característico das inversões locativas. Em outras palavras, foco

---

<sup>40</sup> O termo “predicação” usado nesse momento do trabalho não é equivalente ao termo usado na Teoria Temática em que a estrutura argumental é determinada por predicados. Ou seja, dentro dessa teoria, do ponto de vista predicacional, um predicado como *comprar* tem a estrutura predicacional/argumental (i):

(i) Comprar <x, y>

Do ponto de vista da teoria temática, isso corresponde a:

Comprar [agente, tema]

Talvez uma teoria mais adequada para expressar o que está sendo considerado predicação nessa parte do trabalho possa ter mais relação com as propriedades de adjuntos, tratados como predicados de eventos pelo menos na abordagem Davidsoniana desenvolvida por Terrence Parsons (1990). Não aprofundaremos nesse trabalho esse tipo de abordagem semântica.

identificacional é o resultado da presença de um elemento com referência locativa ou temporal no Spec de TP com escopo sobre o resto da oração. Um argumento a favor de (i) Loc ser o sujeito sintático da predicação da sentença e (ii) de que é o elemento pós-verbal que recebe a interpretação de foco é o comportamento das orações em (70)-(73), obtidos pela aplicação do teste com a expressão *e não* (adaptado de Bresnan (1994)).

(70) Painel pendura no muro, e não pintura.

Painel pendura no muro, e não em cavalete

(71) No muro penduram painéis, e não pinturas

??No muro penduram painéis, e não em cavaletes

(72) a. A Maria mora ali, e não a Joana.

b. A Maria mora ali, e não na casa ao lado.

(73) a. Ali mora a Maria, e não a Joana.

b.??Ali mora a Maria, e não na casa ao lado.

Como se pode perceber, nas orações em que há inversão locativa como (70) e (72), só pode receber interpretação de foco contrastivo (ou seja, ocorre na oração *e não...*) o foco da sentença, que é o DP pós-verbal, nesse caso *A Maria*. Os julgamentos de inadequação (??) atribuídos às orações (71) e (73) acima são para contextos em que não há pausa depois do elemento pré-verbal nem entoação forte sobre o PP pré-verbal e sobre constituinte focalizado pela expressão *e não*, como em (74), que julgamos gramatical, mas com estrutura diferente da das inversões locativas.

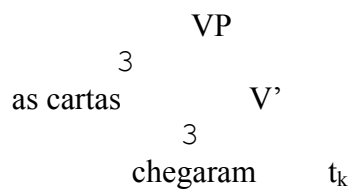
(74) ALI mora a Maria, e NÃO NA CASA AO LADO.

### 3.3.2 Derivações de orações com ordem PPV(O)S

#### 3.3.2.1 Possibilidades de ordenação com verbos inacusativos

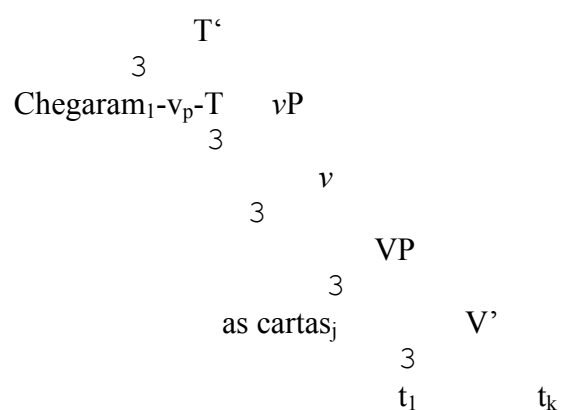
(75) Aqui /pro<sup>loc</sup> chegaram as cartas

(76)

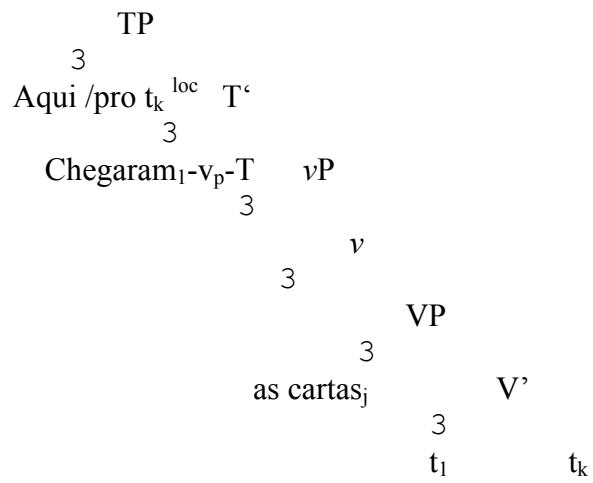


Inserção de vP e de T

(77)

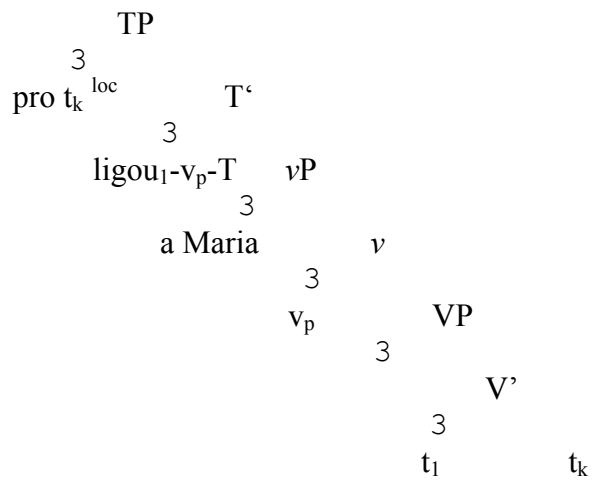


(78)



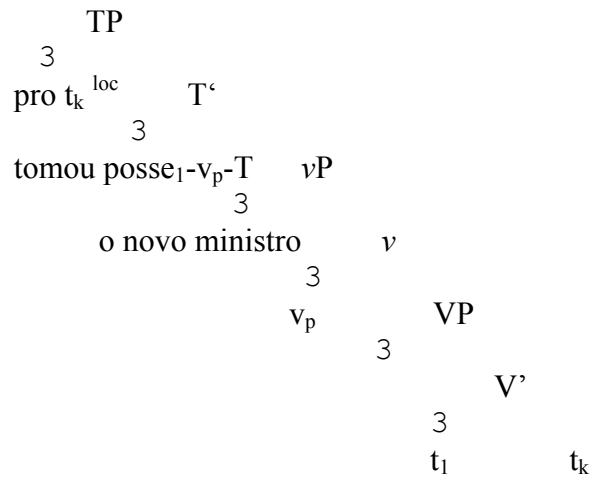
### 3.3.2.2 Derivação com verbos inergativos

(79) *Hoje ligou a Maria, / pro<sup>loc</sup> ligou a Maria*



**3.3.2.3** Possibilidades de ordenação com verbos transitivos (em narrações concomitantes ou em orações com verbos leves)

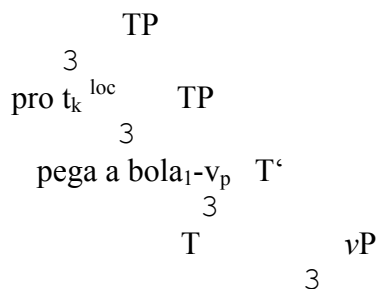
(80a) Hoje?/ *pro*<sup>loc</sup> tomou posse o novo ministro

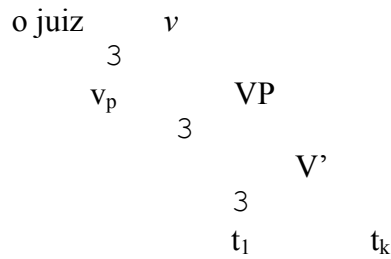


Na oração em (80), o objeto não parece receber Caso Acusativo, pois *tomar posse* temos um caso de verbo-leve (o VP entra na numeração como uma expressão idiomática), (vide seção 1.6 do Capítulo 1) e o objeto, por ser um quase-argumento, está incorporado a V, o complexo [V + O] irá para  $\nu$ , depois para T.

No caso de orações com predicados previsíveis das narrações concomitantes como em *Pega a bola o juiz* são possíveis duas análises: a) uma em que ocorre incorporação do objeto ao verbo, e essa incorporação seria motivada pela situação discursiva especial, e a derivação seria como a de (80a) e outra b) em que há o alçamento do VP para o campo de TP. A derivação nesse último caso seria como (80b):

(80b)

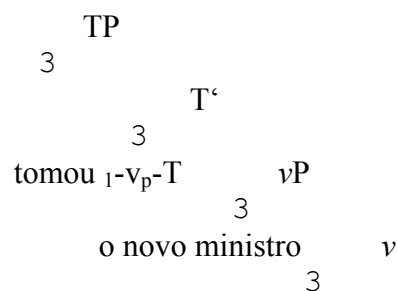




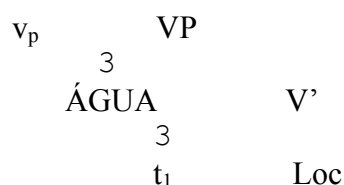
No caso de (80b), todo o VP é alçado para TP, um caso de alçamento de VP remanescente (à la Kayne e Pollock, 2001, como desmostrado no Capítulo 2 da tese, seção 2.1.3). Com esse tipo de movimento é possível a derivação da ordem VOS. A motivação para o alçamento de VP também pode estar relacionada à situação discursiva em que a oração é proferida. A análise de qual das derivações (80a) ou (80b) é mais adequada para as narrações concomitantes do o PB será deixada para trabalhos futuros<sup>41</sup>.

Demais verbos transitivos não podem apresentar inversões locativas por uma razão sintática: o objeto recebe Caso Acusativo dentro do vP, e bloqueia a possível relação de *probe-goal* entre T e Loc (como se fosse uma forma de Restrição de Intervenção, ver Cap. 1 seção 1.4). A derivação em (80c) ilustra essa impossibilidade:

(80c) \*Tomou água o novo ministro



<sup>41</sup> Agradeço a Galves (c.p) pela lembrança da possibilidade de derivação de narrações concomitantes como casos de movimento de VP remanescente.



O que ocorre numa oração como (80b) *\*Tomou água o novo ministro* é que pelo fato de o DP água receber Caso Acusativo, ele bloqueia a relação de *probe-goal* entre T e Loc. O único elemento visível para T será, portanto, o sujeito da sentença *O novo ministro*.

Na seção seguinte, mostraremos que a análise ora apresentada vai ao encontro das características sintáticas do PB atual e também pode ser implementada dentro de propostas teóricas que tentam explicar a posição do sujeito nessa língua.

### 3.3.3 Estudos sobre a posição de sujeito no português do Brasil

A seguir apresentaremos um breve panorama das análises que têm sido desenvolvidas sobre os sujeitos em posição pré-verbal para o PB Brasil. O objetivo da seção é fazer uma revisão sucinta de alguns estudos e mostrar que as características apontadas para as orações com inversão locativa no PB seguem as características atestadas por esses estudos para a gramática atual da língua.

Vários estudos (cf. Pontes (1987) e Duarte (1993, 1995) entre outros) têm demonstrado que o PB vem perdendo características como licenciamento de sujeitos referenciais nulos e possibilidades de ordem VS.

Entre os trabalhos pioneiros na identificação das mudanças por que passa o PB há o de Pontes (1987) e de Duarte (1993) e (1995). Pontes (1987) revela que o PB atual apresenta uma tendência a orações com deslocamentos à esquerda, ou seja, orações com



elementos focalizados. Há diferentes tipos de estruturas de topicalização na língua. Há estruturas de topicalização em que há uma categoria vazia, no interior da sentença (81a), há casos de deslocamento à esquerda em que no interior da sentença fica um pronome cópia correferente ao elemento topicalizado (81b) e há as construções de tópico sujeito (cf. Galves, 1998) em que o tópico é reanalisado como sujeito como em (81c) (exemplos retirados de Galves 1998:21, ex. 12).

(81) a. Nesta casa, bate muito sol.

b. Esta casa, bate muito sol nela.

c. Esta casa bate muito sol.

Em relação ao paradigma de flexão verbal, Duarte (1993), num estudo diacrônico sobre o PB, atesta que a língua sofreu uma mudança no paradigma verbal, ao perder os pronomes de segunda pessoa.

Duarte (1995) relaciona a perda da flexão à perda da possibilidade de licenciamento de sujeitos nulos referenciais no BP (82) e conseqüentemente ao aparecimento de orações com elementos deslocados à esquerda (DE) (seguindo Pontes 1997).

O raciocínio da autora é o seguinte: nas línguas de sujeito nulo a flexão verbal é considerada responsável pela identificação da categoria vazia de sujeito (cf. Chomsky 1981). O PB vem perdendo a riqueza de sua morfologia de flexão, portanto, vem perdendo também a possibilidade de licenciar sujeitos nulos referenciais.

A autora ressalta, no entanto, que essa perda não está concluída. Pois, ainda ocorrem pronomes nulos expletivos ou referenciais em contextos específicos. Em relação à permanência de sujeitos nulos na língua, Duarte afirma (p:121):

“[que] o PB falado hoje também apresenta um sistema defectivo de sujeitos nulos é inegável. A única desinência distintiva – a da primeira pessoa do singular – já perde força na identificação do sujeito nulo, mas ainda opera. Enquanto isso, resiste mais bravamente a terceira pessoa, que se apóia na referência sempre buscada num elemento fora da sentença em que o sujeito nulo ocorre.”

Entre contextos em que os sujeitos do tipo nulos referenciais (*pro*) ainda ocorrem no PB, segundo Duarte, estão as construções com verbos inacusativos, existenciais, apresentativos e formas passivas como as em (82) (*op.cit.* p: 37 ex. (1)):

- (82) a. **pro**<sup>expl</sup> existe [uma parcela da população] que não tem acesso às informações, né?
- b. Ela não ficou solteira porque não **pro**<sup>expl</sup> apareceu [pretendente].
- c. Daí **pro**<sup>expl</sup> foi desenvolvida [essa técnica da hibridização].

Mas, para Duarte, esse tipo de pronome expletivo só ocorre quando a oração apresenta um caráter apresentativo. Para a autora (p:37), “quando essas estruturas perdem o caráter apresentativo, seu argumento interno é alçado à posição do argumento externo e elas passam normalmente a se construir com o sujeito pronome referencial”, como em (83a,b) (grifos no original):

(83) a. **Essas queixas<sub>i</sub>, elas<sub>i</sub>** existem, é claro

b. **Ele<sub>i</sub>** é muito interessante, **o Edifício Barão de Lucena<sub>i</sub>**.

Em relação a orações com o verbo *ser*, a autora atesta que é possível haver no PB, além de sujeito nulo referencial e sujeito nulo expletivo, um sujeito nulo com valor dêitico, cujo referente é todo o contexto no discurso, como em (84a,b) (*op. cit.* p.38, ex 3a-b):

(84) a O Japão é um outro mundo. **pro** É uma cultura completamente diferente

b. **pro** Foram dramas terríveis, minhas amigas e meus amigos, que a história um dia ainda vai conhecer.

Os estudos de Pontes (1987) e Duarte (1993), (1995) apontam para uma mudança gramatical na língua. Essa mudança está associada a uma nova gramática que apresenta as seguintes características: (i) a presença de elementos à esquerda, ou elementos topicalizados e (ii) enfraquecimento dos morfemas de flexão verbal e conseqüentemente tendência ao maior preenchimento da posição de sujeito.

Várias propostas têm sido apresentadas na literatura gerativista para explicar os fatos levantados pelos estudos acima, em que foram constatadas mudanças na gramática da língua. Paradoxalmente ao mesmo tempo em que é necessário explicar a perda do sujeito nulo os estudos têm de explicar a permanência dos sujeitos nulos não referenciais como os em (84) e (83) acima.

Apresentaremos brevemente quatro propostas teóricas que tentam explicar as características atuais da gramática do PB: (1) Análise em que Agr é considerado um morfema independente em línguas de sujeito nulo, de Kato (1999), (2000); (2) Análise em que a perda dos morfemas de flexão é relacionada ao fato de o PB estar se tornando língua de tópico (ou voltada para o discurso), de Negrão 1999 (3) Análise da perda da identificação da categoria Pessoa na língua, de Galves (1998), (2001) e de Costa & Galves (2002) e (4) Análise do preenchimento de Spec TP, por elementos com denotação de entidade de Lobato (2002)

A proposta defendida por Kato (1999, 2000) é a de que, em línguas de sujeito nulo, os afixos de concordância (Agr) são uma categoria independente do verbo, na numeração.<sup>42</sup> Para a autora, esses afixos são determinantes, assim como os pronomes livres e os clíticos, e têm, portanto, traços-phi e Caso Nominativo. Na derivação de orações com ordem VS em línguas de sujeito nulo, esse afixo de concordância é concatenado ao verbo, como seu argumento, dentro do VP. Por ser um elemento de caráter afixal, quando o verbo se move para T “[o] afixo de concordância atua como o próprio sujeito, dispensando o sujeito lexical.” (cf. Kato 2000:111). Em outras palavras, da posição de termo adjungido a V, Agr checa o traço EPP de T e seu próprio traço de Caso. Com a checagem do traço EPP de T por Agr, o Spec de T não é projetado.

Para Kato, nas línguas de sujeito nulo, quando aparece um DP ou um pronome forte com aparência de sujeito, esse termo é analisado como um argumento externo a TP, e o afixo passa a ser analisado como um resumptivo. Pelo fato de a maioria

---

<sup>42</sup> Silva (2004) segue a proposta de Kato (1999) e defende que a configuração VS do PB não tem relação com a codificação de foco.

defender que Agr pode checar os traços de  $\Phi$  e de Caso Nominativo T, o DP sujeito receberá Caso Nominativo "*default*" *in-situ*.<sup>43</sup>

Em resumo, segundo Kato (1999), (2000), nas línguas de sujeito nulo, Agr é um pronome resumptivo e clítico, e sujeitos manifestos, em línguas de sujeito nulo, são DPs deslocados à esquerda, com Caso *default*.

A proposta de Kato (2000) para o PB é que devido ao enfraquecimento nos padrões de concordância verbal, a língua deixou de ter afixos verbais independentes com propriedades pronominais, como ocorre nas línguas de sujeito nulo, e passou a adotar pronomes fracos livres. A consequência dessa mudança é a de que o Spec de TP passou a ser obrigatoriamente projetado para que um pronome ou um DP possa checar os traços de Caso Nominativo e traços  $\Phi$  do verbo. Uma consequência direta da proposta é que o PB deveria apresentar sempre sujeitos manifestos em posição pré-verbal. Mas a autora afirma que apesar de Agr não ser mais um afixo independente que o PB ainda licencia ordem VS com verbos, como em (85a,b):

- (85) a. Chegou muitas cartas  
b. Telefonou uns meninos

Para explicar casos como (85a) e (85b) em que ocorre ordem VS com verbos monoargumentais e sujeitos nulos não-referenciais, a autora afirma que o PB ainda

---

<sup>43</sup> Acrísio Pires (c.p, 2005.) coloca uma questão interessante em relação a esse Caso *default* que fica em aberto na proposta de Kato (1999), (2000): O que licencia esse Caso *default* e evita a existência de violações do Filtro de Caso na língua, como em abaixo (i)

(i) \*[Falar vocês dois] é importante.

mantém a terceira pessoa do singular como um afixo pronominal nulo. E é esse afixo que preenche o Spec de TP nessas orações.<sup>44</sup>

A análise de Kato, apesar de apresentar de forma elegante as propriedades das línguas de sujeito nulo, com a proposta de morfemas de concordância como itens lexicais independentes, possui dois pontos problemáticos. O primeiro é que os sujeitos pré-verbais, em línguas de sujeito nulo, nunca poderiam ocupar a posição de Spec de TP, deveriam estar sempre numa posição deslocada à esquerda. Mas, como mostram Costa (2001) e Costa & Galves (2002), análises que são categóricas em afirmar que o sujeito pré-verbal de línguas de sujeito nulo está numa posição periférica na sentença têm recebido diversas críticas, motivadas empiricamente. Entre os dados que levam os autores a criticar essas propostas está a obrigatoriedade de concordância com sujeitos pré-verbais, como em (86a,b) (cf. Costa, 2001, ex 17)

(86) a. Três pessoas chegaram.

b.\* Três pessoas chegou.

---

<sup>44</sup> Para explicar dados com sujeitos nulos expletivos ou com referência arbitrária, Rodrigues (2004:121), seguindo Kato (1999, 2000), propõe que no PB Agr perdeu sua independência sintática por perder seus traços de número e pessoa (traços  $\phi$ ), tornando-se defectivo em relação a esses traços. Mas, diferentemente de Kato (1999, 2000), Rodrigues (2004: 122) propõe que Agr continuou com seu traço D, capaz de satisfazer o traço EPP de T. Então, no PB o que ocorre nas orações existenciais é que quando V se adjunge a T, Agr satisfaz o traço EPP de T, mas, por ser  $\phi$  defectivo, Agr não pode deletar os traços  $\phi$  de T. Por isso é que a língua ainda licencia sujeitos nulos expletivos. Nos contextos em que há um sujeito referencial manifesto na posição pré-verbal, Rodrigues afirma que é necessário haver um item com traços  $\phi$  completos dentro do domínio de T para checar os traços  $\phi$  não interpretáveis de T. O problema que fica da análise da autora é: se Agr é capaz de checar o traço EPP de T, por que motivo a posição de Spec de T teria de ser projetada. T poderia checar seus traços  $\phi$ , com elementos sob seu domínio, numa relação de *Agree*, sem a necessidade de movimento (cf. Chomsky, 2001). Em outras palavras, com uma análise formulada nesses termos Outro problema da análise da autora é se Agr na língua, apesar de não possuir traços  $\phi$ , ainda checa o traço EPP de T como serão checados os traços  $\phi$  de T nas orações existenciais, em que não há sujeito manifesto. Ou será necessário a postulação que o T das orações existenciais e inacusativas é defectivo em relação a traços  $\phi$  (seguindo proposta como as de Ferreira (2000) e Viotti (2003), o que é problemático, pois não há motivação empírica para tais fatos porque não haveria argumento para afirmar porque somente orações com ordem VS ou existência seriam defectivas em relação aos traços  $\phi$ .

Segundo Costa (2001), a obrigatoriedade da concordância entre o sujeito pré-verbal e o verbo é o padrão esperado. Isso se assume que o sujeito pré-verbal se encontra em Spec TP. Se Spec TP é a posição associada com Caso Nominativo e assumindo que, pelo menos em PE, a concordância plena serve como diagnóstico para saber se há atribuição de Caso Nominativo, espera-se que haja concordância plena quando o sujeito é deslocado para a posição onde recebe Caso. Se o sujeito pré-verbal fosse deslocado à esquerda, o padrão de concordância deveria ser o mesmo tanto na posição pré-verbal quanto na posição pós-verbal, já que não é possível assumir que a construção de deslocamento à esquerda com clítico implica mudanças no padrão de concordância verbal.

Outro argumento contra o fato de sujeitos pré-verbais em PE estarem sempre deslocados à esquerda é o de Costa e Galves (2002, ex. 20). Ao analisarem o comportamento de sujeitos em orações condicionais sem complementador. Em orações subordinadas condicionais sem complementador, sempre ocorre a ordem verbo sujeito em PE, como em (87a,b). Esse tipo de inversão é tradicionalmente analisado como um caso de movimento do verbo para C.

(87) a. Tivesse o João ido ao Brasil.

b.\* João tivesse ido ao Brasil...

Se o sujeito estiver em Spec TP, a ordem de palavras em (87a) é a predita, uma vez que o movimento do verbo de T para C atravessará a posição do sujeito. Mas, se a posição para sujeitos pré-verbais for a de elemento deslocado à esquerda, a ordem da oração deveria ser (87b), uma vez que o sujeito estaria adjungido à esquerda de CP, surgindo assim antes da posição de C, que se encontra ocupada pelo verbo.

Uma análise que mostra que foram os traços de pessoa que foram perdidos pelos morfemas de concordância do PB é a de Galves (1994/2001)<sup>45</sup>. Segundo a autora, morfemas flexionais do PB perderam justamente a capacidade de identificar os traços de pessoa. Sendo assim, a perda dos morfemas verbais de 2ª pessoa e o uso de pronomes de tratamento, com verbos na 3ª e o conseqüente enfraquecimento do paradigma verbal da língua trouxeram ao PB não um problema de legitimação formal da morfologia de concordância e sim um problema de identificação das pessoas do discurso. Ou seja, morfemas de 3ª pessoa no PB perderam a propriedade de identificar os sujeitos temáticos do verbo.

A análise da autora para os morfemas do PB em relação aos traços pessoa e número apresenta o seguinte paradigma:

(88)

	traços	formas verbais
1ª do singular	+pessoa, - plural	canto
1ª do plural	+pessoa, + plural	cantamos
3ª do singular	-pessoa, + plural	cantam
3ª do plural	-pessoa, - plural	canta

Para a autora, o padrão acima “explica a falta de identificação referencial do sujeito nulo, já que não se pode considerar que os morfemas representados em (88) estejam funcionando como elementos pronominais capazes de substituir o sujeito pronominal”.

---

<sup>45</sup> O referido artigo foi originalmente publicado em *Letras de Hoje, Porto Alegre, 1994, pp.35-58, vol.96* e depois em versão revisada em Galves (2001) em *Ensaaios sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, no Capítulo 06. Estamos usando a segunda versão.



Em análises mais recentes sobre as características do PB, Galves (1998) reinterpreta a perda da identificação do traço de pessoa sofrida pelos pronomes de terceira pessoa no PB. Essa nova análise apresenta o mesmo tipo de intuição da análise de Galves (1994) de que as características do PB em relação à perda dos morfemas de concordância verbal e o fato de ter se tornado uma língua de tópico estão relacionados à impossibilidade da língua de identificar os traços de pessoa.

A questão da identificação de traços de pessoa no PB é na reinterpretada teoricamente, por Costa & Galves (2002). A proposta é a de que há uma categoria funcional que domina Tempo, denominada AgrSP. Os traços- $\phi$  de Pessoa são traços [- interpretáveis] e devem portanto ser verificados, ou pelo movimento de algum sintagma para Spec Pessoa ou por traços- $\phi$  movendo-se para Pessoa.

No caso do PB, para Costa & Galves (2002) Pessoa não tem nem traços V nem traços D, é uma categoria radicalmente vazia. Por esse motivo, os sujeitos em orações como (89) estão adjungidos à posição de AgrSP (cf. exemplo 34, de C&G, 2002)

- (89) a. O relógio estragou os ponteiros.  
b. Aquele carro furou os pneus.  
c. A mesa quebrou as pernas.  
d. A revista xerocou

A estrutura para orações como (90) seria

(90) [AgrSP DP<sub>i</sub> [AgrSP AgrS<sub>i</sub> [TP V-  $\phi$  [VP <sub>tv</sub> pro<sub>i</sub>]]]]

Ou seja, como no PB AgrsP tem um núcleo vazio e a posição de Spec vazia não licencia nem o movimento do verbo para PersP nem projeta a posição de especificador. Os sujeitos de orações como as de (90) estão adjungidos a AgrsP. A relação entre o elemento adjungido e a categoria pronominal (*pro*) no VP se dá pela coindexação entre o pronome e o elemento deslocado à esquerda.

Uma característica de orações com tópico-sujeito que a análise da autora consegue captar é a impossibilidade de as orações com tópicos sujeitos apresentarem sujeitos nulos com interpretação agentiva como revela o contraste entre (91a) e (91b):

- (91) a. A revista foi xerocada para ganhar tempo.  
b. \* A revista xerocou para ganhar tempo.

Para Galves & Costa (2002), a impossibilidade de interpretação de sujeito agentivo ocorre porque essas orações não projetam Spec TP. Por isso, os traços de V não são checados e ficam livres para identificar os traços do sujeito pré-verbal. Mas esse sujeito não pode estar em Spec AgrsP porque, se fosse esse o caso os traços do DP já estariam checados, e os traços de V ficariam sem ser checados, tornando a oração agramatical.

Com uma análise nesses termos, a autora pode explicar porque o PB ainda pode licenciar sujeitos nulos, com referência arbitrária. Seriam casos em que não haveria termo adjungido a AgrsP e que, por esse motivo, receberiam interpretação arbitrária. Seguindo o raciocínio dos autores, caso usássemos essa proposta para explicar orações com ordem VS com *pro* com referência dêitica seria necessário propor uma categoria AgrsP, com um tópico com referência locativa, nulo. Essa é uma análise que pode ter resultados promissores, mas testá-la foge aos objetivos da tese.

Uma outra análise para os fatos apontados por Pontes (1987) e por Duarte (1993) é a de Negrão (1999). Nesse trabalho, a autora propõe uma análise diferente para a mudança no sistema flexional do PB. Segundo a autora, as análises que defendem que essa mudança acarretará na impossibilidade de categorias vazias ocuparem a posição de sujeito. Para a autora a pobreza da flexão no PB não está diretamente relacionada ao desaparecimento de categorias vazias, ou à realização de pronomes plenos. Para Negrão, o PB é uma língua voltada para o discurso e, por causa desse fato, é que o sistema de marcas flexionais enfraqueceu-se. Para a autora, uma língua voltada para o discurso privilegia na constituição de suas sentenças a marcação da função informacional de seus constituintes, ou seja, funções como tópico do discurso ou foco, ou ainda, o escopo de sintagmas quantificados, em detrimento de correlacionar posições sintáticas à realização das relações temáticas de predicadores.

Em seu trabalho, Negrão identifica diversos contextos com pronomes nulos no PB, com referência anafórica relacionada a termos do discurso (92a,b):

(92) a. você e o pai chega a hora que quiser, tudo bem, cês são maiorzão  
(Negrão, 1999:33, ex (27))

b. Aí eles começaram a dançar, ir pra cá, vinha bem no finzinho da piscina, voltava (Negrão, 1999:36, ex (37))

Lobato (2002), ao analisar orações do PB como as em (93) levanta a hipótese de que o preenchimento da posição de Spec TP no PB não obedece a restrições de seleção temática, daí poder ser preenchido por diferentes elementos, desde que eles tenham sido selecionados dentro do domínio de T (exemplos (5 e 6) da autora).

- (93) a. A janela quebrou o vidro  
b. Este carro cabe muita gente.  
c. Esta casa venta muito.

A análise de Lobato (2002: 4) para os dados em (93) é a seguinte:

“Já que os sujeitos do PB sempre pertencem à estrutura argumental do predicado, mas não precisam ser argumentos inteiros, e podem ser um subconstituente do tema ou um locativo s-selecionado, então o PB não leva em conta o traço de uma expressão nominal em VP para sua inserção numa posição de Spec”

Segundo a autora, o PB tem a característica de acessar o traço de denotação de entidade na numeração, no caso das expressões nominais. O Spec de TP pode ser preenchido por elementos com traço de denotação, desde que eles tenham sido selecionados dentro do domínio de T. Com essa análise Lobato explica o licenciamento de dados como (93). Apesar de o trabalho de Lobato apresentar uma análise original em relação à interpretação dos dados de tópico sujeito, a proposta da autora não dá detalhes de como poderia ser explicada a perda da preposição.

Com a revisão das análises sobre os fenômenos da mudança em curso no PB, essa seção teve o objetivo de traçar um panorama sobre as análises que tentam interpretar e explicar as características sintáticas atestadas no PB atual: enfraquecimento da morfologia verbal e presença de estruturas com topicalização. Com base na análise dessas pesquisas sobre os sujeitos no PB, podemos apresentar dois argumentos a favor de que nas inversões locativas é possível haver um pronome nulo, com referência locativa, ocupando o Spec de TP. A primeira é a de que todos os estudos concordam que, apesar da perda de morfologia flexional no verbo, a língua ainda admite sujeitos nulos, com referência arbitrária, expletiva ou dêitica. Isso leva à conclusão de que o PB

ainda licencia sujeitos nulos. O segundo é que, entre as estruturas de topicalização encontradas na língua, são encontradas construções em que a posição de sujeito é ocupada por um elemento locativo (93b). Esse tipo de comportamento da língua mostra que o Spec TP no PB não precisa ser necessariamente preenchido por elementos argumentais (cf. Lobato 2002), desde que tais elementos estejam abaixo de T. Em termos minimalistas, podemos afirmar que o traço que motiva o preenchimento de um elemento locativo/temporal para o Spec de TP no PB está relacionado à identificação do sujeito da “relação de predicação” a ser estabelecida no nível informacional.

A interpretação da tese para esses fatos é que nos casos em (93b) há a topicalização, que denota uma relação de predicação entre elemento em Spec de IP (ou o preenchimento de uma posição em que possam ficar os sujeitos das predicações das línguas voltadas para o discurso<sup>46</sup>) e o predicado da sentença, daí a necessidade verificada em PB de preencher o Spec de TP. Mas orações com ordem VS, com as propriedades de inversão locativa, são perfeitamente possíveis dentro desse sistema lingüístico, porque, como defendido anteriormente o elemento que ocupa essa posição pré-verbal tem referência dêitica ou anafórica, ou seja, é um elemento que pode ser interpretado como um tópico do discurso ou como o sujeito de uma relação de predicação do tipo tópico-comentário. Em outras palavras, nos casos de *inversão locativa*, um elemento pronominal nulo com referência dêitica ( $pro^{deit}$ ) pode preencher o Spec de IP. Com a presença de ( $pro^{deit}$ ) no Spec de IP, ele, o *pro*, passa a ser interpretado como o sujeito da relação de predicação apresentada na oração. Como o sujeito da oração passa a ser Loc esse elemento passa a c-comandar a oração e, dessa relação, surge o foco identificacional. Em outras palavras foco identificacional é o resultado da presença de Loc, um elemento com referência locativa, que tem estatuto de

---

<sup>46</sup> A relação de “predicação” mencionada na seção não tem a ver com a estrutura temática do verbo, mas com a estrutura informacional da sentença.

informação antiga, no Spec de TP. A interpretação de lista, decorre de uma relação gramatical em que esse tipo elemento tem escopo (c-comanda) sobre o resto da oração, que é a informação considerada nova no contexto.

### **3.4 Considerações finais**

O presente capítulo analisou as características de certos tipos de orações com ordem VS no PB. A argumentação apresentada defendeu que as orações com ordem VS no PB podem ser classificadas como *Inversões Locativas*. Essas orações têm como característica principal apresentar a ordem PPVS. Entre as características apresentadas por essas orações, verificamos que elas recebem foco identificacional (cf. Seção 3.1); podem ser classificadas como inversões locativas (cf. seção 3.2) e o elemento inicial dessas orações parece poder ocupar uma posição típica de sujeitos na língua, e, quando é fonologicamente nulo, pode ser interpretado como um pronome com referência dêitica ou anafórica. As idéias centrais da tese para a derivação das características sintático-semânticas das orações VS são (i) a codificação de foco é um fenômeno estritamente sintático: está ligada à seleção temática feita pelo predicado e às características das línguas em relação a fenômenos como possibilidades de movimento do verbo, categorização sintática de informações lexicais, e formas de atribuição de Caso; e (ii) a interpretação das orações em relação ao tipo de foco também é o resultado de um processo sintático. As orações com ordem PP(VS) são interpretadas como contendo foco identificacional (ou orações apresentativas ou com interpretação de lista) como consequência direta do fato de apresentarem um elemento de natureza locativa ou temporal na posição de sujeito da sentença. Por fim, estabelecemos uma comparação

entre a proposta da tese de que o PB licencia um pronome nulo com referência locativa na posição pré-verbal e as análises teóricas que tentam explicar as características da sintaxe do PB, tais como o enfraquecimento do sistema de concordância verbal (cf. Duarte, 1993, 1993, entre outros) e o aparecimento de estruturas de tópico (cf. Pontes, 1987). A conclusão a que se chegou foi a de que a proposta da tese para as orações com ordem VS no PB vai ao encontro das demais características sintáticas atestadas na língua.

## **CAPÍTULO 4**

### **CONCLUSÕES**

A presente pesquisa teve dois objetivos principais: (i) estudar as propriedades semânticas e sintáticas das orações declarativas com ordem Verbo-(Objeto)-Sujeito (V(O)S ou VS) do português do Brasil (PB), atestadas por Pilati (2002), e (ii) fazer uma proposta teórica para explicar as características sintáticas e semânticas encontradas.

Para atingir esses objetivos, a tese foi organizada em quatro Capítulos. O Capítulo 1 apresentou uma caracterização geral das orações com ordem VS no PB e trouxe um resumo dos principais conceitos teóricos do Programa Minimalista, de Chomsky (1995) e trabalhos subseqüentes. A primeira seção apresentou os resultados de estudos variacionistas sobre o tema (Lira, 1986; Pezatti, 1993; Coelho, 2000 e Alberton, 2001) e também fez a análise descritiva das orações com ordem V(O)S do PB. A segunda seção apresentou diferentes estudos, elaborados no âmbito da teoria da Gramática Gerativa, sobre a ordem VS no PB (Nascimento, 1984, Lobato, 1989, Kato & Tarallo, 1993/2003 e Figueiredo Silva, 1996). Os estudos foram analisados com o objetivo de identificar as contribuições de cada um sobre as características das orações com ordem VS apresentadas e as perguntas por eles respondidas ou lançadas.

No Capítulo 2 foram apresentadas e analisadas propostas explicativas sobre a ordem VS em outras línguas românicas, especificamente no francês e no italiano. Os objetivos gerais do Capítulo eram: (a) verificar semelhanças e diferenças entre as orações com ordem VS do PB e as de outras línguas românicas e (b) verificar a possibilidade de adoção das propostas teóricas apresentadas, como mecanismos sintáticos para explicar as orações com ordem VS no PB. O Capítulo analisou as propostas de Kayne & Pollock (2001), Belletti (2001, 2002, 2003), Pinto (1997) e Bissel



(2004). As conclusões desse Capítulo foram as de que as orações com ordem VS do PB não apresentavam as mesmas características sintáticas que as orações do francês denominadas *Inversões Estilísticas*. A comparação das orações com ordem VS do PB com as do italiano mostrou que há semelhanças entre as orações com ordem VS das duas línguas, quando proferidas em orações declarativas que não são repostas a perguntas QU- . Entre as semelhanças encontradas, podemos citar o licenciamento de orações com ordem VS em contextos de predicados previsíveis e as semelhanças dessas orações com construções denominadas *Inversões Locativas*. Apesar de as análises descritivas serem semelhantes, as propostas apresentadas por Belletti (2001, 2002, 2004), Pinto (1997) e Bissel (2004) apresentaram problemas tanto de natureza teórica quanto de natureza empírica. No Capítulo 3, é apresentada a proposta da tese para explicar os Casos de ordem VS no PB. A seção 3.1 dá prosseguimento à proposta de Nascimento (1984), segundo a qual as orações com ordem VS do PB codificam “interpretação de lista”. Com base nessa generalização descritiva, as orações com ordem VS no PB são classificadas como orações contendo um tipo especial de foco, denominado foco identificacional, com os traços de [+exaustividade, -contrastividade]. A bibliografia adotada para a análise apresentada se baseia basicamente em Kiss (1998) e Zubizarreta (1998). Na seção 3.2, é analisada a possibilidade de classificação das orações com ordem VS no PB como inversões locativas. Seguindo a descrição dos dados feita por Pilati (2004) e fazendo um paralelismo com a análise descritiva de Pinto (1997) e de Bresnan & Kanerva (1989), Bresnan (1994) e Levin & Rappaport (1995), a conclusão a que se chega é que é possível analisar as orações com ordem VS do PB como *Inversões Locativas*. A seção 3.3 reuniu os resultados obtidos nas seções 3.1 e 3.2 e mostrou a possibilidade de explicar as características sintáticas e semânticas das orações com ordem VS. A conclusão foi a de que os fatores que licenciam ou que

restringem as orações com ordem VS no PB são o resultado da confluência de fatores sintáticos e semânticos, e que são esses mesmos fatores que fazem emergir a interpretação de foco identificacional das orações com ordem VS no PB. A tese propõe e que a leitura de foco de uma dada oração *é um fenômeno configuracional*, nas línguas. A codificação de foco é um fenômeno estritamente sintático: está ligada à seleção temática feita pelo predicado e às características das línguas em relação a fenômenos como possibilidades de movimento do verbo, categorização sintática de informações lexicais, e formas de atribuição de Caso; e (ii) a interpretação das orações em relação ao tipo de foco também é o resultado de um processo sintático. O foco não é o resultado da leitura imposta por regras da interface fonética para a descrição estrutural gerada pelo sistema computacional (como postulado em diversos estudos), mas uma configuração determinada pelas propriedades morfossintáticas da língua em articulação com os princípios da gramática universal, que presidem às operações do sistema computacional. A última seção desse capítulo estabeleceu uma comparação entre a proposta apresentada e algumas análises sobre as características sintáticas do PB. Essa comparação reforçou a proposta de tese de que elementos locativos podem ocupar a posição de Spec de TP.

Em relação às perguntas colocadas no trabalho, a tese apresenta as seguintes respostas:

a) Como se pode propor um tratamento explicativo para a intuição de “interpretação de lista”, observada com verbos intransitivos, e verificar se essa intuição é pertinente para as orações com ordem VOS?

Como foi visto na Seção 3.1, essas orações podem ser interpretadas como configurações contendo foco identificacional.

b) Por que motivo certas orações com ordem VS só são licenciadas quando há elemento lexical à esquerda?

Vimos que a presença de um elemento locativo (nulo ou manifesto) à esquerda das orações VS é essencial para a derivação dessas orações. Certos verbos apresentam argumentos locativos, que precisam estar presentes na oração para que ela seja gramatical. Isso pode ocorrer tanto na ordem VS quanto na ordem SV, como em (i):

(i) ???A Maria mora.

\*Mora a Maria

c) O elemento lexical a esquerda ocupa que posição na derivação?

De acordo com os testes aplicados e com o fato de o PB licenciar elementos não argumentais na posição de sujeito, defendemos que não há contra-argumentos à afirmação de que o elemento à esquerda pode ocupar uma posição típica de sujeitos pré-verbais no PB.

d) Por que os verbos inacusativos são sempre gramaticais em construções com a ordem VS e os inergativos nem sempre?

Vimos que, por uma questão de traços lexicais, os verbos inacusativos são mais suscetíveis a ocorrer na ordem VS, mas também pode-se constatar que essa ordenação não é livre na língua. Ou seja, é uma ordem licenciada desde que certos fatores sejam respeitados.

e) O sujeito de orações com ordem VS deve ser classificado como foco ou tópico deslocado à direita?

De acordo com a análise dos dados, os sujeitos das orações com ordem VS apresentam características de elemento focalizado.

f) Por que certas orações com ordem VOS são possíveis e outras não? Em outras palavras: Quais as diferenças sintáticas na agramaticalidade de *\*Comeu o bolo o João* e a gramaticalidade de *Provocou surpresa a manutenção da taxa de juros em 16%*?

De acordo com a análise proposta, se o objeto direto receber Caso Acusativo, ele ficará congelado para outras operações sintáticas devido à Condição de Intervenção (cf. Chomsky, 2000) e bloqueará a relação de *probe-goal* entre T e Loc. Daí a oração *\*Comeu o bolo o João* ser agramatical. Já orações como *Provocou surpresa a manutenção da taxa de juros em 16%* são licenciadas por que têm no predicado um verbo leve, que estabelece uma relação especial como o objeto. Por isso esses predicados são analisados como incorporações (cf. Baker, 1988). A hipótese levantada na tese para a derivação de orações proferidas em situação de narração concomitante é a de que nesse caso há a elevação do VP remanescente para o campo de TP (nos moldes da proposta de Kayne & Pollock, 2001).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTON, C. 2001. *O português falado no Rio Grande do Sul: a ordem verbo-sujeito*. Passo Fundo: UFP. (Dissertações Letras, Linguística, 6)
- BAKER, Mark. 1988. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- BELLETTI, Adriana. 1990. *Generalized Verb Movement: aspects of verb syntax*. Turin: Rosenber and Sellier.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Extended doubling and the VP periphery*. Ms. Disponível em <<http://www.ciscl.unisi.it/persona/belletti.htm>>
- \_\_\_\_\_. 2002. *Aspects of the low IP area*. Ms. Disponível em <<http://www.ciscl.unisi.it/persona/belletti.htm>>
- \_\_\_\_\_. 2001. "'Inversion" as focalization'. In: *Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. A. Hulk & J-Y Pollock (eds). Oxford: Oxford University Press.
- BISSEL, Teal. 2004. Italian Wide-Focus Inversion, Intransitivity and Locality. *MIT Working Papers in Linguistics*, 47 (21-39)
- BRESNAN, Joan. 1994. Locative inversion and universal grammar. *Language* 70(1), 72-131.
- \_\_\_\_\_. & KANERVA. 1989. Locative inversion in Chichewa: A case study of factorization of grammar. *Linguistic Inquiry* 20(1), 1-50.
- CAPELLEN, Herman & LEPORE. 2005. *Insensitive Semantics. A Defense of Semantic Minimalism and Speech Act Pluralism*, London: Blackwell.

CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris.

\_\_\_\_\_. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. 2000. Minimalism Inquiries. In: MARTIN, R., MICHAELS, D. & URIAGEREKA, J. (eds.) *Step by Step*. Cambridge, Massachussets: MIT Press.

\_\_\_\_\_. 2001. Beyond Explanatory Adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 20, Cambridge, Massachussets: MIT.

COELHO, I. 2000. *A ordem V-DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. 2001. *Ordem VS e Sujeito Nulo em PB e PE*. Trabalho apresentado no colóquio "Português Europeu – Português Brasileiro: Unidade e Diversidade na Passagem do Milênio", XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

CINQUE, G. 1993. A Null Theory of Phrase and Compound Stress. *Linguistic Inquiry*, 24: 3.

COSTA, João. 2001. Spec, IP or left-dislocated: Pros and cons of the two analyses of preverbal subjects in european portuguese. *DELTA*, vol. 17, no.2, p. 283-303.

\_\_\_\_\_ & GALVES, Charlotte. 2002. *Peripheral Subjects in Two Varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis*.  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/costa\\_cgalves.pdf](http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/costa_cgalves.pdf)

DUARTE, Maria Eugênia. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. Roberts & M.A.Kato (orgs) *Português Brasileiro uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. 107-128

\_\_\_\_\_. 1995. *A Perda do Princípio "Evite pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

\_\_\_\_\_. 2003. Reestruturação nas construções existenciais e de alçamento. Trabalho apresentado na ABRALIN, na Sessão Coordenada, Novas perspectivas sobre a ordem VS do PB.

FERREIRA, Marcelo Barra. 2000. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. 1996. *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.

GALVES, Charlotte. 1987. A sintaxe do português brasileiro. *Cadernos de Ensaios Lingüísticos*, 13:31-50.

\_\_\_\_\_. 1998. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campnas (34)

\_\_\_\_\_. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.

GUERRA, Helena. 2004. *Sobre o fenômeno da flutuação do quantificador em português e inglês*. Exame de qualificação. Universidade de Brasília. Ms.

\_\_\_\_\_. (em preparação). *Sobre o fenômeno da flutuação do quantificador em português e inglês*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Ms.

KAYNE, Richard & POLLOCK, J. 2001. New Thoughts on Stylistic Inversion. In: A. Hulk & J-Y Pollock (eds.) *Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press.

KATO, Mary. A. 1999. Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter. *Probus*, 11:1-37

\_\_\_\_\_. 2000. A Restrição de Mono-Argumentalidade da Ordem VS no Português do Brasil. *Fórum Lingüístico*, 2: 97-127.

\_\_\_\_\_ & TARALLO, F. 1993/2003. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. IN: Schlieben-Lange, Villaça Koch, Jungbluth (orgs.) *Dialog zwischen den Schulen*. Münster: Nodus Publikationen.

KISS, K. 1998. Identificational focus versus information focus. *Language*, 74 (2):245-273.

LEVIN, B. & RAPPAPORT, H. 1995. *Unaccusativity at the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge, Mass., MIT Press.

LIRA, Solange. 1986. Subject posposition in portuguese. *DELTA*, 2, 1.

LOBATO, Lúcia. 1989. Sobre a regra de anteposição do verbo no PB. *DELTA*, 4 (1), p. 121-147

\_\_\_\_\_. 2002. *Licenciamento de referencialidade como gatilho para movimento*. Trabalho apresentado no Workshop Variação Translingüística e Teoria Gerativa UnB LIV, 2002(MS)

MIOTO, C. 2003. Focalização e quantificação. Ms.

NARO, A. & VOTRE, S. 1999. Discourse Motivations for Linguistic Regularities: verb/subject order in spoken brazilian Portuguese. *PROBUS*, 11, 1: 76-100.

NASCIMENTO, M. 1984. *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Tese de doutorado, Universidade de Paris VIII.



NEGRÃO, Esmeralda Vaialati. 1999. O Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso. Tese de Livre Docência. USP

PEZATTI, E. 1993. A ordem das palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *ALFA*, 37: 159-178.

PILATI, Eloisa. 2002. *Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. 2004. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo sujeito no português do Brasil*. Exame de qualificação para Doutorado, Universidade de Brasília.

PINTO, Manuela. 1997. *Licensing and Interpretation of Inverted Subjects in Italian*. Tese de Doutorado. LED, Utrecht.

PIRES, Acrísio. 2001. *The syntax of infinitives and gerunds*. Tese de Doutorado. Universidade de Maryland.

POLETTO, C. & POLLOCK, J-Y. 2000. *On the Left Periphery of Some Romance Wh-Questions*. ms.

POLLOCK, Jean-Yves. 2000. *Subject clitics, Subject Clitic Inversion and Complex Inversion: Generalizing Remnant Movement to the Comp Area*. Ms.

\_\_\_\_\_. 2000. *Subject Clitics, Subject Clitic Inversion and Complex Inversion: Generalizing Remnant Movement to the Comp Area*. ms.

PONTES, Eunice. 1987. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.

REINHART, T. 1995. *Interface Strategies*. OTS, Universidade de Utrecht: Ms.

RODRIGUES, Cilene. 2004. *Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains*. Tese de Doutorado Universidade de Maryland.

ROUSSOU, Anna. & T-SIMPLI. 2003. *On (Greek) VSO again!* Ms.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares. 2005. *A natureza de Agr e suas implicações na ordem Vs: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu.* Tese de Doutorado. UFAL

VIOTTI, Evani. 2002. *Revisitando a ordem VS do português brasileiro: questionando a existência de expletivos nulos.* Ms.

ZUBIZARRETA, M. L. 1998. *Prosody, Focus and Word Order.* MIT Press.